

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

TESE DE DOUTORADO

**BEM-ESTAR SUBJETIVO E METAS DE VIDA: UM ESTUDO
TRANSVERSAL COM HOMENS E MULHERES PERTENCENTES A
TRÊS FAIXAS DE IDADE**

SUELI APARECIDA FREIRE

ORIENTADORA: PROFA. DRA. ANITA LIBERALESSO NERI

2001

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

**BEM-ESTAR SUBJETIVO E METAS DE VIDA: UM ESTUDO
TRANSVERSAL COM HOMENS E MULHERES PERTENCENTES A
TRÊS FAIXAS DE IDADE**

SUELI APARECIDA FREIRE

ORIENTADORA: PROFA. DRA. ANITA LIBERALESSO NERI

Este exemplar corresponde à redação final da tese defendida por Sueli Aparecida Freire e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: ____/____/____

Assinatura:

Comissão Julgadora:

2001

**CATALOGAÇÃO NA FONTE ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

F883b Freire, Sueli Aparecida.
Bem-estar subjetivo e metas de vida : um estudo transversal
com homens e mulheres pertencentes a três faixas de idade /
Sueli Aparecida Freire. -- Campinas, SP : [s.n.], 2001.

Orientador : Anita Liberalesso Neri.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
Faculdade de Educação.

1. Meta (Psicologia). 2. Adultos. 3. Idosos. 4. * Bem-estar
subjetivo. I. Neri, Anita Liberalesso. II. Universidade Estadual
de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

AGRADECIMENTOS

Todo trabalho é sempre produto da ação de muitos que, direta ou indiretamente, contribuem para sua realização. Alguns colaboradores ficam no anonimato mas nem por isso são menos importantes. É o caso das pessoas que gentilmente se dispuseram a responder aos instrumentos desta pesquisa. A esses colaboradores meus sinceros agradecimentos.

Quero também expressar meus agradecimentos:

À Universidade Federal de Uberlândia (UFU), pela minha liberação para capacitação profissional e pela concessão de uma bolsa de estudos do Programa PICDT - CAPES o que possibilitou meu crescimento e meu aperfeiçoamento profissional.

Aos colegas docentes e às funcionárias do Departamento de Psicologia Social e Educacional da Faculdade de Psicologia da UFU pelo incentivo e pelo reconhecimento de meu empenho no cumprimento de meus compromissos acadêmicos. Agradeço especialmente à Prof.a Dra. Mirlene Maria Matias Siqueira e à Prof.a Olga Inácio de Moura, hoje professoras aposentadas dessa universidade, com quem muito aprendi sobre meu papel profissional como docente e pesquisadora.

Aos docentes dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia Educacional e em Gerontologia com quem tive oportunidade de estudar e que muito contribuíram para o enriquecimento deste trabalho.

Aos funcionários da Secretaria de Pós-Graduação e da Biblioteca da Faculdade de Educação pelas orientações, pelos esclarecimento de dúvidas e pelo auxílio operacional.

Às alunas do Curso de Psicologia da UFU, Daniela Torres Gonçalves Santos, Mariana Pelizer Albuquerque e Priscilla Martins Borges, pela colaboração no trabalho de coleta e análise dos dados. Sua disposição para trabalhar e entusiasmo para aprender tornaram essa etapa do trabalho menos cansativa.

A Rodrigo Tsai pelo esmerado trabalho de tratamento estatístico dos dados.

A Beatriz Mattos Marchesini que fez a cuidadosa revisão do texto.

A Christian Greis pela edição deste trabalho.

Meus agradecimentos especiais:

À prof.a Dra. Anita Liberalesso Neri que, mais do que orientadora, desde meu curso de Mestrado tem sido uma incentivadora e amiga, a quem agradeço a oportunidade de mais uma vez trabalharmos juntas.

Aos amigos Dra. Lucila L. L. Goldstein, Alberto de Vitta , Andréa Temponi dos Santos, Cinara Sommerhalder, Eliete Jussara Nogueira, Marilim E. Silva Capitanini, Marineia Crosara de Resende e Regina M P. Leite Erbolato, colegas do Núcleo de Estudos Avançados em Psicologia do Envelhecimento (NEAPE) da Faculdade de Educação da UNICAMP, profissionais preocupados com as questões do envelhecimento, com os quais aprendi muitas lições para minha vida profissional e, principalmente, pessoal. Muito obrigada a todos pela oportunidade de convivência, troca de experiências e especialmente pelas críticas feitas a este trabalho em diferentes momentos de sua construção.

APRESENTAÇÃO

Na bibliografia sobre indicadores e determinantes do envelhecimento saudável, o bem-estar subjetivo aparece como um tema bastante investigado na literatura internacional. Estudos sobre esses assuntos têm contribuído para a compreensão de processos psicológicos básicos, para a promoção de iniciativas práticas voltadas para a melhoria da qualidade de vida e para a avaliação de políticas e programas sociais voltados para o atendimento das necessidades da camada da população formada pelos adultos mais velhos e pelos idosos. Investigações relacionando variáveis psicológicas, como a satisfação com a vida, com processos de auto-regulação, como o desenvolvimento e a reestruturação de metas de vida, têm sido realizadas por pesquisadores estrangeiros mas são pouco exploradas no Brasil.

Nessas investigações, as metas pessoais de vida são consideradas como um dos fatores que influenciam o bem-estar subjetivo e como um dos componentes da saúde mental e do envelhecimento bem-sucedido.

Em geral, as pessoas estabelecem metas que se relacionam com diferentes domínios da vida (como realização profissional, autonomia, manutenção da própria saúde ou de contatos sociais significativos). À medida que envelhecem vão criando novas metas ou alterando o investimento que fazem no alcance das que haviam sido estabelecidas anteriormente.

O presente estudo focaliza estes aspectos importantes da vida adulta e da velhice, as metas pessoais de vida (seus conteúdos e os domínios onde são feitos investimentos pessoais) e o bem-estar subjetivo, e baseia-se nos seguintes pressupostos:

- 1.) Há relação significativas entre o nível de satisfação com a vida e as metas que as pessoas se propõem a atingir.

- 2.) O grau de envolvimento em diferentes domínios da vida, medido pelo investimento pessoal, tem relação com as metas de vida dos indivíduos.

Sumário

TÍTULO	Página
CAPÍTULO I	1
1. O INTERESSE PELO ENVELHECER BEM	1
2. O ESTUDO DO DESENVOLVIMENTO DURANTE A IDADE ADULTA E A VELHICE	5
3. TEORIAS, MODELOS TEÓRICOS E O ESTUDO DO DESENVOLVIMENTO NA IDADE ADULTA E VELHICE	7
4. ENVELHECIMENTO SATISFATÓRIO E BEM-ESTAR SUBJETIVO	14
5. METAS PESSOAIS DE VIDA E BEM-ESTAR SUBJETIVO	25
6. OBJETIVOS DA PESQUISA	37
CAPÍTULO II - MÉTODO	39
1. SUJEITOS	39
2. AMBIENTE	49
3. INSTRUMENTOS	51
4. PROCEDIMENTO	53
4.1 PARA COLETA DE DADOS	53
4.2 PARA TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	54
CAPÍTULO III - RESULTADOS	59
1. RESULTADOS DA ANÁLISE UNIVARIADA	60
2. RESULTADOS DA ANÁLISE MULTIVARIADA	76
CAPÍTULO IV - DISCUSSÃO	107
CONCLUSÃO	125
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	127
ANEXOS	143

Lista de Tabelas

<i>NÚMERO</i>	<i>TÍTULO</i>	<i>PÁGINA</i>
1	Distribuição da amostra pelos grupos de idade e gênero	40
2	Respostas dos participantes às variáveis de investimento na vida pessoal	77
3	Tabela cruzada das metas de vida e os grupos etários e de gênero	83
4	Tabela de valores esperados na hipótese de não-associação	83
5	Contribuições para a estatística de Qui-quadrado	84
6	Valores observados menos os valores esperados	85
7	Perfis dos grupos etários e de gênero nas categorias das metas de vida, com valores percentuais.	87
8	Tabela cruzada das variáveis Satisfação Atual e Satisfação Futura	95
9	Tabela cruzada da Satisfação Atual com os grupos etários e de gênero	97
10	Tabela cruzada da Satisfação Futura com os grupos etários e de gênero	97
11	Tabela cruzada das variáveis de Satisfação com a Vida e suas pontuações	98
12	Tabela ordenada segundo interpretação da Análise de Correspondência aplicada à Tabela 11	101

Lista de Figuras

NÚMERO	TÍTULO	PÁGINA
1	Com quem os participantes moram	41
2	Com quem homens e mulheres moram	45
3	Estado civil dos grupos de idade	45
4	Nível de escolaridade dos grupos de idade	47
5	Pessoas com quem moram de acordo com o grupo de idade	49
6	Investimento de homens e mulheres em sexualidade	61
7	Investimento dos grupos de idade em sexualidade	63
8	Distribuição das metas pessoais nas 10 categorias motivacionais	65
9	Categorias das metas pessoais de homens e mulheres	67
10	Categorias das metas pessoais dos grupos de idade	69
11	Satisfação com a vida atual e os grupos de gênero	71
12	Satisfação com a vida atual e os grupos de idade	71
13	Expectativa de satisfação futura e os grupos de idade	73
14	Análise de Correspondência das respostas dos 340 participantes às variáveis de investimento	79
15	Representação gráfica dos perfis-linha da Tabela 7	87
16	Primeiro plano fatorial da Análise de Correspondência da Tabela 3	91
17	Análise de Correspondência: Satisfação Atual e Satisfação Futura	95
18	Análise de Correspondência das respostas dos 340 participantes às variáveis de satisfação	99

Lista de Anexos

Número	<i>TÍTULO</i>	Página
1	Apresentação da Pesquisa e Instruções	145
2	Ficha de Informações Sócio-demográficas	147
3	Escala para Medida da Satisfação Geral com a Vida	149
4	Escala para Medida da Satisfação com a Vida Referenciada a Domínios	151
5	Escala de Investimento na Vida Pessoal	153
6	Lista de Indutores Motivacionais	155
7	<i>CATEGORIAS MOTIVACIONAIS</i>	157

CAPÍTULO I

1. O INTERESSE PELO ENVELHECER BEM

Nos últimos 20 anos os temas envelhecimento e velhice têm chamado a atenção de um número cada vez maior de pessoas estimuladas pela mídia, pelo apelo da sociedade de consumo voltado para os mais velhos e pelo Estado, interessado em garantir a preservação da saúde a fim de evitar que a população idosa se torne um ônus para os sistemas previdenciário e de saúde pública. Tratada de forma ambivalente - ora como fase da vida digna de respeito e consideração, ora como tema assustador, cercado de mitos e preconceitos - a velhice tem gerado discussões em torno de diversos assuntos como qualidade de vida, prevenção e controle de doenças, lazer, segunda carreira, sentido da vida e sentido da morte, como apontam estudiosos dessas questões (Cançado, 1980; Salgado, 1980; Silveira e Bento, 1982; Birren, 1983; Santos, 1984; Ferrigno, 1988; Neri e Nogueira, 1994; Fraiman, 1995; Wong, 1999).

Nos encontros de profissionais de diversas áreas e entre estudiosos do comportamento, essas mesmas questões referentes à velhice e ao processo de envelhecimento, temas considerados atuais devido à sua importância social, econômica, educacional e médico-sanitária, reaparecem ao lado de reflexões acerca de outros problemas que afetam a

sociedade brasileira. Aumentam as pesquisas voltadas para o estudo da idade adulta e da velhice e para a descoberta de alternativas de atuação em relação a pessoas que estão envelhecendo como apontam Vargas (1994), Neri e Debert (1999) e Neri e Freire (2000).

Apesar de toda essa preocupação e da veiculação cada vez mais rápida de informações acerca do envelhecimento normal e patológico, ainda há muitos problemas a serem resolvidos. O momento atual é caracterizado pela transição demográfica, pelo aumento da expectativa de vida ao nascer e pelo rápido envelhecimento populacional, fenômenos que levam ao aumento do número de idosos, mas, no caso do Brasil, sem a equivalente adequação dos recursos destinados à saúde. Segundo afirmação feita por Ricardo S. Komatsu, presidente da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, seção São Paulo, no prefácio do livro de Rodrigues e Diogo (1996), além de limitados, esses recursos são gastos de maneira pouco racional e sem o necessário ajuste ao perfil de morbidade, de incapacidade e de mortalidade por doenças crônico-degenerativas decorrentes do aumento da população idosa. Alexandre Kalache, Chefe do Programa de Envelhecimento e Saúde, da Organização Mundial de Saúde, no prefácio do livro de Chaimowicz (1998), chama a atenção para a situação do Brasil, que, diversamente dos países europeus e dos Estados Unidos, já começa a sofrer as transformações decorrentes do envelhecimento populacional rápido sem ter diminuído, a níveis considerados satisfatórios, a desnutrição e a mortalidade infantis nos primeiros anos de vida e sem ter resolvido problemas de ordem infra-estrutural e ambiental como poluição dos rios e do ar, baixos níveis educacionais e falta de uma rede básica de serviços de saúde acessível a toda população.

Outros aspectos que se destacam no momento atual, conhecido como “pós-modernidade”, são as mudanças rápidas de conhecimentos, o questionamento de valores, o fenômeno da globalização, a confiança nos sistemas abstratos, a obsolescência e descartabilidade de objetos, pessoas e relações, acompanhados de um certo menosprezo pelo valor da vida. O ritmo vertiginoso dificulta a adaptação a essas transformações tornando o viver e o envelhecer uma experiência difícil para muitas pessoas. Há uma

dúvida institucionalizada e uma incerteza em relação ao futuro que geram insegurança, consumismo desenfreado de bens e até de relações, levando à busca do sentido da vida, de segurança e preenchimento do vazio interior por meio das drogas, da associação a grupos de fundamentalismo religioso e do culto ao sucesso material e ao sexo. A tão sonhada meta da liberdade de escolha acaba se transformando em fonte de preocupações e até mesmo de uma falta de sentido pessoal de vida (Giddens, 1991; Morais, 1997; Freire e Sommerhalder, 1999; Freire e Resende, no prelo).

A preocupação do ser humano com a incerteza do futuro, com a ameaça da falta de bens materiais que garantam sua subsistência, com o risco da incapacidade física e mental, que ocasionam dependência, e com a possibilidade de não haver apoio afetivo-social até o fim da vida, acentua-se nas sociedades contemporâneas marcadas pela competição entre as pessoas na busca da promoção social. Nesse contexto, muitos acabam sendo marginalizados e segregados - dentre eles, o idoso (Haddad, 1986, Rauchbach, 1990, Vargas, 1994).

Diante dessa situação, os especialistas das áreas de Psicologia e Gerontologia têm se preocupado em determinar as principais necessidades da população idosa, suas características, problemas vivenciados e possíveis soluções, a fim de: a) subsidiar a atuação de profissionais dos mais diversos campos de conhecimento que trabalham com a população idosa; b) definir quais estruturas de apoio, no âmbito de assistência à saúde e psicossocial, de lazer e recreação, devem ser criadas, c) preparar a pessoa que envelhece para viver bem essa fase da vida, enfrentando as perdas inerentes a ela; d) proporcionar condições adequadas ao idoso para viver a velhice com qualidade, usufruindo os ganhos associados a ela.

O grande desafio, portanto, é criar condições, acessíveis a todas as pessoas, independentemente do nível socioeconômico e cultural, para um envelhecimento saudável do ponto de vista bio-psico-social. Afinal, o envelhecimento sadio da população é uma meta natural de qualquer sociedade em desenvolvimento (Fernandes, 1985; Veras, 1994).

Em face das perdas naturais, como garantir ao idoso um envelhecimento sadio? Como manter uma boa qualidade de vida durante toda a velhice? Como mostrar às pessoas que envelhecem que isso é possível? Estes são os grandes desafios a serem enfrentados pelos profissionais que trabalham com a velhice: a) determinar quais são os fatores que levam ao envelhecimento saudável; b) tornar esse conhecimento acessível a todas as pessoas e, em especial, c) divulgá-lo para as autoridades responsáveis pelos programas e pelas políticas sociais, de forma que se crie um conjunto sistemático de ações políticas, sociais e individuais que garanta um futuro com qualidade de vida. Mudanças significativas nas esferas social e econômica, nas relações intergeracionais, interpessoais e na postura do indivíduo em relação a seu próprio envelhecimento são necessárias para se enfrentar a nova realidade populacional esperada para o futuro próximo, com a conseqüente alteração na participação social dos idosos e na imagem que a sociedade tem da velhice (Novaes, 1995; Forette, 1998; Freire e Sommerhalder, 1999).

Os profissionais das áreas de Gerontologia, Psicologia e Educação também têm importante papel na busca dos fatores determinantes do envelhecer bem e, principalmente, na divulgação dos conhecimentos acerca das ações para prevenir o desajustamento, a doença, a incapacidade. É necessário determinar formas de intervenção baseadas nas mudanças esperadas, nas esferas biológica, afetiva e cognitiva, para apoiar e manter o bem-estar e a qualidade de vida apesar dos decréscimos ligados ao envelhecimento. As necessidades evolutivas dos idosos requerem um foco não só sobre crescimento e mudança, como também sobre a manutenção do controle de sua vida, sobre o combate dos efeitos do processo de envelhecimento (Housley, 1992).

Nesse contexto de busca de conhecimento acerca do envelhecer bem se insere o presente estudo, que focaliza aspectos importantes da vida adulta e da velhice, quais sejam, as metas pessoais de vida e o bem-estar subjetivo, este avaliado pela satisfação com a vida, uma dimensão cognitiva. Está baseado no pressuposto de que há relações significativas entre os diferentes tipos de metas pessoais e o nível de satisfação com a vida de homens e mulheres de diferentes faixas etárias.

Em geral, as pessoas estabelecem metas de vida a serem atingidas a curto, médio e longo prazo, metas relacionadas a domínios como realização profissional, autonomia, manutenção da própria saúde ou de contatos sociais significativos e, à medida que envelhecem, estabelecem novas metas ou alteram os investimentos que fazem para alcançar as que haviam estabelecido anteriormente.

As metas pessoais, carregadas de importância e afeto, constituem uma variável importante para a compreensão do comportamento humano e são consideradas pelos pesquisadores como um dos componentes da saúde mental e do envelhecimento bem-sucedido e como tendo forte influência sobre o bem-estar psicológico ao longo de toda a vida, em particular na velhice (Lapierre *et al.*, 1996, Zaleski, 1994, *apud* Lapierre, Bouffar e Bastin, 1997).

2. O ESTUDO DO DESENVOLVIMENTO DURANTE A IDADE ADULTA E A VELHICE

Na década de vinte a Psicologia foi uma das primeiras disciplinas científicas a realizar trabalhos sobre o envelhecimento, mas desde então sua ênfase, sobretudo no campo da Psicologia do Desenvolvimento, tem sido sobre a criança e o adolescente. A velhice e o envelhecimento foram deixados de lado, descartados como processo e como desenvolvimento. Em virtude da ausência de perspectivas teóricas que tratassem das últimas etapas da vida, da influência de teorias como as de Piaget e Freud voltadas para o estudo da infância e da adolescência, a Psicologia se ateu a pressupostos do século XIX que falavam da estagnação do desenvolvimento na vida adulta e do caráter involutivo da velhice. Na mesma época, informações vindas da Psiquiatria e de outras áreas da Psicologia - como da Experimental que investigava a aprendizagem, a memória e o tempo de reação, e da Psicometria que pesquisava a inteligência de adultos - confirmavam a noção de que o desenvolvimento encerrava logo após a adolescência (Neri, 1993a, 1993b, 1995).

Essa visão do desenvolvimento humano, desde o início do seu estudo há cerca de 100 anos, foi influenciada por princípios do evolucionismo de Darwin nos quais a Psicologia do Desenvolvimento baseou-se para estabelecer seus pressupostos. Segundo Neri (1993a), o interesse pela infância e pela adolescência estava relacionado à valorização dos ganhos experienciados por sociedades em processo de mudança social e de avanço científico e tecnológico, refletindo na melhora da qualidade de vida da população, no controle de doenças e aumento da longevidade, na diminuição da mortalidade infantil e materna e a conseqüente melhora na expectativa de vida por ocasião do nascimento.

Esse quadro foi se modificando e as pesquisas sobre o envelhecimento foram surgindo guiadas por diversos modelos teóricos. A maioria dos estudos consiste de descrições da organização do comportamento no idoso e seus problemas médicos e sociais refletindo a visão dominante de que o envelhecimento é um problema biológico ou médico e que os mais velhos constituem um problema para a sociedade (Birren e Schroors, 1996).

Nos últimos 40 anos, quer em decorrência do envelhecimento populacional, quer em razão de os próprios pesquisadores do desenvolvimento humano estarem envelhecendo de forma saudável, ativa e produtiva, cada vez mais a velhice tem sido considerada um estado dinâmico (o que subentende atividade e mudança contínuas) e criativo da pessoa integral perante os desafios ambientais. O desenvolvimento de adultos entre 18 e 65 anos passa a interessar mais os psicólogos que começam investigar temas diversos como: as mudanças ocorridas na habilidade para aprender, memória e competência cognitiva, motivação, relações familiares e sociais, controle, auto-eficácia, bem-estar subjetivo, projeto de vida, metas evolutivas, sentido de vida, dentre outros. A Psicologia do envelhecimento passa a ser encarada como campo promissor de estudos e de aplicação de conhecimento. juntamente com os anos intermediários da idade adulta, tratada como período no qual ocorrem mudanças evolutivas importantes para a vida futura do indivíduo (Bischof, 1976; Freire, 1986; Neri, 1993a, 1995; Vargas, 1994; Schaie e Willis, 1996).

Em decorrência de fatores como (a) crescimento de pesquisas e publicações sobre o desenvolvimento do adulto e do idoso sem haver o tempo necessário para a integração dos conceitos e dos dados obtidos, (b) o aumento de serviços profissionais organizados para o atendimento de idosos e (c) a complexidade inerente ao fenômeno “envelhecimento”, a Psicologia do Envelhecimento acabou se transformando hoje em uma área de conhecimento rica em dados, mas pobre em teorias. Nenhuma teoria simples consegue dar conta de todos os aspectos do envelhecimento (biológicos, sociais, psicológicos e espirituais) juntos. As tentativas para desenvolver teorias formais não têm sido satisfatórias e, para suprir sua falta, têm sido criados modelos teóricos voltados para aspectos restritos do envelhecimento, mais simples e quantificáveis que as teorias (Moody, 1988; Birren e Schroors, 1996).

3. TEORIAS, MODELOS TEÓRICOS E O ESTUDO DO DESENVOLVIMENTO NA IDADE ADULTA E NA VELHICE

Na medida em que os acontecimentos ocorridos durante a idade adulta e a velhice passaram a ser encarados como fenômenos interessantes, diversas teorias e modelos teóricos surgiram para colocar alguma ordem nesses fatos, a fim de explicar o conjunto do desenvolvimento humano e tornar a vida mais compreensível. Alguns desses modelos e teorias apresentam o desenvolvimento como fenômeno universal que ocorre em uma seqüência fixa, indo em uma única direção e podendo ser dividido em fases, etapas ou estágios. Outros defendem a idéia de que o desenvolvimento é um processo individual e constante, não referenciado a estágios ou fases, marcado por eventos esperados e não esperados, resultado da interação contínua e recíproca entre um organismo ativo e um contexto sócio-cultural também ativo (Bühler, 1980; Kimmel, 1990; Neri, 1993b, 1995).

A Teoria do Curso de Vida Humana de Charlotte Bühler (1935, 1980) é um exemplo das teorias de estágio. Ao analisar o material obtido de biografias e autobiografias, Bühler e seus alunos constataram que, subjacente às mudanças dos eventos, atitudes e realizações da vida, há uma progressão ordenada de fases. Além disso, verificaram que há um

paralelo entre os processos biológicos de crescimento, estabilidade e declínio e os processos psicossociais de expansão, auge e diminuição de atividades e realizações.

Segundo Bühler (1980), há vantagens em se usar um modelo teórico que trate o desenvolvimento dividido em fases, porque permite o estabelecimento de um paralelo com a evolução biológica e corresponde à maneira como as pessoas em geral pensam sobre suas vidas e como as vivem. No dia-a-dia, as pessoas estão freqüentemente ocupadas em dividir suas vidas em etapas ou fases, seja quando tratam de suas recordações, seja quando falam de seus planos de futuro.

Nesse modelo teórico, o desenvolvimento psicológico é visto como um processo relacionado ao estabelecimento de metas para a vida e pode ser dividido em cinco estágios. Os que se referem à vida adulta e à velhice são os seguintes:

- 1) dos 25 aos 45 anos - autodeterminação definitiva e específica de metas ligadas à atuação criativa no mundo por meio de atividades físicas e mentais;
- 2) dos 45 aos 65 anos - fase de auto-avaliação dos resultados dos esforços para a realização das metas e de busca de preservação da ordem interna;
- 3) dos 65 anos em diante - experiência de satisfação ou de fracasso em relação às metas. Os esforços para realização de metas anteriores continuam ou há o reaparecimento de metas anteriores e a ocorrência de metas voltadas para a satisfação de necessidades imediatas. A meta final é o auto-desenvolvimento, o estabelecimento de contato com outros, o domínio da realidade e o preenchimento da vida pela atualização dos potenciais do indivíduo.

As metas tornam-se gradualmente estáveis durante as primeiras duas décadas de vida. Alguns indivíduos cheios de entusiasmo podem reexaminá-las e esforçar-se por novas metas durante a quarta fase, mas, para a maioria deles, há uma tendência à estabilidade e ao afastamento na segunda metade da vida. Bühler e seus colaboradores concluíram que

o sentimento não haver completado as metas é mais importante que o declínio biológico no desencadeamento do mau ajustamento na velhice (Bühler, 1935, 1980, Kimmel, 1980, 1990; Ryff, 1982; Neri, 1993a, 1995).

Raymond Kuhlen (1964, *apud* Kimmel, 1990), em formulação mais recente desta teoria, enfatizou mudanças nas metas ou nos motivos durante os anos adultos. Propôs que os motivos de crescimento e expansão (tais como: realização, poder, criatividade e auto - atualização) dominam o comportamento do indivíduo durante a primeira metade da vida. Esses motivos podem mudar se forem relativamente satisfeitos (Por exemplo: as necessidades de sucesso ou de sexo) ou se houver mudança na posição social da pessoa (por exemplo: tornar-se mãe ou presidente de uma empresa). Com o avanço da idade, pode haver uma mudança de foco das gratificações diretas e ativas de necessidades para gratificações obtidas de forma mais indireta e vicária.

Idéias similares podem ser encontradas na proposta de Robert E. Havighurst e seu conceito de Tarefas Evolutivas, que são desafios normativos ligados à idade para o desenvolvimento do indivíduo, produzidos conjuntamente por maturação biológica, pressão cultural da sociedade e desejos, aspirações e valores que caracterizam a personalidade do indivíduo. O domínio satisfatório das tarefas evolutivas leva a satisfação e felicidade, torna possível e promove o crescimento psicológico. A falha no domínio das tarefas põe em risco o progresso adicional e o domínio de tarefas evolutivas em fases posteriores do ciclo da vida.

As tarefas agrupam-se em torno de sete pólos (crescimento físico, desempenho intelectual, ajustamento emocional, relacionamento social, atitudes diante do Eu, atitudes diante da realidade e formação de padrões e valores) e são distribuídas em seis fases. As correspondentes aos anos após a adolescência são as seguintes:

- 1) idade adulta inicial (de 18 a 35 anos) – fase de início da carreira profissional, da constituição de uma família e de integração na sociedade, com papéis em grupos sociais e responsabilidades cívicas a serem assumidos;

- 2) idade adulta média (de 35 a 60 anos) – fase de alcançar responsabilidade civil e social, assumindo compromissos sociais e relativos à comunidade, de manter o padrão de vida alcançado, de ajustar-se às mudanças fisiológicas da meia-idade e ao envelhecimento dos pais;
- 3) idade tardia (depois dos 60 anos) – fase de retirada da atuação ativa da sociedade, de ajustamento à diminuição do vigor físico, da saúde e do poder aquisitivo, de continuação do cumprimento das obrigações cívicas e sociais e de preparação para a morte. Para Havighurst, a realização de uma tarefa evolutiva leva à felicidade e ao sucesso em tarefas posteriores e o fracasso leva à desaprovação social, à infelicidade e à dificuldade para realizar as tarefas posteriores.

Embora algumas tarefas evolutivas descritas pareçam antiquadas na perspectiva atual, o enfoque geral tem sido aceito na Psicologia do Desenvolvimento (Havighurst, 1973; Bühler, 1980; Ferreira, 1984; Heckhausen, 1999).

Outro teórico cujas idéias influenciaram os estudos sobre o desenvolvimento na idade adulta e na velhice foi Erik H. Erikson que propôs uma teoria do desenvolvimento que mescla as idéias de Freud com as da Antropologia Cultural. Ele afirma que o desenvolvimento é um processo que acontece durante todo o período da vida numa seqüência de oito estágios, na qual os iniciais funcionam como base para os finais. Cada estágio representa uma luta entre duas tendências conflitantes que precisa ser solucionada satisfatoriamente. Esse desafio envolve processos internos (psicológicos) do indivíduo e processos externos (sociais).

A apresentação de cada estágio por meio dessas duas qualidades opostas ligadas pela palavra *versus* sugere uma interação dialética em que há uma tensão entre duas ou mais forças. O resultado é uma nova síntese que reflete uma adaptação ativa e em que a resolução da tensão é diferente da simples soma das forças originais.

De acordo com a proposta de Erikson, os estágios do desenvolvimento referentes aos anos da vida adulta e da velhice, são os seguintes:

- 1) idade adulta jovem – Intimidade *versus* Isolamento: uma vez estabelecida a identidade no estágio anterior, o compromisso ideológico da adolescência levará a associações íntimas e, eventualmente, a padrões de coabitação. A Intimidade, no sentido geral, é a capacidade de compromisso com amigos e companheirismo duradouros e no particular refere-se à mutualidade genital. A força importante deste estágio é o Amor que impregna a intimidade dos indivíduos e serve como base da preocupação ética elaborada para padrões afiliativos.
- 2) idade adulta – Geratividade *versus* Estagnação: neste estágio o foco está na criação dos filhos, na conquista profissional e na educação das novas gerações. O esforço vital do Cuidado é a principal conquista resultante da resolução do conflito, estendido para o que foi gerado pelo amor (os filhos), pela necessidade (o cuidado dos pais) ou por escolha (a atuação profissional como educador).
- 3) velhice - Integridade *versus* Desespero: neste período há uma integração das experiências das fases anteriores, o encontro com a identidade básica e a aceitação do *self*. Sem o senso de equilíbrio, de autenticidade e de coesão, toda a vida anterior parecerá uma luta sem sentido e surgirá o desespero ante a conscientização de que não há como consertar o passado, nem tempo para novas lutas a longo prazo. A Sabedoria é a força básica resultante da síntese do conflito e representa a preocupação desprendida com a vida em si mesma e com a própria morte. Por seu intermédio o idoso mantém a integridade da experiência e aprende a exprimi-la, a despeito do declínio das funções mentais e corporais (Kimmel, 1980, 1990; Erikson, Erikson e Kivnick, 1986; Neri, 1993a, 1995; Bee, 1997; Erikson, 1998).

Passando para as proposições teóricas não referenciadas a estágios destaca-se o modelo sociointeracional de Bernice L. Neugarten. De acordo com esse modelo, a continuidade e as mudanças na personalidade do adulto resultam das interações com o ambiente

externo e com as outras pessoas e das experiências consigo mesmo (autoconhecimento e consciência de como é percebido pelos outros). O desenvolvimento adulto é visto como menos dependente de reguladores biológicos do que os anos iniciais da vida e organizado por processos sociais como:

- a) uma agenda social de eventos esperados que organiza a vida e dá ao indivíduo um senso de normalidade. Nela estão contidos as normas de idade e os papéis ligados à idade e ao gênero.
- b) normas de idade, que são padrões e expectativas referentes aos comportamentos considerados como próprios e impróprios às diferentes idades, profissão e estado civil.
- c) os papéis etários e de gênero, que se referem aos comportamentos esperados para o indivíduo de acordo com idade e sexo.
- d) a noção pessoal aprendida de “relógio social”, que dá ao indivíduo um senso de estar “em dia”, “atrasado” ou “adiantado” em relação ao esperado para sua geração ou grupo de idade.
- e) o tempo histórico, noção relacionada com a determinação dos ciclos de vida individuais, que pode afetar toda uma geração ou grupos de idade dentro dela (Neugarten, 1976, 1979; Neri, 1993a).

A partir dos anos 70 passa a ter destaque a Teoria *Life-Span* do Desenvolvimento, que apresenta várias proposições sobre o processo de desenvolvimento ao longo da vida, tais como:

- a) a ontogênese não se completa na maturidade mas se estende desde a concepção até a velhice, envolvendo processos adaptativos que duram a vida toda;

- b) processos de desenvolvimento podem ter início em qualquer ponto da vida (e não apenas no nascimento) e podem ter diferentes duração, impacto e ponto de término;
- c) nem todos os processos de desenvolvimento seguem uma linha reta como é proposto pelas teorias de estágio. Alguns podem ser curvilíneos, isto é, importantes no início e fim da vida mas não no período intermediário. Exemplo: o tempo para lazer, sem as preocupações e a responsabilidade com o trabalho e o cuidado com filhos, é maior na infância e na velhice do que na idade adulta média. A habilidade atlética na idade adulta inicial é maior do que na infância e velhice;
- d) há considerável variação individual no desenvolvimento a qual aumenta com a idade, particularmente na vida adulta e na velhice.

O desenvolvimento é visto como pluralístico por começar em diferentes pontos da vida, seguindo diferentes cursos e sob diferentes tipos de influências. Segundo esse modelo, três tipos gerais de influências podem ser identificados:

- a) Normativas graduadas pela idade - influências biológicas, sociais e culturais relacionadas à idade, tais como maturação física durante a infância, climatério e aposentadoria durante a idade adulta.
- b) Normativas graduadas pela história - influências ligadas a mudanças sociais ou ambientais que afetam muitos membros de uma cultura. Os efeitos vão ser diferentes para as pessoas dependendo da faixa etária em que estavam na ocasião do evento. São exemplos desse tipo de influência a Segunda Guerra Mundial e a Revolução de 64 no Brasil.
- c) Não - normativas - trata-se de eventos significativos que afetam uma pessoa em particular como acidentes, desemprego, ganhar um grande prêmio em dinheiro.

O impacto desses três tipos gerais de influências ocorre ao longo do tempo, difere entre os indivíduos e varia para comportamentos diferentes. Assim como as influências

graduadas pela idade têm maior impacto na infância e na velhice, as graduadas pela história têm seu pico de impacto durante a adolescência e as não-normativas têm seu impacto aumentado regularmente da infância para a velhice.

Nessa perspectiva teórica é enfatizado o estudo do adulto e do idoso quanto a aspectos cognitivos, mudanças de personalidade e alterações de saúde mental associadas à idade, à motivação para o desenvolvimento contínuo e ao alcance e à manutenção da competência e da produtividade. Como o desenvolvimento é visto como um processo multidirecionado, envolvendo crescimento e declínio, a idade adulta avançada e a velhice deixam de ser associadas apenas à deterioração, passando a ser vistas como ligadas também a ganhos, capacidade de resistência e adaptação do *self* e de enfrentamento das perdas e mudanças degenerativas (Baltes, Reese e Lipsitt, 1980; Baltes, 1987; Heckhausen, Dixon e Baltes, 1989; Baltes, Smith e Staudinger, 1991; Baltes, Lindenberger e Staudinger, 1998).

Assim, o estudo sobre o adulto e o idoso foi gradativamente sendo introduzido na Psicologia como área de pesquisa e aplicação, tendo por base tanto teorias que enfatizam a evolução em estágios, quanto teorias não-referenciadas a estágios, que tratam o processo do desenvolvimento como resultado da interação constante de uma pessoa em transformação com um meio ambiente físico, social e cultural também em transformação, ora ressaltando os aspectos degenerativos e as perdas associadas ao envelhecimento, ora dando ênfase aos aspectos adaptativos e de enfrentamento dessas perdas.

4. ENVELHECIMENTO SATISFATÓRIO E BEM-ESTAR SUBJETIVO

Quando se trata de estudar o processo de envelhecimento, freqüentemente encontram-se mais referências aos aspectos negativos, como perda de papéis sociais, dificuldades de memória e doenças, do que aos ganhos a ele associados, como aumento de experiência, sabedoria e habilidade nas relações sociais. Provavelmente isso se deve à crença comum

de que perdas só ocorrem na velhice e os ganhos estão restritos às fases iniciais do desenvolvimento. No entanto, como foi apontado pelos teóricos do modelo *life-span* do desenvolvimento, perdas e ganhos ocorrem em todas as etapas da vida do indivíduo, embora na velhice haja mais perdas do que ganhos.

Apesar dessa ênfase nos aspectos negativos do envelhecimento, desde a década de cinquenta há uma preocupação com a descrição da velhice saudável, normal e com a descoberta de fatores que levam a ela. O lema da *Gerontological Society of America*, “Acrescentar vida aos anos e não apenas anos à vida”, até hoje é símbolo da busca de valores e ideais humanos no estudo do envelhecimento.

Com o envelhecimento populacional e o aumento da expectativa de vida sendo compartilhados por um número crescente de pessoas, nos últimos 30 anos as investigações sobre qualidade de vida na velhice, envelhecimento satisfatório ou bem-sucedido e bem-estar subjetivo tornaram-se focos da atenção dos pesquisadores preocupados em determinar os fatores que os antecedem e com quais estão associados. Têm sido feitos estudos associando-os com características de personalidade, investimento, senso de controle e de auto-eficácia, metas de vida, sentido pessoal, estratégias de enfrentamento, adaptabilidade e capacidade de reserva do *self*, dentre outros.

A partir da chamada meia-idade ou idade adulta intermediária, quer em decorrência do aparecimento de evidências físicas denotando que a juventude está ficando cada vez mais distante no tempo, quer em decorrência das expectativas sociais e pessoais e dos estereótipos ligados a essa fase da vida, o adulto passa a se preocupar cada vez mais com as questões ligadas ao envelhecimento. Embora a velhice muitas vezes seja vista como fase assustadora da vida, cercada de mitos e concepções nem sempre fundamentadas em fatos e comprovações científicas, em geral as pessoas esperam chegar até ela e vivê-la da melhor maneira possível, com o mínimo de limitações e o máximo de satisfação, independência e capacidade produtiva (Mosquera, 1978; Lidz, 1983; Rosa, 1983; Bee, 1997; Heckhausen, 1999).

O envelhecimento satisfatório, um dos ideais humanos, ao lado de valores básicos como felicidade, esperança e sentido de vida, é almejado por grande número de pessoas que prevêem uma longa velhice. Os estudiosos referem-se a ele como processo que envolve um alto nível de saúde física e capacidade generalizada para responder com flexibilidade aos desafios biológicos, psicológicos, econômicos e sociais. Caracteriza-se por pouca ou nenhuma perda de funções em razão da idade e relaciona-se com a capacidade do indivíduo para manter baixo risco de doenças e incapacidade, alta função mental e física e engajamento ativo na vida. Depende: (a) do equilíbrio entre limitações e potencialidades, o que permite ao indivíduo enfrentar as perdas inevitáveis da última fase da vida e (b) da constante interação entre indivíduo e meio ambiente, a qual facilita sua adaptação às mudanças ocorridas em si próprio e no mundo que o cerca (Baltes e Baltes, 1990; Neri, 1993b; Freire, 2000).

De acordo com Neri e Cachioni (1999), na concepção de velhice bem-sucedida existem três idéias associadas. A primeira refere-se à possibilidade de realização do potencial individual para alcançar um grau de bem-estar físico, psicológico e social considerado como ideal pelo indivíduo e por seu grupo de idade, segundo o seu próprio julgamento, os parâmetros dados por condições objetivas presentes e pelo julgamento de instituições acerca dessas condições.

A segunda idéia trata do funcionamento semelhante ao da média da população mais jovem. Aqui estão envolvidas as concepções sobre a preservação da juventude e o retardamento do envelhecimento comuns em muitas práticas médicas, físicas, sociais e educacionais. Mas nessas práticas freqüentemente são esquecidas as necessidades de criar oportunidade de treinamento, capacitação e reciclagem dos adultos e idosos que estão no mercado de trabalho, de dar informações e desenvolver programas educativos para adultos e idosos envolvendo as descobertas feitas pelos pesquisadores acerca das condições e dos cuidados importantes para remediar os déficits, para manter a funcionalidade e aperfeiçoar-se em domínios diversos (como capacidade física e de relacionamento, funcionamento cognitivo

e memória). Isso leva à terceira idéia associada à velhice bem-sucedida (Okuma, 1998; Neri, 1999).

Na literatura sobre o assunto são encontrados estudos indicando que os indivíduos possuem capacidade para compensar os declínios que acompanham o processo de envelhecimento usando estratégias cognitivas e recursos tecnológicos. Pode-se, por exemplo, treinar técnicas de memorização para reduzir a taxa de esquecimento. A diminuição da capacidade de apreensão de grande quantidade de conhecimento novo em curto intervalo de tempo pode ser contornada pelo uso do conhecimento já adquirido para associar com o novo e assim facilitar a aprendizagem (Baltes e Baltes, 1990; Neri, 1993b; Freire, 2000).

Essa capacidade de manutenção da competência em domínios selecionados do funcionamento por meio de mecanismos de compensação e otimização é descrita por Baltes e Baltes em seu modelo psicológico de envelhecimento bem-sucedido. A idéia dos autores é que o indivíduo seleciona domínios de comportamento em que manterá um nível ótimo de funcionamento pelo uso de estratégias de treino e de ativação dos motivos para aprender. Esses dois mecanismos permitem a compensação das perdas ocasionadas pelo envelhecimento e a manutenção da funcionalidade (Baltes e Baltes, 1990; Baltes, 1994).

Como se apreende das idéias anteriores e considerando o modelo teórico de desenvolvimento *life-span*, o processo que culmina na velhice satisfatória implica um conjunto de perdas em diferentes domínios e uma série de ganhos que dependem de fatores genéticos, biológicos, psicológicos, históricos, culturais e sociais que atuam na vida do indivíduo.

Além disso, os indivíduos envelhecem de maneira muito diferenciada, dependendo de como organizaram suas vidas, das circunstâncias históricas e culturais em que viveram e vivem, da ocorrência de doenças durante o envelhecimento e da interação entre fatores genéticos e ambientais. Esse conjunto de fatores dará condições diferenciadas para os

indivíduos enfrentarem as perdas e as mudanças decorrentes do envelhecimento, para lidar com as transformações ocorridas em si mesmos e no meio em que estão inseridos.

Os indivíduos utilizam-se de vários mecanismos e estratégias de enfrentamento para manter ou redescobrir funções que normalmente declinam com a velhice e para manter um senso positivo do *self* entre os quais: (a) ativação e uso de diferentes *selves*; (b) transformações e rearranjos em metas pessoais, em valores e nos níveis de aspiração e expectativas; (c) mudanças nos processos de comparação social e no uso de normas sociais e (d) atividades ou cuidados para atenuar ou eliminar os declínios ligados à idade (Costa *et al*, 1987; Ryff, 1989b; Brandtstädter e Renner, 1990; Staudinger, Marsiske e Baltes, 1993; Baltes, 1994).

Um aspecto importante da adaptabilidade é a capacidade de reserva, conceito extraído das concepções sobre o desenvolvimento infantil e estendido para incluir a idade adulta e a velhice. Refere-se ao potencial de um indivíduo para mudança e crescimento e relaciona-se a uma das proposições fundamentais dentro da perspectiva *life-span* do desenvolvimento: a de que, ao longo de toda a extensão do ciclo da vida, o desenvolvimento compreende níveis aumentados, diminuídos e estáveis de funcionamento. Os indivíduos têm uma capacidade de reserva e são capazes de uma plasticidade funcional durante todo o curso de vida. A idéia é a de que esse funcionamento resiliente é um potencial que continua possível na vida adulta e na velhice, em graus e formas variados.

O conceito de resiliência, relacionado à concepção de capacidade de reserva, foi extraído da psicopatologia do desenvolvimento e expressa a idéia de que os indivíduos podem evitar resultados negativos, a despeito da presença de fatores de risco significativos no meio ambiente. Inclui também a idéia de que os indivíduos podem recuperar níveis normais de funcionamento, com e sem a ajuda de intervenções externas, depois de reveses do desenvolvimento. Concepções estereotipadas da idade adulta avançada e da velhice têm levado a vê-las como um tempo marcado por pouca capacidade de resiliência. No entanto, os pesquisadores têm apontado que a resiliência é um componente importante do

envelhecimento psicológico, não apenas como fenômeno de ocorrência natural (isto é, os adultos mais velhos espontaneamente mostram funcionamento resiliente a despeito da presença de riscos), mas como característica que pode ser suportada e aumentada por intervenções favoráveis provenientes do ambiente.

O potencial atual do indivíduo para o máximo desempenho (ou seja, até onde ele é capaz de ir com seus atuais recursos internos e externos), a possibilidade de preservação e expansão de reservas para o desenvolvimento pessoal mediante exercícios, aprendizagem e treino, a capacidade de adaptação e os diversos indicadores a ela relacionados (auto-estima, senso de controle pessoal, bem-estar subjetivo) têm sido apontados pelos estudiosos como importantes para o processo de envelhecimento satisfatório e, embora haja pequena ou nenhuma correlação entre a idade e esses aspectos, eles não duram a vida toda. Em idade avançada (acima dos 90 anos) podem-se observar mudanças mais salientes em direção a um nível mais baixo do funcionamento desejável desses aspectos. Assim, a idade não parece ser um fator de risco para os aspectos do *self* e da personalidade a não ser nas idades mais avançadas. No âmbito do funcionamento individual ocorrem variações quanto aos limites de funcionamento determinados pelos aspectos biológicos, históricos, sociais e pessoais (Baltes e Baltes, 1990; Staudinger, Marsiske e Baltes, 1993; Baltes, Lindenberger e Staudinger, 1998).

Além da plasticidade e da resiliência, outra dimensão que sofre pouco ou nenhum decréscimo com o avançar da idade, apesar das tensões e dificuldades inerentes ao envelhecimento, é o senso de bem-estar subjetivo, tema de diversos estudos da Psicologia e da Gerontologia, considerado como fundamental para o processo de adaptação ao meio e como recurso positivo para potencializar a auto-realização do indivíduo, do grupo ou da comunidade. Medidas de satisfação com a vida, afeto, estado de espírito e felicidade têm sido utilizadas como indicadores sensíveis da qualidade de vida, da experiência subjetiva de envelhecer, das necessidades de adultos e idosos e como critério na avaliação de políticas e programas sociais (George, 1978; Horley, 1984; Tran, 1992; Sarriera *et al*, 1996).

O bem-estar subjetivo, a avaliação que o indivíduo faz da sua vida em geral ou de seus domínios, tendo por base seus próprios padrões, valores e crenças, é um componente importante da qualidade de vida e do envelhecimento satisfatório. Está associado à capacidade do indivíduo para adaptar-se às perdas ligadas ao processo de envelhecimento, para recuperar-se de eventos estressantes ao longo do curso de vida (como desastres naturais, perda de entes queridos, promoção para um alto cargo na empresa em que trabalha) e de sua capacidade de reserva. É também um construto multidimensional que abrange:

- a) avaliações cognitivas – referem-se aos julgamentos que o indivíduo faz sobre a satisfação com a vida em geral ou com um ou mais domínios específicos, como trabalho, casamento e relacionamento social. Depende de padrões e critérios do indivíduo para avaliar sua vida em termos positivos.
- b) reações afetivas – referem-se às experiências emocionais agradáveis e desagradáveis, que constituem um contexto psicológico de natureza afetiva através do qual o indivíduo organiza seu pensamento e emite suas ações. Trata-se do equilíbrio entre os afetos positivo e negativo vividos mais ou menos intensamente pelo indivíduo. Há uma ênfase na experiência emocional prazerosa e a preponderância de afeto positivo em relação ao negativo (Horley, 1984; Neri, 1993b; Diener e Suh, 1997; Siqueira, Martins e Moura, 1999).

Diener (1984) fez uma revisão da literatura sobre bem-estar subjetivo abrangendo as medidas existentes, os fatores causais e as teorias relacionadas. Destacou que os pesquisadores estão interessados em saber como e por que as pessoas vivem suas vidas de modo positivo. Agrupou as definições de bem-estar e felicidade em três categorias. A primeira inclui as definições que tratam o bem-estar como uma qualidade a ser possuída, uma virtude considerada desejável, com base em critérios e valores externos. As outras duas categorias de definições referem-se ao bem-estar como satisfação com a vida e como experiência afetiva positiva, conforme descritas acima.

Três aspectos importantes merecem destaque. Em primeiro lugar, o bem-estar subjetivo, experiência interna à qual se tem acesso pelo auto-relato do indivíduo, nem sempre é afetado por condições de saúde, conforto e riqueza. A influência destes aspectos depende dos valores e expectativas do indivíduo, do grupo a que pertence e da sociedade. Em segundo, nos estudos sobre o assunto, medidas de aspectos positivos têm sido mais utilizadas, o que não significa a ausência de aspectos negativos. No entanto, apesar do pressuposto de que o bem-estar subjetivo é resultado do balanço entre afetos positivos e negativos, ainda não se sabe como eles se equilibram. Por último, as medidas de bem-estar subjetivo incluem um julgamento global de todos os aspectos da vida da pessoa. E, embora o afeto ou a satisfação em relação a algum domínio em particular possa ser avaliado, a ênfase é geralmente colocada sobre o julgamento integrado da vida da pessoa. As medidas podem se referir tanto a um período curto de tempo quanto a toda a vida do indivíduo.

Vários instrumentos foram criados para medir o bem-estar, tanto medidas do tipo item único como do tipo múltiplos itens. Comparando os dois tipos de instrumentos, Diener afirma que as escalas de item único são as mais criticadas pelos pesquisadores especialmente porque o bem-estar subjetivo é composto por vários componentes e com esse tipo de medida as informações sobre eles ficam perdidas. No entanto, essas escalas são adequadas quando se pretende fazer um levantamento breve ou ter indicações menos refinadas sobre o assunto. O instrumento criado por Cantril (1967, *apud* Andrews e Robinson, 1991) é um exemplo de escala de item único.

As escalas do tipo múltiplos itens podem ser mais úteis para a avaliação do bem-estar por se tratar de um construto com vários fatores, mas as medidas existentes muitas vezes são carregadas de desejabilidade social e fatores ideológicos, de conteúdos relacionados ao afeto dos respondentes e à avaliação cognitiva de suas vidas. As Escalas de Satisfação com a Vida, criadas por Neugarten, Havighurst e Tobin (1961), são um exemplo de medida do tipo múltiplos itens.

Dependendo dos objetivos de uma pesquisa, pode ser mais útil utilizar medidas que fazem referência a domínios específicos da vida social ou do desenvolvimento da pessoa, desde que tais medidas estejam relacionadas com os fundamentos teóricos da pesquisa ou com os problemas práticos que estão sendo estudados. Para se ter uma visão mais ampla do bem-estar subjetivo em um estudo, há possibilidade de se usar uma medida de satisfação geral com a vida associada com medidas de satisfação referenciada a domínios como relações sociais, família e saúde, pois nos resultados das pesquisas tem sido demonstrado que há uma relação forte entre esses dois tipos medidas (Diener, 1984; Neri, 2000).

Diener (1984), ao fazer uma revisão das teorias psicológicas mais provocativas relacionadas à felicidade, afirma que, embora o tema venha sendo investigado há muito tempo, pouco progresso teórico tem sido feito no sentido de compreender e integrar as informações acumuladas acerca do bem-estar subjetivo. E de acordo com Ryff (1989a, 1995), há uma falta de definições operacionais e de estruturas teóricas em torno das medidas sobre o bem-estar subjetivo e suas dimensões. Segundo essa autora, grande parte dos autores que estudaram a satisfação com a vida e a felicidade não elaboraram teorias específicas que explicassem esses índices de funcionamento mental positivo. Propõe, então, um modelo multidimensional de bem-estar baseado em concepções sobre o funcionamento psicológico positivo extraídas da Psicologia do Desenvolvimento (entre os quais se incluem os estudos de Bühler, Erikson e Neugarten), da Psicologia Clínica (como as concepções de Jung, Allport, Rogers e Maslow) e da literatura de saúde mental (como os critérios de saúde mental de Jahoda). O modelo proposto compreende seis dimensões distintas do funcionamento psicológico positivo:

- a) auto-aceitação – implica uma atitude positiva em relação a si próprio e à sua vida passada, em reconhecer e aceitar diversos aspectos de si mesmo, incluindo características positivas e negativas;
- b) crescimento pessoal – estar aberto a novas experiências, ter um senso de crescimento contínuo, de realização do potencial pessoal e um senso de auto-realização;

- c) propósito de vida – ter metas e objetivos que dão sentido de direção à vida. O indivíduo possui crenças que dão propósito à vida e que a tornam significativa;
- d) relação positiva com os outros – envolve ter relações confiáveis e de qualidade com os outros, ou seja, uma relação calorosa, empática, satisfatória e verdadeira, inclusive voltada para o bem-estar alheio;
- e) domínio sobre o ambiente – ter senso de domínio e competência para manejar o ambiente e aproveitar as oportunidades, ser capaz de manejar as demandas da vida diária e do mundo ao redor. Ser hábil para escolher ou criar contextos apropriados a suas necessidades e seus valores;
- f) autonomia – significa ser autodeterminado, independente e hábil para seguir suas próprias convicções e resistir às pressões sociais para pensar e agir de determinada maneira (Ryff, 1982, 1989b; Ryff e Essex, 1991; Ryff e Keys, 1995).

Outros aspectos têm sido considerados como indicadores do bem-estar subjetivo, como as atividades diárias prazerosas, a visão significativa da vida, o sucesso na realização de objetivos maiores, a auto-imagem positiva e as atitudes otimistas (Neugarten, Havighurst e Tobin, 1961). Outros estudos fazem a sua relação com variáveis psicológicas, como traços de personalidade (Adkins, Martin e Poon, 1996; DeNeve e Cooper, 1998), religiosidade (Goldstein e Neri, 1993, 1999; Mookherjee, 1994), senso de controle pessoal (Housley, 1992) e sentido de vida (Reker; Peacock e Wong 1987; Wong, 1989; Zika, e Chamberlain, 1992; Debats, Drost e Hansen, 1995).

Nos estudos em que o bem-estar subjetivo foi associado a variáveis como idade, gênero, situação conjugal, nível educacional e social, renda, tipo de vizinhança e meio ambiente, os pesquisadores chegaram à conclusão de que variáveis sociodemográficas têm poder limitado para explicá-lo, especialmente na idade adulta e na velhice. A literatura tem

apontado que o bem-estar subjetivo não diminui com a idade, ainda que possa haver esgotamento de recursos em decorrência de múltiplas perdas durante o processo de envelhecimento, como declínio do funcionamento físico, diminuição da renda, perda do *status* social, morte de parceiro e de amigos (Lawton, 1983; Diener, 1984; Costa Jr, Zonderman, McCrae *et al*, 1987; Ryff e Essex, 1991, 1992; Rapkin e Fischer, 1992b; Brown, 1995; Diener, Diener e Diener, 1995).

A despeito do aumento de riscos e perdas potenciais, o nível de bem-estar psicológico dos mais velhos atinge o mesmo patamar encontrado para pessoas mais jovens e a satisfação com a vida não diminui com o avançar da idade. Foram dadas diferentes explicações para esse acontecimento. Uma delas coloca que as pessoas mais velhas tornam-se mais eficazes no uso de recursos adaptativos, tendendo a apresentar boa capacidade pragmática para compreender a conexão entre as condições que definem o que é e o que não é possível e para aplicar esse conhecimento no seu desenvolvimento pessoal e na sua adaptação. Outra explicação diz que os grupos etários mais velhos têm níveis de aspiração e expectativa mais baixos do que os dos mais jovens e ajustam suas metas a seus recursos e competências.

Como foi dito anteriormente, os pesquisadores têm apontado que o *self*, antecipando e respondendo às circunstâncias da vida, faz uso de estratégias de auto-regulação aumentando assim a resiliência e ativando as capacidades de reserva do *self* para reorganizar-se e ajustar-se às mudanças. Outra estratégia utilizada refere-se à mudança no conteúdo e na estrutura das metas. Se metas desejáveis não puderem ser alcançadas em decorrência da própria trajetória da vida, das tarefas de desenvolvimento ligadas à idade e das mudanças nas capacidades de reserva, seu conteúdo e sua estrutura podem ser alterados ou novas metas podem ser identificadas e postas em prática (Brandtstädter e Renner, 1990; Baltes, 1994; Diener, Diener e Diener, 1995; Diener e Suh, 1997; Smith *et al*, 1999).

Resumindo, o bem-estar subjetivo é um construto multidimensional que abrange avaliações cognitivas e experiências afetivas positivas e negativas dos indivíduos. Os

estudos sobre o bem-estar subjetivo do adulto e do idoso têm contribuído para o entendimento de processos psicológicos básicos e de sua relação com condições objetivas de vida, para a promoção de iniciativas aplicadas à melhoria da qualidade de vida e como um critério para a avaliação de políticas e programas sociais. Três tipos de investigação sobre o assunto podem ser encontrados: (a) aquelas para identificar os correlatos e preditores do bem-estar subjetivo, (b) as que buscam as relações causais entre diferentes variáveis e o bem-estar subjetivo e (c) as que tratam das dimensões subjacentes ao bem-estar. As conclusões dos pesquisadores têm indicado que diferenças no bem-estar subjetivo podem ser ocasionadas por variáveis como idade, gênero, classe social, nível econômico, grau de escolaridade, saúde física, vizinhança, suporte social, tipos de relações sociais, uso de estratégias de auto-regulação e autocontrole. No entanto, as razões tanto para a mudança quanto para a manutenção ou aumento do bem-estar subjetivo ainda não foram suficientemente exploradas (Lawton, 1983, 1991; Diener, 1984; Tran, 1992; Diener e Suh, 1997).

5. METAS PESSOAIS E BEM-ESTAR SUBJETIVO

Manter ou restabelecer o bem-estar subjetivo em uma situação que provoca limitações ou perda de capacidades, estar satisfeito com a vida atual, ter expectativas positivas em relação ao futuro, empenhar-se no alcance de metas significativas de vida e manter um senso de significado pessoal são indicadores do envelhecimento satisfatório e de uma boa qualidade de vida na velhice. À medida que vão tendo experiências de sucesso e fracasso, os indivíduos fazem uso de suas capacidades de reserva, de enfrentamento e de adaptação para lidar com a diminuição de recursos e as perdas inerentes ao processo de envelhecimento, quer selecionando os domínios e as prioridades de vida nos quais serão feitos maiores investimentos pessoais em termos de tempo, pensamento e ação, quer abandonando, substituindo ou recuperando metas e projetos pessoais. Segundo a teoria *life-span*, essa seleção de domínios e prioridades de vida de acordo com as condições presentes é fundamental para que o indivíduo possa lidar com as mudanças decorrentes

do próprio processo de envelhecimento (Ryff, 1982; Baltes e Baltes 1990; Baltes e Graf 1996; Schulz e Heckhausen 1996; Rowe e Kahn, 1997, 1998; Wong, 1999).

Um dos domínios em que ocorre a seleção é o das metas pelas quais as pessoas lutam e se esforçam para atingir. O investimento, em termos de pensamentos e ações, que as pessoas fazem em diferentes domínios da vida também tem relação com o mecanismo de seleção e com as metas de vida.

Em virtude de sua influência na manutenção do sentido de vida, da saúde mental, da satisfação com a vida e do bem-estar subjetivo em diferentes idades e condições de vida, as metas têm sido estudadas sob diferentes orientações teóricas. A forma como são estabelecidas, reorganizadas e reavaliadas têm recebido atenção especial como unidades de análise para a Psicologia e para a Gerontologia.

As metas são consideradas como construtos cognitivos focalizados em um estado futuro desejado que a pessoa busca obter, manter ou evitar, uma imagem mental para a qual a ação pode ser dirigida. Relacionam-se com a idéia de propósito na vida e têm o poder de dirigir o comportamento para um fim. Seu papel no desenvolvimento humano é importante porque orientam o planejamento de vida, a tomada de decisão e o próprio curso da vida (Zaleski, 1987; Emmons e King, 1988; Holahan, 1988; Nurmi, 1992; Robbins, Lee e Wan, 1994; Smith, 1996; Emmons, Colby e Kaiser, 1998; Heckhausen, 1999).

As metas pessoais podem ser definidas como objetivos individualmente significativos, conscientemente articulados, pelos quais os indivíduos lutam para obtê-los ou evitá-los. Exercem influência tanto sobre os pensamentos quanto sobre as reações emocionais. As características do sistema de metas pessoais são fortes preditores da satisfação de vida e de estados afetivos positivos e negativos de longa duração. São acessíveis à consciência, embora nem sempre o indivíduo reflita sobre ou esteja consciente delas enquanto está em sua busca ativa, e podem ser inferidas por meio do relato pessoal. Representam investimentos pessoais que fornecem um senso de propósito aos indivíduos e criam uma

estrutura para interpretar as experiências de vida diária (Brunstein, Dangelmayer e Schultheiss, 1996; Brunstein, Schultheiss e Grässmann, 1998; Elliot e Sheldon, 1998; Emmons, Colby e Kaiser; 1998).

No estudo sobre as metas pessoais é preciso definir quais aspectos serão investigados. Há pesquisas sobre os domínios da vida envolvidos e o conteúdo das metas como realização, educação, família (Holahan, 1988; Lapierre, Bouffard e Bastin, 1992-93, 1997; Nurmi, Pulliainen e Salmela-Aro, 1992; Rapkin e Fischer, 1992 a, 1992b).

Outro aspecto considerado é o nível de abstração das metas em que são comparados projetos concretos com projetos altamente abstratos, como foi realizado por Emmons (1992). Nesse estudo feito com mulheres com idade entre 23 e 78 anos e homens com idade entre 24 e 79 anos, o autor analisa a relação entre o bem-estar psicológico e físico e o nível de esforço pessoal, compreendido como o grau de generalidade e de especificidade dos esforços para atingir as metas.

Muitos estudos têm revelado que metas abrangendo uma cadeia média de extensão de tempo futuro são características comuns e importantes do comportamento adulto motivado. Por essa razão, investigações sobre a relação entre as metas pessoais e a perspectiva de futuro dos participantes ou sobre a expectativa de tempo necessário para que as metas sejam atingidas no futuro podem ser fontes de informação sobre o modo de funcionamento de adultos e idosos (Lens e Gailly, 1980; Zaleski, 1987; Bouffard, Lapierre e Bastin, 1989; Nurmi, 1992).

Pode-se também investigar o aspecto energético-motivacional da busca das metas, ou seja, a quantidade de energia (em termos de pensamento e comportamento) que os indivíduos investem na realização de metas selecionadas. Os pesquisadores costumam usar a soma dos investimentos nos muitos domínios importantes da vida como indicador do investimento relatado pelo indivíduo na vida como um todo. Demonstraram que o investimento na vida pessoal está positivamente relacionado aos níveis de adaptação. Grupos mais jovens que investiram em muitos domínios importantes da vida também

relataram quantidade maior de emoções positivas. Como mecanismo de regulação do desenvolvimento, o investimento na vida pessoal reflete os desafios da velhice e atuam como fator de proteção nos diferentes níveis de adaptação (Palys e Little, 1983; Staudinger e Fleeson, 1996; Staudinger, Freund, Linden e Maas, 1999).

Em um estudo sobre estilos de enfrentamento feito com uma amostra de pessoas entre 70 e 103 anos e usando a Escala Padrão de Investimento na Vida Pessoal, Staudinger e Fleeson (1996) investigaram a relação entre o bem-estar emocional e o grau médio de investimento em dez domínios da vida pessoal (saúde, bem-estar de parentes e familiares, objetivos cognitivos, a vida como um todo, relacionamento com amigos e conhecidos, passatempos e interesses, independência, a morte e o morrer, atividade profissional e sexualidade). A relação entre as variáveis foi positiva. Não foi identificada uma interação entre o investimento na vida pessoal e a idade para a predição do bem-estar emocional.

Várias concepções relacionadas às metas pessoais têm sido investigadas como as metas orientadas para o futuro, os projetos pessoais, os esforços pessoais, as tarefas de vida, as preocupações atuais, os *selves* possíveis e as metas evolutivas. Segundo Nurmi (1992), embora haja diferenças na terminologia, todas essas concepções tratam de metas auto-articuladas que (a) são baseadas em motivos individuais mais abstratos; (b) referem-se a tarefas ou desafios culturalmente definidos; (c) são realizadas por meio de diferentes estratégias cognitivas e comportamentais.

A concepção de “projeto pessoal” foi introduzida por Little, que em seu trabalho focaliza a estrutura e o sentido de projetos pessoais, vistos como planos de ação feitos com a intenção de realizar algumas metas pessoais. Trata-se de um conjunto de atos inter-relacionados, gerados pelo indivíduo, que se estende através do tempo e se refere a aquilo que a pessoa está fazendo ou planeja fazer. Segundo Heckhausen (1999), Little foi o primeiro a desenvolver um método para avaliar os projetos pessoais em que são combinadas informações idiossincráticas abertas com avaliações quantificáveis. Nesse

método, pede-se aos sujeitos que escrevam uma lista de projetos pessoais e, em seguida, que os classifiquem de acordo com várias escalas de avaliação.

Usando esse método, Palys e Little (1983) investigaram o impacto dos projetos pessoais sobre a satisfação de vida percebida em duas amostras de sujeitos compostas por estudantes universitários e membros de uma pequena comunidade. A elevada satisfação de vida encontrada estava associada com o envolvimento em projetos desafiantes e importantes para as pessoas, mas com grau de dificuldade moderado. A presença de uma rede social que compartilhava o envolvimento em projetos e dava suporte em atividades relacionadas às metas também estava relacionada com a satisfação. A conclusão dos estudos de Little é de que o bem-estar pode ser aumentado na medida em que as pessoas estão engajadas em projetos pessoais significativos, bem-estruturados, apoiados por outras pessoas, pouco estressantes e que geram um senso de eficácia (Brunstein, 1993; McGregor e Little, 1998; Little, 1983, *apud* Heckhausen, 1999).

Outro conceito relacionado é o de esforço pessoal que se refere a tipos característicos de metas que os indivíduos lutam para realizar em seu comportamento diário. Para sua investigação, Emmons (1986) utiliza uma combinação de métodos abertos e quantitativos: pede-se aos sujeitos que listem seus esforços pessoais e, em seguida, classifiquem cada uma das metas de acordo com a importância, a realização percebida, o esforço investido, a interdependência ou o conflito entre os esforços, a especificidade da meta, o suporte social recebido e o sucesso esperado.

Heckhausen (1999) trabalha com o conceito de metas evolutivas, que têm os processos de desenvolvimento como seu alvo como, por exemplo, tornar-se independente dos pais, na adolescência ou prevenir perdas de memória na idade adulta média. A definição do âmbito das metas pessoais sofre influência de diversos tipos de pressões ou limitações, como as biológicas e as socioestruturais associadas às concepções normativas ligadas à idade e à estrutura sequencial das mudanças evolutivas e de eventos do curso de vida.

Durante o desenvolvimento do indivíduo, as limitações e os recursos biológicos seguem uma trajetória em forma de U invertido, ou seja, no início há um aumento das capacidades físicas, seguido por um decréscimo para alcançar importantes metas na vida. Isso significa que certas metas que eram difíceis ou impossíveis de serem alcançadas durante a infância e a adolescência (como, por exemplo, subir escadas, aprender a escrever, utilizar as operações mentais formais) tornam-se acessíveis e até mesmo são prescritas como tarefas de desenvolvimento. Inversamente, durante a meia idade e indo em direção à velhice, certas metas tornam-se incrivelmente difíceis de serem atingidas (por exemplo, ganhar uma competição de corrida realizada com adultos jovens) e, então, têm de ser abandonadas ou perseguidas com esforço aumentado para compensar as limitações físicas. Portanto, o tempo de vida restrito gera um limite para as metas evolutivas e o planejamento da vida serem realizados, havendo um prazo final para cada coisa que o indivíduo se dispuser a realizar.

Nos diferentes domínios da vida, o conceito de prazo final pode ser estendido para incluir prazos não necessariamente associados com o fim da vida, mas com as concepções normativas ligadas à idade. A estrutura seqüencial de mudanças evolutivas e de eventos é a limitação mais poderosa para fornecer previsibilidade aos cursos de vida humanos, favorecendo a antecipação do futuro, tanto pela sociedade quanto pelo indivíduo. Os cursos de vida são tipicamente canalizados dentro de padrões seqüenciais ou trajetórias biográficas. Em seu esforço para obter resultados de curso de vida desejáveis, o indivíduo é levado para padrões de oportunidades e limitações seqüencialmente organizados.

Portanto, as metas evolutivas são possibilitadas e limitadas pelos recursos biológicos e pelos padrões de curso de vida demarcados pelas estruturas sociais. Estas determinam quais são as biografias normais e desejáveis e os limites de tempo ou prazos finais para a realização dessas metas evolutivas. Essas noções são compartilhadas e internalizadas pelos indivíduos de uma mesma sociedade (Heckhausen, 1999).

A despeito dessas variações nas concepções, os autores concordam que as metas pessoais, investidas de valores e afetos, constituem uma variável importante para a compreensão do comportamento humano e do bem-estar subjetivo, especialmente de adultos e idosos.

Diferenças nas características dos esforços pessoais têm influência sobre o bem-estar subjetivo. Em estudos realizados sobre esse assunto, Emmons mostrou que o afeto negativo esteve relacionado com a baixa probabilidade percebida de sucesso, com o conflito entre os esforços pessoais e com os sentimentos ambivalentes sobre a realização do esforço para alcançar a meta. O afeto positivo esteve relacionado com a importância, a realização vivida e o valor dos esforços pessoais (Emmons, 1986, 1992; Heckhausen, 1999).

A busca bem-sucedida de metas pessoalmente significativas representa uma fonte de bem-estar psicológico, segundo Brunstein (1993). Três dimensões de avaliação das metas (compromisso, alcance e progresso percebido em sua realização) explicam as diferenças em medidas afetivas e avaliativas do bem-estar subjetivo encontradas entre os indivíduos. Com base em um estudo realizado com estudantes universitários, o autor concluiu que um forte senso de compromisso, associado a condições favoráveis para o alcance das metas pessoais, leva a um avanço na direção da realização da meta, o que, por sua vez, se traduz em bem-estar aumentado. Por outro lado, condições desfavoráveis para a realização de metas pessoais, indicadas pela falta de oportunidade, de controle e de suporte, estavam associadas a um prejuízo no progresso em direção às metas e um decréscimo no bem-estar entre os estudantes fortemente comprometidos com elas (Brunstein, 1993; Brunstein, Schultheiss e Grässmann, 1998).

Rapkin e Fischer (1992b) investigaram a relação entre as metas pessoais de adultos mais velhos e o bem-estar subjetivo avaliado pela satisfação com a vida, a fim de obter resposta para três questões: Qual a ligação entre as metas e a satisfação com a vida? Diante das perdas relacionadas à idade, os idosos modificam suas metas para manter a satisfação? As relações entre satisfação e outros preditores (como renda e saúde) são

influenciadas por diferenças nas metas pessoais dos idosos? A satisfação esteve positivamente relacionada com metas de vida de estilo energético e com metas de manutenção social e negativamente relacionada com preocupações com progresso, desengajamento, estabilidade e atividade reduzida. As perdas vividas estavam correlacionadas com as metas atuais, mas não com a satisfação. A conclusão a que se chega é que as metas que refletem o desengajamento e a redução de atividades relacionam-se negativamente com o bem-estar ao passo que as metas orientadas para o progresso e a atividade estão associadas com maior satisfação geral com a vida.

Ao estudar as metas de pessoas de diferentes idades analisando tanto o seu conteúdo quanto sua extensão temporal, outros pesquisadores apontaram que as metas pessoais freqüentemente refletem os eventos esperados, as expectativas sociais e as tarefas evolutivas relacionadas às diferentes faixas etárias investigadas.

O estudo de Dittmann-Kohli acerca das concepções de jovens e adultos sobre o futuro pessoal usando uma técnica de completar sentenças, descrito por Heckhausen (1999), indicou que as concepções pessoais relacionadas ao futuro refletem as mudanças normativas de papel e de tarefas de desenvolvimento dos respectivos grupos de idade. Os adultos mais velhos estão mais preocupados em manter os estados já atingidos de funcionamento e satisfação, ao passo que os adultos jovens parecem esperar uma melhoria em vários domínios da vida.

Nurmi, em investigações com adolescentes, adultos e idosos, confirmou que as metas e os interesses dos indivíduos refletem as tarefas evolutivas típicas dessas etapas da vida. Os adultos jovens freqüentemente mencionam metas relacionadas à educação e à futura família, os adultos de meia-idade relatam metas voltadas para a vida dos filhos e para a posse e propriedade e as pessoas mais velhas estão interessadas em sua saúde, na aposentadoria, em atividades de lazer e no mundo. Investigando as crenças de controle concluiu que as metas de adultos mais velhos eram influenciadas por essas crenças. À medida que envelhecem, as pessoas tornam-se menos interessadas nos domínios de vida geralmente considerados controláveis (como a educação) e mais interessadas nas áreas

sobre as quais julgam ter pouco controle (como a saúde e a vida dos filhos) (Nurmi, 1992; Nurmi, Pulliainen e Salmela-Aro, 1992; Heckhausen, 1999).

Bouffard, Lapierre e Bastin (1989) investigaram o conteúdo e a extensão temporal de metas pessoais usando uma forma modificada do Método de Indução Motivacional (MIM) criado por Joseph R. Nuttin. Com 23 sentenças para serem completadas, esse método induz uma orientação para o futuro e permite ao indivíduo expressar livremente, com suas próprias palavras, uma gama de motivos concretos e ativos que existem atualmente no nível consciente da vida mental. As sentenças são feitas de forma que não sugiram qualquer distância temporal ou área de motivação. O número elevado de indutores pode dar a impressão de que o método é repetitivo e os respondentes são prevenidos contra isso já nas instruções, nas quais pede-se que completem cada sentença com seus desejos, planos e intenções. O que se pretende é incitá-los a fazer um inventário de suas aspirações o mais completo possível. Nuttin afirma que o MIM pode ser considerado uma boa técnica para caracterizar os objetos motivacionais (planos, metas, aspirações) de diferentes grupos de pessoas. Os indutores motivacionais podem ser modificados para investigar diversos aspectos da motivação e podem ser ajustados de acordo com as necessidades dos investigadores para atender aos diferentes objetivos de uma pesquisa. Segundo Palys e Little, a técnica de completar sentenças é muito sensível a condições de vida, manipulações experimentais e características individuais (Bouffard, Lens e Nuttin, 1983; Palys e Little, 1983; Nuttin, 1985).

Concluindo seu estudo, os autores apontaram que aspirações de saúde e autonomia têm importância central na vida de homens e mulheres mais velhos. Os idosos tendem a se esforçar para manter o *status quo*, preservar a capacidade de autocuidado e a independência. Motivações para estabelecer ou manter contatos sociais e aspirações relativas ao bem-estar dos membros da família são as outras preocupações principais que costumam aparecer, dependendo das características da amostra.

Em um estudo sobre os conteúdos das metas pessoais na velhice relacionados com variáveis sociodemográficas (idade, gênero, nível socioeconômico, escolaridade) e

autonomia funcional objetiva, emergiram dois perfis de metas em diferentes condições de vida:

- a) aspirações centradas na auto-preservação foram associadas a situações de vida difíceis (como prejuízo funcional, baixo nível socioeconômico e de educação, viver só ou estar institucionalizado);
- b) aspirações de auto - desenvolvimento e interesse no bem-estar de outros foram associados a melhores condições de vida (como autonomia física, altos níveis socioeconômico e educacional, viver com um parceiro ou viver na própria casa).

A avaliação objetiva da autonomia física dos idosos participantes foi relacionada com diferentes perfis de metas e os resultados indicaram que a saúde física auto-avaliada e a autonomia percebida também foram influenciadas pelo conteúdo das aspirações (Lapierre, Bouffard e Bastin, 1992-93).

Em outro estudo, esses autores relacionaram as metas pessoais de idosos com quatro das seis dimensões de bem-estar psicológico extraídas do modelo de Ryff e Essex (1991): autodeterminação, domínio sobre o ambiente, competência e propósito na vida. As aspirações dos 708 participantes (65 a 90 anos de idade) foram classificadas em dez categorias principais (*Self*, Auto-Realização, Realização, Contato, Contato Recíproco, Contato Altruístico, Exploração, Posse, Lazer e Transcendental). Com base no estudo da relação entre as metas e os vários aspectos do bem-estar subjetivo, os autores chegaram às seguintes conclusões:

- a) aspirações centradas na auto-preservação estavam associadas a baixa saúde física relatada pelos indivíduos, sobrecarregada pelo excesso de dificuldades, falta de sentido na vida, insatisfação com a vida e expectativas negativas para o futuro;

b) as aspirações de auto-desenvolvimento e interesse no bem-estar de outros estavam associadas a sentimentos de bem-estar na velhice (Lapierre, Bouffard e Bastin, 1997).

Segundo os pesquisadores, as metas centradas na preservação da saúde e da autonomia funcional são um pré-requisito para a realização de outras metas e provavelmente é isso que determina o seu aparecimento nas investigações sobre as metas pessoais de adultos mais velhos e idosos (Bouffard, Lapierre e Bastin, 1989; Lapierre, Bouffard e Bastin, 1992-93, 1997).

Conclui-se desses estudos que, ao longo da vida, inclusive na idade adulta avançada e na velhice, as pessoas estabelecem para si metas a serem perseguidas e atingidas a curto, médio e longo prazo, e investem energia e tempo na sua consecução. O grau de atração ou desejabilidade da meta, as expectativas e crenças sobre a probabilidade de alcançá-la irão determinar o quanto de esforço as pessoas estarão dispostas a despendar. A capacidade para manter metas de vida significativas e estáveis é apontada como um mediador crítico no uso dos recursos sociais e pessoais para o ajustamento positivo e um importante preditor da satisfação com a vida (Bühler, 1935; Palys e Little, 1983; Bouffard, Lapierre e Bastin, 1989; Lapierre *et al*, 1996; Ranst e Marcoen, 1996; Lapierre, Bouffard e Bastin, 1997; Heckhausen, 1999; Staudinger *et al*, 1999).

Como se pôde ver, as metas pessoais têm sido estudadas em relação a diferentes dimensões do bem-estar subjetivo, como os afetos positivo e negativo e a satisfação com a vida, envolvendo homens e mulheres de diferentes idades, condições de saúde, nível socioeconômico e de escolaridade. Representam um campo complexo de estudo em virtude das diferentes definições e concepções teóricas que tratam do assunto. Tal estudo torna-se mais complexo quando envolve questões ligadas ao desenvolvimento na idade adulta e na velhice que levam a perguntas como: Que tipo de metas as pessoas estabelecem em suas vidas quando estão envelhecendo? As metas e os investimentos nos diferentes domínios de vida influenciam o nível de satisfação de adultos e os idosos?

Homens e mulheres diferem quanto ao grau de investimento e o tipo de metas pessoais que esperam alcançar?

Essas e outras perguntas têm sido respondidas em investigações internacionais nas áreas da Psicologia e da Gerontologia. No Brasil, no entanto, os estudos sobre o desenvolvimento do adulto e do idoso, bem como sobre bem-estar subjetivo e metas de vida, ainda são recentes.

O fenômeno do envelhecimento populacional cria desafios e oportunidades para a sociedade, como a possibilidade de planejamento da vida na velhice e o aumento da oportunidade de emprego para os mais jovens em atividades voltadas para os mais velhos, ao mesmo tempo em que gera graves problemas sociais para os países em desenvolvimento, como escassez de emprego, falta de qualificação para os mais velhos e de experiência profissional para os mais jovens, demanda de serviços de saúde e educacionais especializados para o atendimento às necessidades das pessoas mais velhas, ao lado da escassez desses mesmos serviços para a população em geral. Há o risco de se estimular a competição, em desigualdade de condições, entre os adultos jovens e os mais velhos, que podem se tornar inimigos ferrenhos ao invés de aliados na luta por bens comuns para a sociedade. Estudos sobre as conseqüências sociais do envelhecimento populacional, sobre as condições nas quais as pessoas estão envelhecendo e sobre as principais necessidades dos mais velhos tornam-se cada vez mais urgentes. Como a velhice satisfatória e o envelhecimento bem-sucedido são mediados pela subjetividade e têm relação com o sistema de valores que vigora num determinado período histórico para uma dada unidade sociocultural, há necessidade de investigações feitas no Brasil sobre a presença e a ausência de fatores que influenciam o processo de envelhecimento bem-sucedido, sobre como os adultos e idosos brasileiros estão envelhecendo e sobre as alternativas de intervenção visando à qualidade de vida e ao bem-estar subjetivo dessas pessoas (Baltes e Baltes, 1990; Neri, 1993; Barros, 1998, Neri, 1999).

6. OBJETIVOS DA PESQUISA

Este estudo foi planejado para responder às seguintes questões sobre a relação entre bem-estar subjetivo, indicado por satisfação com a vida, e metas pessoais de vida, estas em associação com investimento pessoal em domínios selecionados da existência:

1. Qual é a relação entre o conteúdo de metas de vida de homens e mulheres de diferentes idades e os domínios de investimento pessoal?
2. Qual é a relação do conteúdo das metas de vida desses grupos de pessoas e o nível de satisfação com a vida?

Em decorrência dessas perguntas foram estabelecidos os seguintes objetivos:

- a) Identificar os domínios da vida pessoal nos quais homens e mulheres nas faixas de 25-35, 45-55 e 65-75 anos fazem mais investimentos.
- b) Identificar o conteúdo das metas de vida que essas pessoas buscam alcançar.
- c) Verificar as semelhanças e diferenças entre os membros desses grupos quanto ao bem-estar subjetivo medido pelos níveis de satisfação geral com a vida e de satisfação com diferentes domínios da vida.
- d) Verificar semelhanças e diferenças quanto ao tipo de metas pessoais e o investimento em diferentes aspectos da vida pessoal entre essas pessoas de diferentes grupos etários e gêneros distintos.
- e) Verificar se há relação entre o conteúdo das metas pessoais e o bem-estar subjetivo dos seis grupos de pessoas participantes do estudo.

O presente estudo teve três focos principais:

- a) as variáveis antecedentes foram o gênero e a faixa etária (25-35 anos; 45-55 anos; 65-75 anos).
- b) as variáveis moderadoras foram o investimento em domínios de vida e o conteúdo das metas pessoais.
- c) as variáveis critérios foram as avaliações individuais sobre o bem-estar subjetivo medido pela satisfação geral com a vida e pela satisfação referenciada a domínios de vida.

Capítulo II

Método

1. Sujeitos

A amostra de conveniência deste estudo foi composta por 340 pessoas (158 homens e 182 mulheres), a maioria (95%) residente em Uberlândia – MG e região. Cada grupo de gênero (H e M) foi dividido em três grupos etários: (a) grupo 1 - com pessoas de 25 a 35 anos, (b) grupo 2 - com pessoas de 45 a 55 anos e (c) grupo 3 - com pessoas de 65 a 75 anos. Essas faixas etárias referem-se às etapas da fase adulta (Adulto Jovem e Meia-Idade) e à Velhice. Com essas idades-limites tentou-se evitar as faixas intermediárias entre uma etapa e outra, a fim de facilitar a interpretação de prováveis diferenças ou similaridades que viessem a ser encontradas nos resultados de cada grupo. É possível que os sujeitos com idades limítrofes ainda estejam muito envolvidos com as metas ou tarefas evolutivas esperadas para a faixa da qual estão saindo, numa tentativa de atingi-las antes que termine o prazo final para o seu cumprimento. Tais prazos e tarefas evolutivas são determinados por fatores biológicos e pelos valores e pelas expectativas socio-culturais de grupos que geram o relógio social internalizado pelo indivíduo. Como não há limites claros nem marcadores fixos de passagem de uma faixa para a outra, há grande probabilidade de encontrar indivíduos com idades próximas às consideradas

limítrofes para cada faixa etária envolvidos com o alcance de metas evolutivas da faixa anterior. (Bühler, 1935; Mosquera, 1978; Neugarten, 1979; Lidz, 1983; Schaie e Willis, 1996; Bee, 1997; Erikson, 1998)

A seguir, na tabela 1 é apresentada a distribuição dos participantes nos seis grupos.

Tabela 1 - Distribuição da amostra pelos grupos de idade e gênero

Faixa Etária	Homens	%	Mulheres	%	Total	%
GI = 25-35anos	H1 = 52	33	M1 = 67	37	GI = 119	35
GII = 45-55anos	H2 = 55	35	M2 = 57	31	GII = 112	33
GIII = 65-75 anos	H3 = 51	32	M3 = 58	32	GIII = 109	32
Total	H = 158	46	M = 182	54	340	100

Como se vê nesta tabela, o número de participantes em cada um dos seis grupos é proporcional. Do total de 340, 35% são do grupo 1 (25 a 35 anos), 33% do grupo 2 (45 a 55 anos) e 32% do grupo 3 (65 a 75 anos).

Os grupos 1 e 2 foram contatados em empresas, instituições de ensino superior e instituições públicas. O grupo 3 foi contatado nos grupos de convivência, em cursos voltados para os idosos (como cursos de artesanato, de atualização de conhecimentos e de inglês), em associações (como de aposentados e de moradores de bairros), em clubes de serviço e grupos de comunidades religiosas. Houve também indicação de participantes para os três grupos por conhecidos, parentes, ou outro participante.

No que se refere ao estado civil, 59% dos participantes são casados, 21% são solteiros, 10% são viúvos e 10% divorciados.

Quanto ao nível de escolaridade, 36% dos respondentes têm o nível médio (segundo grau) e 36% têm curso superior distribuídos em 25% com graduação e 11% com pós-graduação. Os 28% restantes têm o nível básico.

A maioria dos sujeitos trabalha (67%) e está atuando principalmente em ocupações de apoio administrativo (13%), em atividades de ensino básico público e privado (10%), como profissionais universitários autônomos (9%), em ocupações do comércio na condição de empregado (6%), e em ocupações técnicas de nível superior (5%). Sessenta e quatro por cento dos participantes são aposentados e 11% são pensionistas.

A maioria dos respondentes mora com familiares, como se vê na Figura 1.

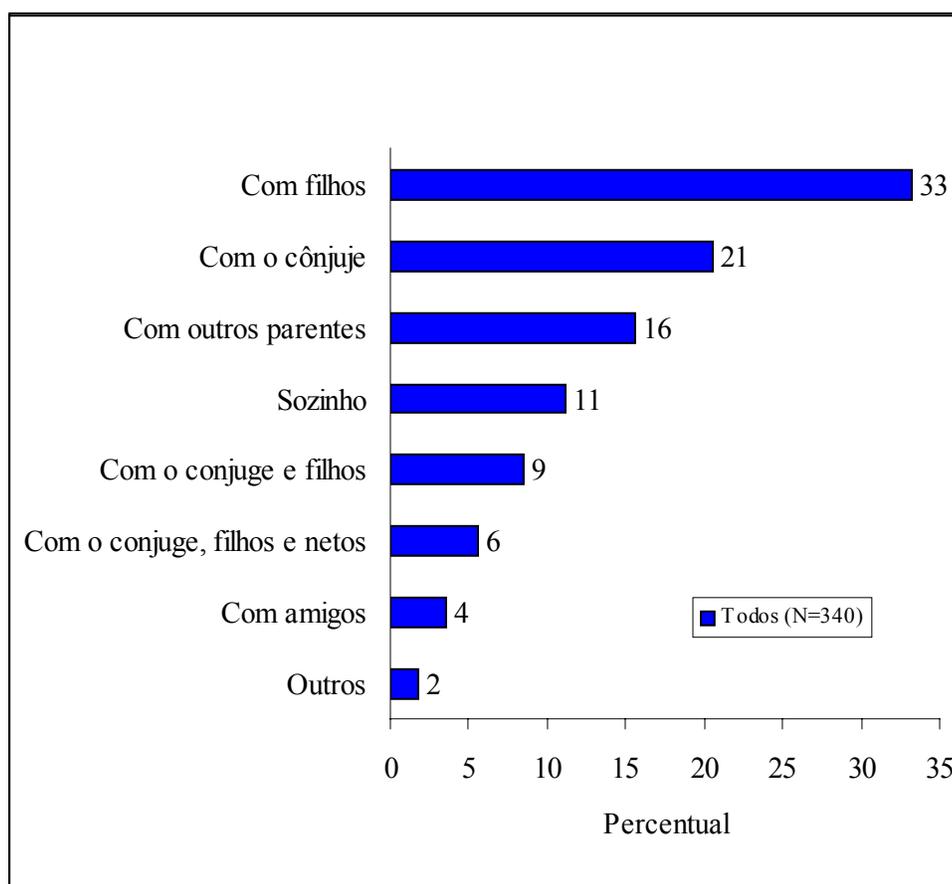


Figura 1 - Com quem os participantes moram

A maioria mora com membros da família direta, sendo que 33% vivem com os filhos. Os outros participantes moram principalmente com outros parentes (16%) ou sozinhos (11%).

Considerando os grupos de gênero, 70% dos homens são casados, 21% são solteiros, 2% são viúvos e 7% são divorciados. Quanto às mulheres, 50% são casadas, 21% são solteiras, 16% viúvas e 12% divorciadas. Como se pode observar, apenas 2% dos homens são viúvos contra 16% das mulheres. Dois aspectos podem ser considerados para explicar essa diferença:

- a) a taxa diferencial de mortalidade dos sexos, havendo maior esperança de vida para as mulheres do que para os homens, como tem sido apontada nos estudos demográficos da população brasileira, indicando que elas sobrevivem a seus cônjuges. Segundo Berquó (1999), conquanto as taxas de mortalidade das populações masculinas e femininas venham declinando no tempo, ainda se constata o diferencial favorável às mulheres.
- b) os homens tendem a casar-se novamente após a morte do cônjuge e há maior tendência de que se casem com mulheres mais jovens., como indica Chaimowick (1998).

Quanto à escolaridade, 38% dos homens têm segundo grau , 27% têm terceiro grau e 9% têm pós-graduação. O restante tem o primeiro grau e uma pessoa não respondeu à questão.

Trinta e cinco por cento das mulheres também têm segundo grau, 23% têm terceiro grau e 12% fizeram pós-graduação. Os 30% restantes têm primeiro grau de escolaridade.

De acordo com esses dados, não há diferenças significativas entre homens e mulheres quanto ao nível de escolaridade, o que corresponde ao que tem sido encontrado na população geral (Berquó, 1999). As maiores diferenças são encontradas quando se comparam os grupos de idade, como será comentado adiante.

A maioria dos homens (78%) trabalha, sendo que as categorias ocupacionais mais freqüentes estão ligadas a ocupações de apoio administrativo (11%), profissional de

nível universitário autônomo (9%), ocupações do comércio na condição de empregado (7%), proprietários de negócios ligados ao comércio (7%), ocupações ligadas a atividades de ensino básico público e privado (6%) e ocupações manuais de maior qualificação na indústria metalúrgica/elétrica/química/farmacêutica (6%). De acordo com a classificação proposta por Jannuzzi (1998) baseada no rendimento mediano e no nível de escolaridade típicos para os diferentes grupos ocupacionais, 33% dos homens têm *status* sócio-ocupacional médio-alto, 22% têm *status* alto, 18% estão no nível médio-baixo e 9% no baixo. Dezoito por cento não responderam a questão sobre profissão.

A maior parte das mulheres (58%) trabalha, sobretudo em ocupações de apoio administrativo (15%) e ligadas às atividades de ensino básico público e privado (14%). Destaca-se que a maioria das participantes (75%) é dona de casa.

Sessenta por cento dos homens e 68% das mulheres estão aposentados. Apenas 5% dos homens e 16% das mulheres são pensionistas. A maioria das mulheres (69%) não é responsável pelo sustento da família nem contribui para o orçamento doméstico, em oposição aos 67% dos homens que são responsáveis pela manutenção financeira da família e aos 23% que contribuem para o orçamento doméstico .

Em relação à questão sobre com quem os participantes moram pode-se ver na Figura 2 que há algumas diferenças entre os dois grupos.

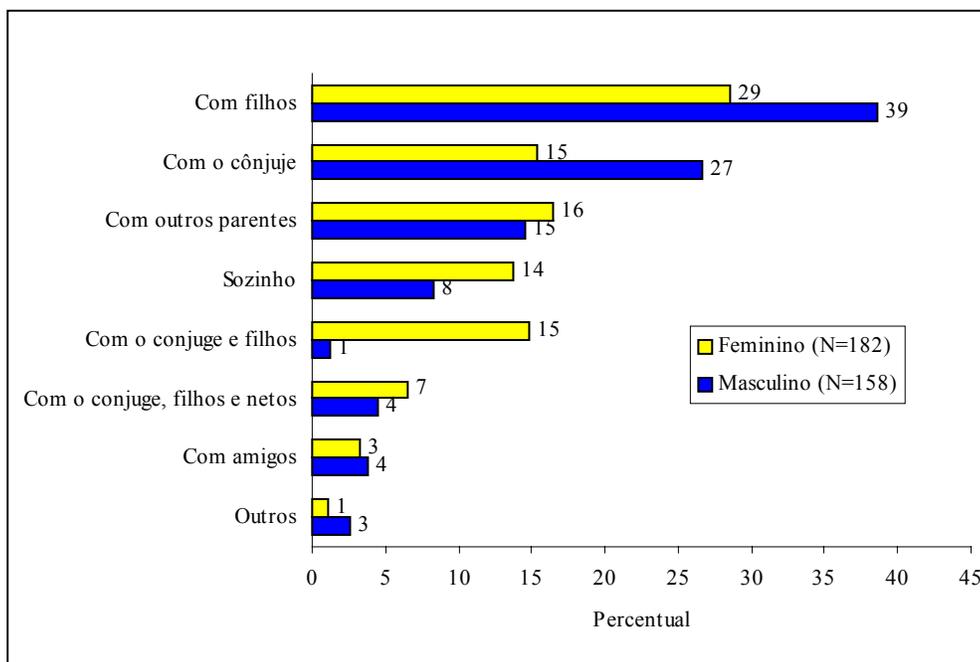


Figura 2 - Com quem homens e mulheres moram

É interessante notar nessa figura que mais homens vivem com os filhos (39%) e com esposa ou companheira (27%) e mais mulheres vivem com o cônjuge e os filhos (15%).

Levando em conta os grupos de idade, observa-se que as maiores diferenças em relaçaô ao estado civil referem-se aos solteiros e aos viúvos, como se vê na Figura 3.

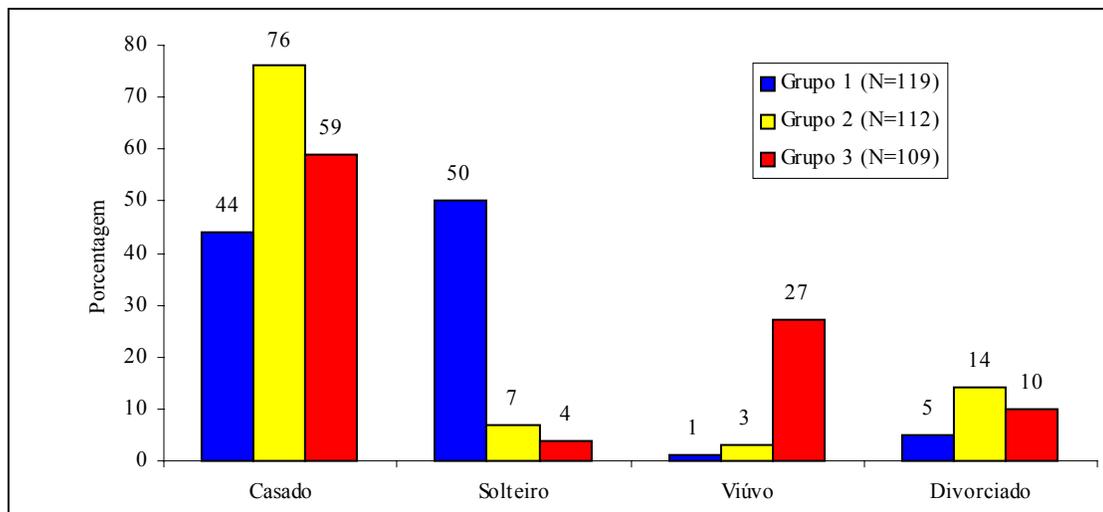


Figura 3 - Estado civil dos grupos de idade

Considerando-se as três faixas etárias abrangidas neste estudo, espera-se encontrar elevado número de solteiros no grupo 1 e maior porcentagem de viúvos no grupo 3.

A escolaridade é outro aspecto no qual se encontra grandes diferenças entre os grupos de idade, como se vê na Figura 4.

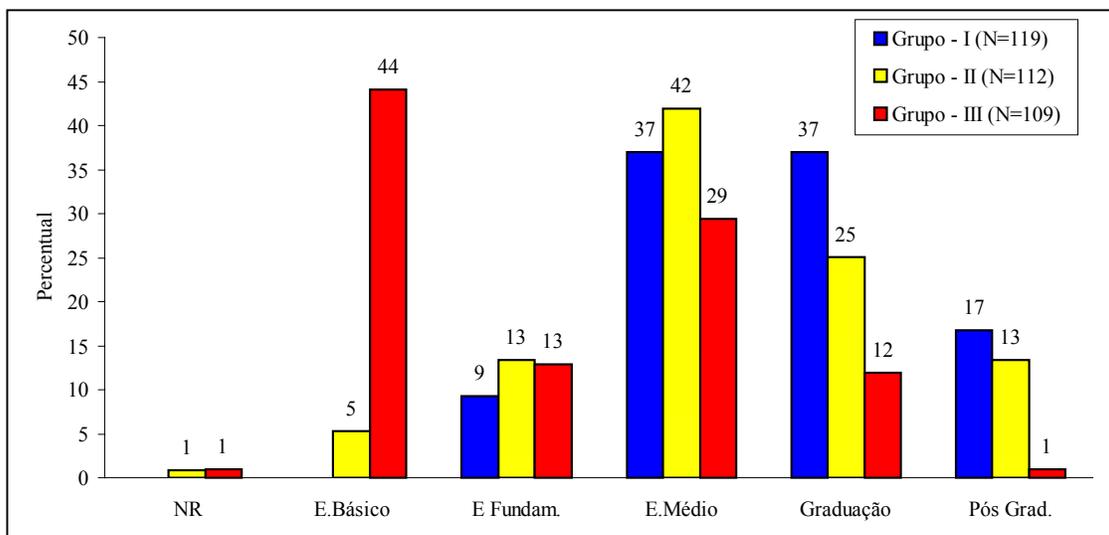


Figura 4 - Nível de escolaridade dos grupos de idade

Observa-se que é maior a porcentagem de pessoas do grupo 3 que não ultrapassaram o ensino básico. Esses dados estão de acordo com as informações que se tem em relação à população idosa brasileira. Embora o índice de analfabetismo venha diminuindo nos últimos anos, ainda encontramos um grande número de idosos analfabetos ou que apenas completaram o curso primário, como mostra Berquó (1999).

É importante lembrar que neste estudo havia a exigência de que os participantes pudessem ler e responder aos instrumentos sozinhos com o auxílio das aplicadoras apenas para alguns esclarecimentos quando necessário. Daí as características da amostra em relação à escolaridade não coincidirem com a ainda elevada taxa de analfabetos da população geral e idosa, como apontada por Berquó.

Quanto às pessoas com quem moram, alguns aspectos tiveram destaque, como aparece na Figura 5.

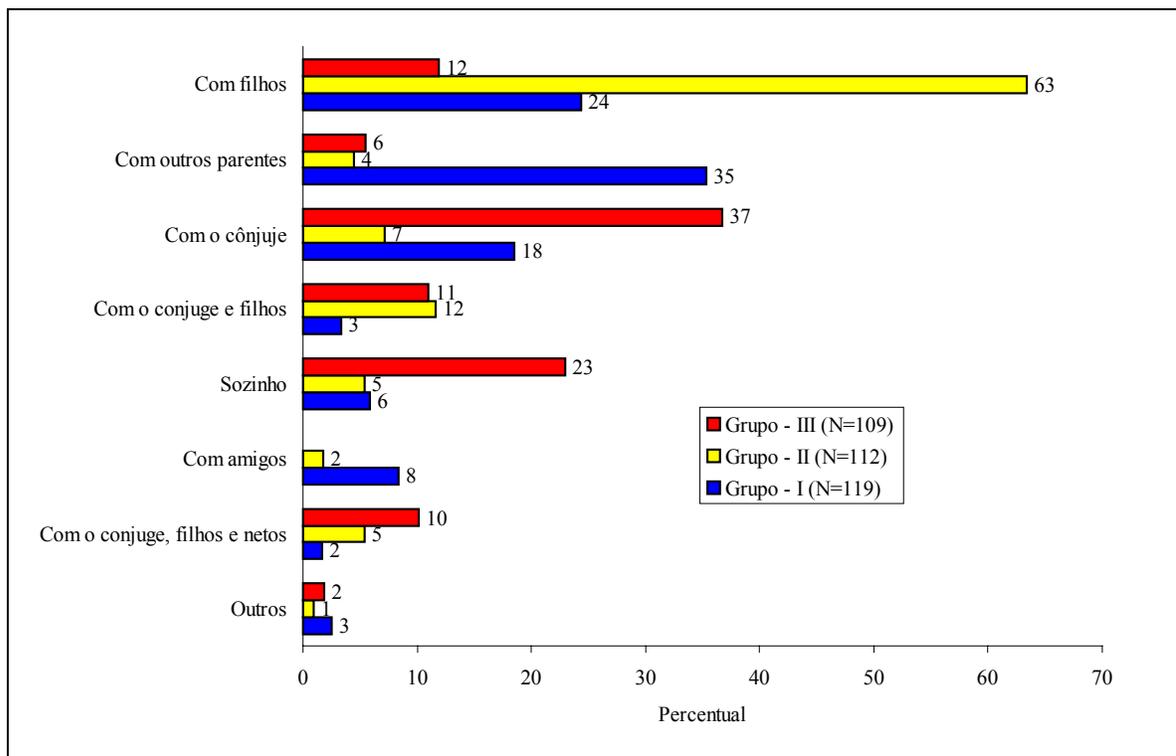


Figura 5 - Pessoas com quem moram de acordo com o grupo de idade

Observa-se que 63% de pessoas do grupo 2 vivem com os filhos, 35% do grupo 3 vivem com outros parentes. Dentre os idosos, 37% vivem com o cônjuge.

2. AMBIENTE

A aplicação dos instrumentos foi feita nos locais onde os participantes eram contatados (centros de convivência, local de reunião de grupos ligados à cultos religiosos, salas de trabalho e/ou de aula). Ocasionalmente, a aplicação foi feita na residência do sujeito ou em outro local combinado com as aplicadoras.

3. INSTRUMENTOS

A coleta de dados foi feita utilizando-se cinco instrumentos, conforme indicados abaixo, acompanhados da apresentação da pesquisa, e de instruções gerais e específicas sobre como respondê-los. (Anexo 1).

a) FICHA DE INFORMAÇÕES SÓCIO-DEMOGRÁFICAS

Essa ficha foi utilizada para levantar dados que caracterizassem os participantes quanto aos aspectos: idade, sexo, estado civil, escolaridade, dados ocupacionais, com quem mora, contribuição financeira para a família. (Anexo 2)

b) ESCALA DO TIPO “ITEM ÚNICO” PARA MEDIDA DA SATISFAÇÃO GERAL COM A VIDA

Essa escala é uma forma modificada da *Ladder Scale* criada por Cantril (1967, *apud* Andrews e Robinson, 1991) para ser usada no seu estudo sobre bem-estar subjetivo realizado em 13 países. Trata-se de uma escala de tipo gráfico, útil por depender pouco do uso da linguagem. A figura original da escada de mão foi substituída por uma escada em perfil com degraus numerados de 1 a 10 simbolizando uma escala de dez pontos ascendendo da pior vida para a melhor vida. São feitas duas questões, uma referente à satisfação com a vida atual e outra sobre a expectativa de satisfação com a vida nos próximos cinco anos. (Anexo 3)

c) ESCALA DO TIPO “MÚLTIPLOS ITENS” PARA MEDIDA DE SATISFAÇÃO DE VIDA

Trata-se de um instrumento criado por Neri (1998) para medida de bem-estar subjetivo indicado por satisfação referenciada a três domínios: saúde e capacidade física; capacidade mental; envolvimento social. São apresentadas nove afirmações, três para cada domínio e o respondente deve indicar como avalia seu grau de satisfação numa escala de cinco pontos variando de 1 (muito pouco satisfeito) até 5 (muitíssimo satisfeito). (Anexo 4)

d) ESCALA DE INVESTIMENTO PESSOAL NA VIDA

Esse instrumento foi desenvolvido para avaliar o investimento pessoal na vida, considerado como de importância crucial na velhice. Investiga-se o investimento em domínios importantes para adultos mais velhos: saúde, funcionamento intelectual, lazer, relações afetivo-sociais, sexualidade, bem-estar de familiares, independência, a vida como um todo e a morte. Pede-se ao respondente que avalie, numa escala de 1 (muito pouco) a 5 (muitíssimo), o quanto pensa ou age em relação a esses domínios de vida. (Staudinger e Fleeson 1996; Staudinger, Freund, Linden e Maas, 1999). (Anexo 5)

e) LISTA DE INDUTORES MOTIVACIONAIS

Trata-se de uma lista de 23 frases para completar baseada na lista de indutores do Método de Indução Motivacional (MIM), elaborado no Centro de Pesquisa em Motivação e Perspectiva Temporal de Louvain por um grupo de pesquisadores, dirigido por Joseph Nuttin, para estudar os objetos da motivação. As 23 frases foram usadas em um estudo com 708 idosos (355 fisicamente autônomos, vivendo independentemente na comunidade, e 353 com algum tipo de prejuízo físico, vivendo em instituições). (Maluf, 1982; Lapierre, Bouffard e Bastin, 1997). (Anexo 6)

O método foi desenvolvido para estudar a perspectiva de tempo e analisar o conteúdo de objetivos motivacionais (planos, metas, aspirações) de diversos grupos de sujeitos em diferentes condições clínicas ou experimentais, criando uma situação ideal para expressarem livremente, com suas próprias palavras, uma grande variedade de metas conscientes e pessoais (Nuttin, 1985). Segundo Nuttin, os indutores motivacionais do MIM podem ser modificados a partir da lista original e ajustados a diferentes formas e objetivos de pesquisa. No presente estudo, os indutores foram utilizados para levantar os conteúdos das metas pessoais dos sujeitos.

Além do trabalho de Lapierre, Bouffard e Bastin (1997), outras pesquisas foram realizadas empregando esse método, como a de D'Amorim, Asselin e Trépanier (1982);

Bouffard, Lapierre e Bastin (1989) e Coelho (1990), sendo que as duas últimas foram feitas com idosos.

O instrumento é composto por um pequeno bloco (10 X 5 cm) com 23 páginas e uma frase para completar (um indutor motivacional) escrita no alto de cada página a fim de evitar que o sujeito veja a lista inteira de indutores, bem como suas respostas anteriores. Todas as frases estão formuladas na primeira pessoa do singular e os verbos expressam uma tendência, uma intenção, um desejo. Não há sugestão de distância temporal nem de áreas de motivação. A pessoa deve completar cada frase e só então passar para a seguinte. No momento da aplicação, junto com o bloco, foi entregue uma folha contendo as instruções de como preenchê-lo, e foi solicitado aos participantes que completassem cada frase com seus desejos, planos, intenções.

4. PROCEDIMENTO

4.1 PARA COLETA DE DADOS

a) TREINAMENTO DAS AUXILIARES DE PESQUISA

Antes de iniciar a coleta dos dados, três alunas de um curso de graduação em Psicologia foram treinadas para a aplicação dos instrumentos e a tabulação dos dados.

Para o treinamento da análise do conteúdo das respostas aos indutores motivacionais, foram utilizados dados de respondentes eliminados da amostra da pesquisa. Em cada sessão de treinamento era feito um sorteio de instrumentos a serem categorizados tanto pelas auxiliares quanto pela pesquisadora. Em seguida, as categorizações eram comparadas, discutidas e as dúvidas surgidas eram esclarecidas. Foram feitas sessões de treinamento até se chegar a 100% de concordância quanto à categorização.

b) RECOLHIMENTO DOS DADOS

Durante a etapa de coleta dos dados, foram feitos contatos com os responsáveis por programas e atividades, grupos de encontros e locais de estudo e trabalho, quando eram explicados os objetivos do estudo e era feita a solicitação para entrar em contato com os adultos e idosos. As pessoas eram contatadas nos próprios locais de trabalho ou encontro e, após o convite para participarem da pesquisa e o esclarecimento de que a participação seria espontânea, cabendo-lhes a decisão de colaborar ou não, eram combinados os dias e horários para a aplicação dos instrumentos.

No momento da aplicação, eram reforçados os objetivos e o caráter científico do estudo e garantia-se o sigilo em relação à identificação dos respondentes. Na maioria das vezes a aplicação foi coletiva para agilizar a coleta de dados. Algumas vezes a aplicação foi individual, realizada na residência da própria pessoa, especialmente nos casos em que o respondente foi indicado por outro.

4.2 PARA TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

As respostas dos participantes, representadas nos instrumentos por indicadores numéricos, foram diretamente transpostas para um banco de dados para posterior processamento.

As respostas à lista de indutores motivacionais foram submetidas à análise e à codificação do conteúdo de acordo com a proposta de Nuttin (1985), seguida por Coelho (1990) e Lapierre, Bouffard e Bastin (1997).

Inicialmente, as respostas de cada sujeito foram transcritas para o banco de dados, diante dos números dos indutores. Uma coluna do lado direito da página foi reservada para a anotação do código do conteúdo.

Em seguida foi feita a leitura de todas as respostas de cada indivíduo, antes de iniciar a análise e a codificação. Segundo Nuttin (1985), para a codificação correta, muitas vezes é necessária a compreensão do contexto de uma resposta particular, pois este pode afetar seu significado ou conteúdo. Procedeu-se, então, à análise e à codificação das respostas de cada sujeito

Ainda segundo esse autor, o fundamento da análise de conteúdo está situado na identificação e classificação dos motivos e das necessidades de acordo com seus componentes essenciais. O objetivo geral é classificar as motivações específicas de um sujeito em termos das categorias de objetos que ele deseja alcançar e o tipo de relação comportamental que deseja estabelecer com eles. A análise de conteúdo está limitada aos objetos motivacionais ou comportamentais explicitamente mencionados pelos sujeitos. Segundo Coelho (1990), o objeto motivacional é definido por Nuttin como a meta imediata da ação, dirigida para um objetivo final.

Na codificação, cada código consiste em símbolos compostos que significam uma motivação concreta. Esse sistema de códigos é produto de pesquisa empírica feita com grande número de sujeitos e provou ser adequado para classificar objetos motivacionais de homens e mulheres entre 12 e 80 anos, letrados e iletrados, nas culturas ocidental, oriental e primitiva. Tem a vantagem de ser um sistema de codificação flexível o suficiente para ser adaptado, quando necessário, aos objetivos específicos de um projeto de pesquisa em particular.

Para a análise do conteúdo verbal, Nuttin (1980, *apud* Coelho) criou categorias de objetos e relações. São quatro as grandes categorias:

- a) a categoria do sujeito como pessoa, em todos os seus aspectos, tal como se percebe e entende ser percebido pelos outros;

- b) a categoria das motivações do indivíduo em suas relações com os outros. Refere-se à reciprocidade de contato e às relações em que há diferentes níveis de contato (como com amigos, familiares, colegas de trabalho);
- c) A terceira categoria é composta por objetos tangíveis da natureza ou fabricados pelo homem. Relaciona-se às circunstâncias concretas da vida;
- d) A categoria das “Entidades Ideais”, formada pelos seguintes elementos: sistemas e concepções ideológicas, a ciência, a filosofia, a religião, posturas políticas e sociais, e valores objetivos como verdade, realidade, liberdade, justiça e autonomia. Nessa categoria estão os objetos transcendentais que lidam com o significado da vida e as expectativas pós-morte.

Além dessas grandes categorias, há outros tipos de relações que as pessoas estabelecem com os objetos:

- a) o contato social, que aparece de duas formas. A primeira refere-se às experiências de aceitação pelo outro, a uma postura positiva do outro em relação ao sujeito. A segunda forma é de natureza altruísta e refere-se às atividades do sujeito em busca do bem-estar do outro;
- b) as atividades exploratórias ou cognitivas, relacionadas à motivação do sujeito em conhecer a si mesmo e aos fenômenos da natureza, em buscar a verdade e objetivar a própria existência;
- c) A categoria de lazer e de descanso;
- d) A categoria da relação do sujeito com os objetos tangíveis, caracterizada por tomar posse, ter, comprar ou ganhar coisas.

Todas as categorias são representadas por combinações de símbolos compostos por letras, números e sinais. O elemento principal de cada motivação está em letra maiúscula, designando uma das categorias principais. Algumas categorias se subdividem em três grupos como as categorias de Realização e Contato. As categorias principais podem vir acompanhadas de indicações suplementares em letra minúscula e abreviada. Os símbolos, as siglas e as abreviações referem-se aos nomes das categorias em inglês no original e foram mantidos assim neste estudo.

Considerando os objetivos desta pesquisa e a possibilidade de ajustamento e modificação do método, para classificar os conteúdos das metas pessoais dos respondentes, foram utilizados os códigos das categorias principais, sem as indicações complementares, e as subdivisões da categoria Contato. A relação das categorias motivacionais, com seus respectivos códigos utilizados na análise do conteúdo das respostas dos sujeitos, encontra-se no Anexo 7.

Cada auxiliar de pesquisa ficou responsável pela codificação das respostas dos sujeitos de um grupo de idade e a pesquisadora fez a codificação das respostas de todos os sujeitos. Dessa forma, as próprias auxiliares funcionaram como juízes da categorização feita pela pesquisadora. Após a codificação, foi feito o teste de fidedignidade com 20% do total de sujeitos de cada grupo de idade, sorteados ao acaso, e a categorização feita pela auxiliar de pesquisa foi comparada com a feita pela pesquisadora. Obteve-se um índice médio de acordos de 76,28%.

CAPÍTULO III

RESULTADOS

Em primeiro lugar serão apresentados os resultados da análise univariada das variáveis Investimento na Vida Pessoal, Metas Pessoais de Vida e Satisfação. Inicialmente será feita a análise das respostas de todos os participantes e depois a análise do conjunto de respostas dos grupos de gênero e idade. Posteriormente, serão apresentados os resultados da análise multivariada do conjunto de variáveis.

Em seguida serão apresentados os resultados da análise de correspondência aplicada aos dados com os objetivos de: a) estudar o perfil dos grupos etários e de gênero diante das variáveis Satisfação Geral com a Vida, Satisfação com a Vida referenciada a Domínios, Investimento na Vida Pessoal e Metas Pessoais de Vida ; b) investigar a relação entre as variáveis.

O método empregado foi o de análise das tabelas cruzadas no qual tabelas compostas pelos dados observados são comparadas com tabelas construídas com base na hipótese de não-associação entre as categorias das variáveis. Nessa comparação utilizam-se testes de Qui-quadrado, o que possibilita verificar as associações entre as categorias e o grau

de diferença entre a situação observada e a hipotética. O estudo das tabelas permite comparar os perfis dos indivíduos e das variáveis e identificar associações entre eles.

Com a análise de correspondência foram criados os perfis dos seis grupos, dois de gênero (masculino e feminino, representados pelas letras H e M), e três de idade (25-35, 45-55 e 65-75 anos, simbolizados pelos números I, II, e III, representando os estágios de adulto jovem, meia-idade e velhice) com base no perfil médio dos indivíduos de cada grupo. Entende-se por perfil de um indivíduo a seqüência de suas freqüências relativas ao total observado.

1. RESULTADOS DA ANÁLISE UNIVARIADA

A - INVESTIMENTO NA VIDA PESSOAL

Considerando-se o total de participantes que pontuaram em 4 e 5 na escala, constata-se que os domínios nos quais fizeram mais investimento são Bem-estar da Família (81%), A Vida como um Todo (73%) e Independência (70%).

Nos grupos de gênero, os resultados dos que pontuam 4 e 5 na escala são semelhantes ao total de participantes. As maiores diferenças entre homens e mulheres estão nos domínios Funcionamento Intelectual (65% dos homens e 48% das mulheres investem muito nesse domínio), Passatempos e Interesses (52% dos homens e 41% das mulheres), Relações com Amigos e Conhecidos” (68% dos homens e 58% das mulheres), Sexualidade (56% dos homens e 35% das mulheres) e Independência (76% dos homens e 66% das mulheres).

Resultados semelhantes aos do total de participantes são encontrados nos três grupos de idade. As maiores diferenças entre eles estão nos seguintes domínios: Saúde (grupo I =44%; grupo II =44%, grupo III =60%), Funcionamento Intelectual (grupo I =58%,

grupo II =60%, grupo III =49%), Passatempos e Interesses (grupo =50%, grupo II =37%, grupo III =52%), Sexualidade (grupo I =65%, grupo II =47%, grupo III =20%).

Os dados de investimento no domínio Sexualidade revelam resultados interessantes: 44% dos sujeitos investem muito, 27% investem pouco e 28% estão na posição neutra. Quando os resultados dos grupos de gênero são analisados, encontra-se que 56% dos homens investem muito nesse domínio e 14% investem pouco, ao passo que 35% das mulheres investem muito e 38% investem pouco. Na Figura 6 pode-se observar essa inversão nos resultados com mais homens do que mulheres investindo muito.

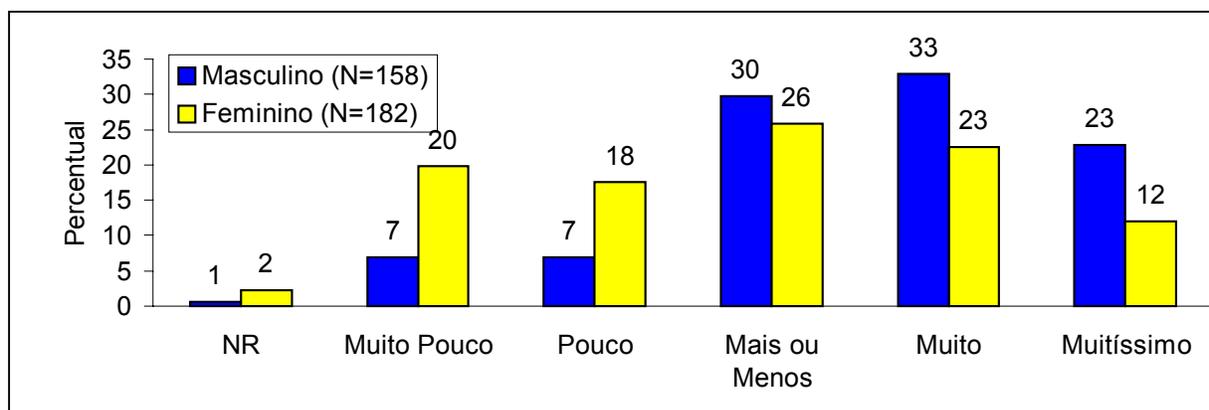


Figura 6 - Investimento de Homens e Mulheres em Sexualidade

A análise dos grupos de idade permite dizer que 65% dos adultos jovens investem muito na sexualidade e 17% investem pouco, ao passo que, entre os idosos, 20% investem muito e 41% investem pouco. Observa-se que aqui também há uma inversão da ordem dos resultados, como pode ser visto na Figura 7. Os adultos da meia-idade encontra-se numa posição intermediária, com 47% dos sujeitos investindo muito, 23 investindo pouco e 31% se colocando numa posição neutra.

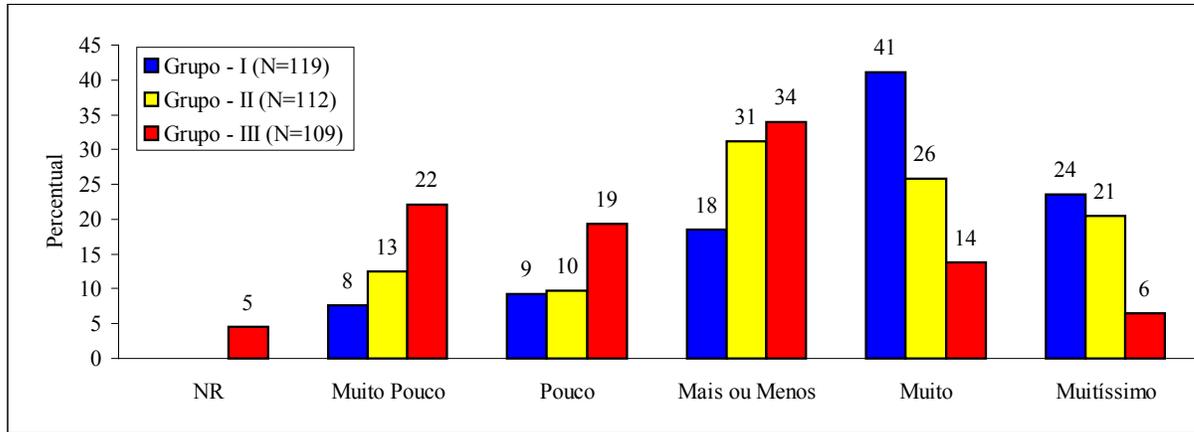


Figura 7 - Investimento dos grupos de idade em Sexualidade

Os resultados referentes ao investimento na Morte e no Morrer chamam a atenção por serem o inverso dos encontrados nos demais domínios. Do total de participantes, 25% investem muito, 48% investem pouco nesse domínio e 26% colocam-se numa posição neutra.

Resumindo os resultados sobre o investimento na vida pessoal, o domínio no qual há maior investimento, com percentuais próximos ou acima de 80% nos pontos 4 e 5 da escala, é Bem-estar da Família, em seguida estão os domínios com valores percentuais variando entre 65% e 79%, que são Independência e A vida como um Todo.

Os domínios em que há maior distribuição dos resultados entre os pontos altos e neutro da escala são Saúde, Funcionamento Intelectual, Passatempos e Interesses, Relação com Amigos e Conhecidos.

O domínio em que há maior distribuição dos resultados entre o ponto neutro e os mais baixos, com valores percentuais maiores de investimento nos pontos 1 e 2 é A Morte e o Morrer.

Os domínios onde aparecem as maiores diferenças entre os grupos são Saúde, Funcionamento intelectual, Passatempos e interesses e Sexualidade.

B - Metas Pessoais de Vida

Os 340 participantes fizeram 8.432 citações de metas pessoais cujos conteúdos foram classificadas nas 10 categorias motivacionais que estão descritas no Anexo 7. Na figura 8 pode ser vista a distribuição das citações nessas categorias.

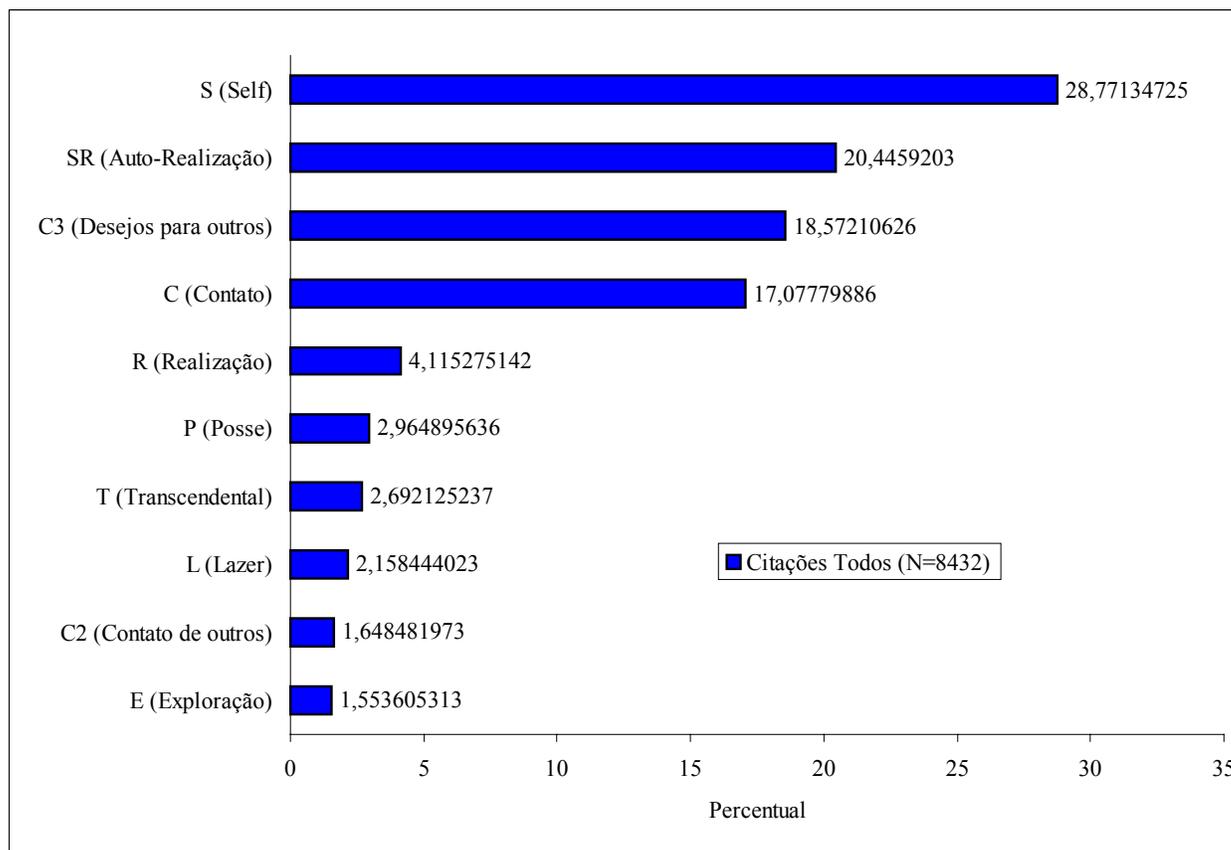


FIGURA 8 – DISTRIBUIÇÃO DAS METAS PESSOAIS NAS 10 CATEGORIAS MOTIVACIONAIS

As categorias com maior número de citações são: *Self* - S (28,8%), Auto-realização -SR (20,4%), Contato Altruístico - C3 (18,6%) e Contato Geral - C (17,1%). Os 15% restantes estão distribuídos entre as demais categorias.

Na análise dos resultados de homens e mulheres destaca-se que a maior diferença na quantidade de citações refere-se à meta Contato Altruístico (C3), com 21% para os homens e 17% para as mulheres, como pode ser visto na Figura 9.

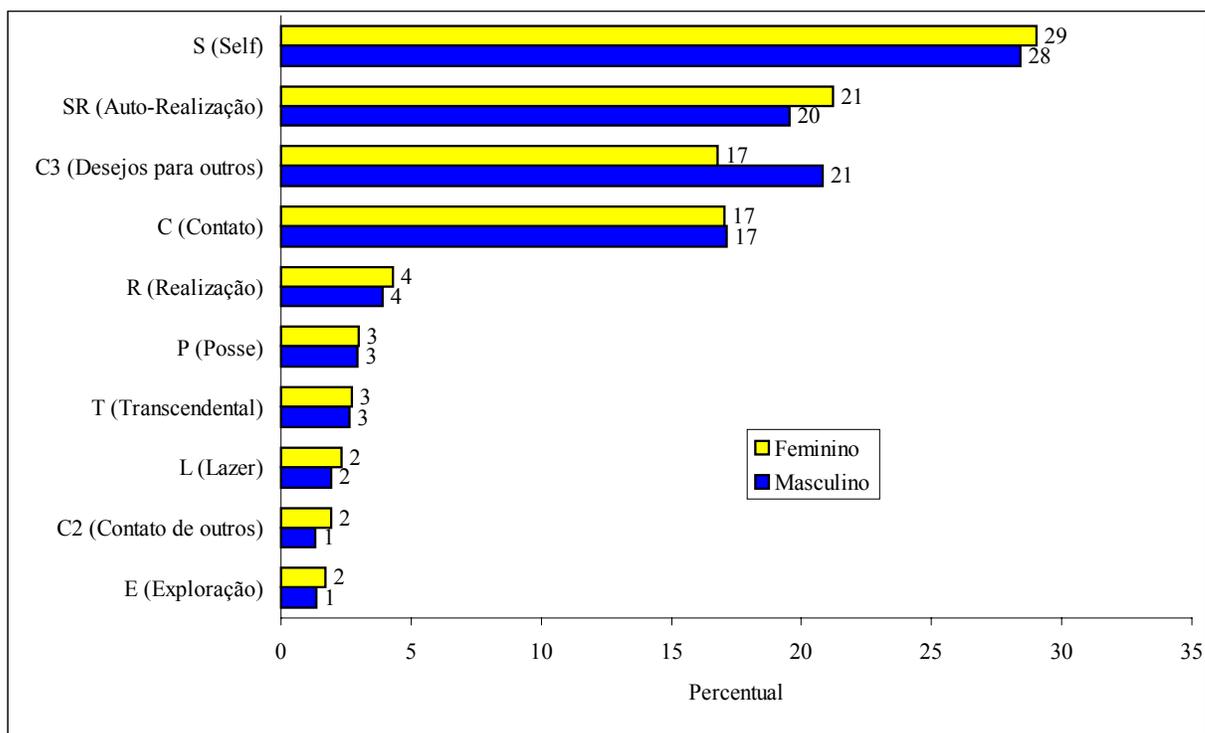


FIGURA 9 - CATEGORIAS DAS METAS PESSOAIS DE HOMENS E MULHERES

Entre os grupos de idade, as maiores diferenças são encontradas nas metas de Auto-realização - SR (grupo I =29%, grupo II =20%, grupo III =11%) e Contato Altruístico - C3 (grupo I =12%, grupo II =23% e grupo III =21%) como se nota na Figura 10.

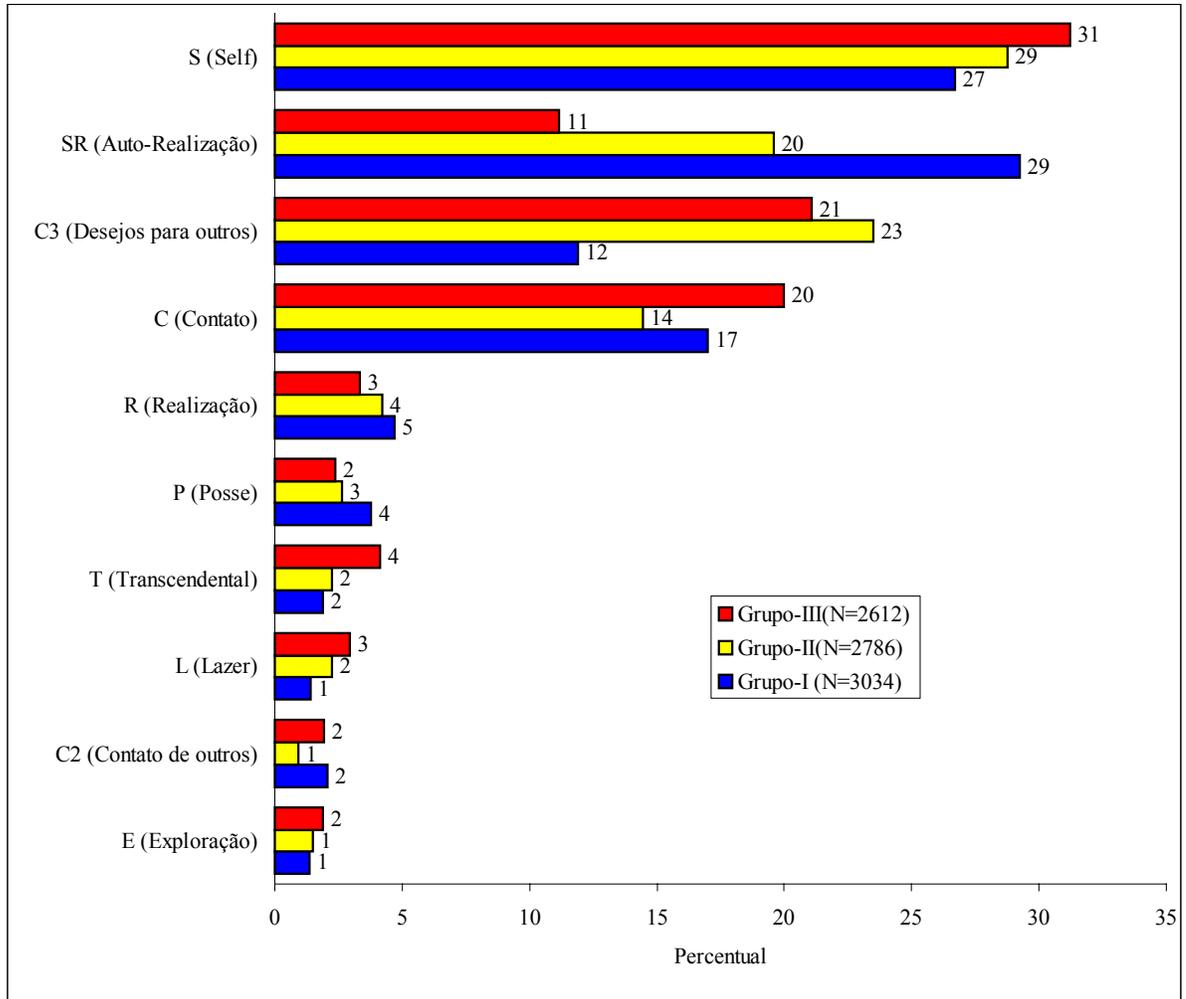


Figura 10 - Categorias das metas pessoais dos grupos de idade

C - SATISFAÇÃO COM A VIDA

Ao analisar os resultados da Escala de Satisfação Geral com a Vida, constata-se que 76% dos participantes estão satisfeitos com suas próprias vidas no momento, sendo que 31,5% colocam-se nos pontos 9 e 10 e 44,5% nos pontos 7 e 8. A maioria dos participantes (87%) também tem expectativa de vir a estar satisfeita com sua vida em futuro próximo, sendo que 51% das pessoas colocam-se nos pontos 9 e 10 e 36% nos pontos 7 e 8 da escala.

Homens e mulheres estão satisfeitos com suas vidas na atualidade e têm expectativas de satisfação na vida futura, mas os Homens apresentam porcentagens mais altas de respostas nos níveis mais elevados da escala de Satisfação com a Vida Atual (40% nos pontos 9 e 10 e 42% nos pontos 7 e 8) do que as Mulheres (24% nos pontos 9 e 10 e 47% nos pontos 7 e 8), como pode ser visto na Figura 11 abaixo.

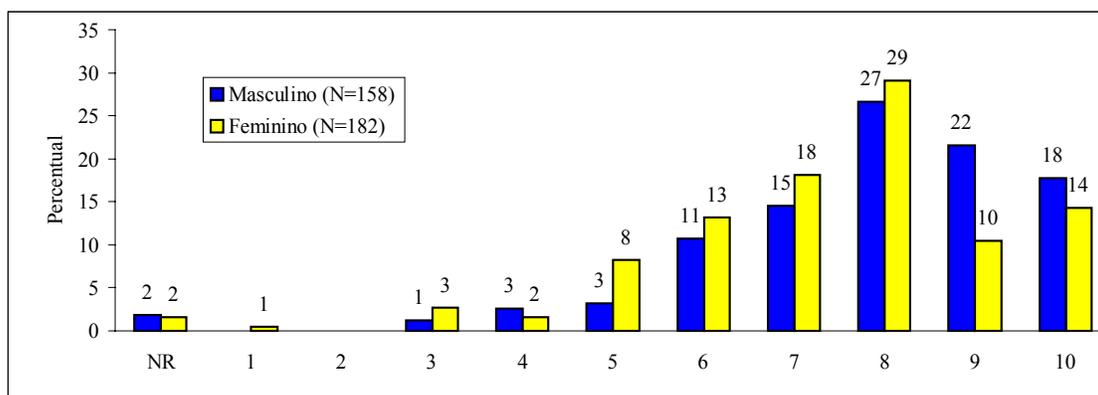


Figura 11 - Satisfação com a vida atual e os grupos de gênero

Os grupos de idade apresentam diferenças interessantes como se vê na Figura 12.

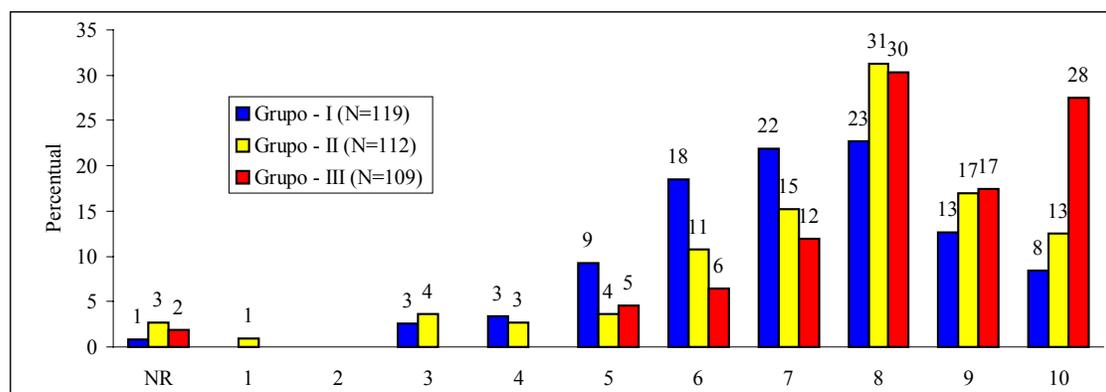


Figura 12 – Satisfação com a vida atual e os grupos de idade

A mais alta percentagem (87%) de satisfação com a vida atual é do grupo III (45% nos pontos 9 e 10 e 42% nos pontos 7 e 8) e o grupo I tem a percentagem mais baixa (66%, sendo 21% nos pontos 9 e 10 e 45% nos pontos 7 e 8).

Resultados interessantes, vistos na Figura 13, também são encontrados quando se trata da expectativa de satisfação com a vida nos próximos cinco anos.

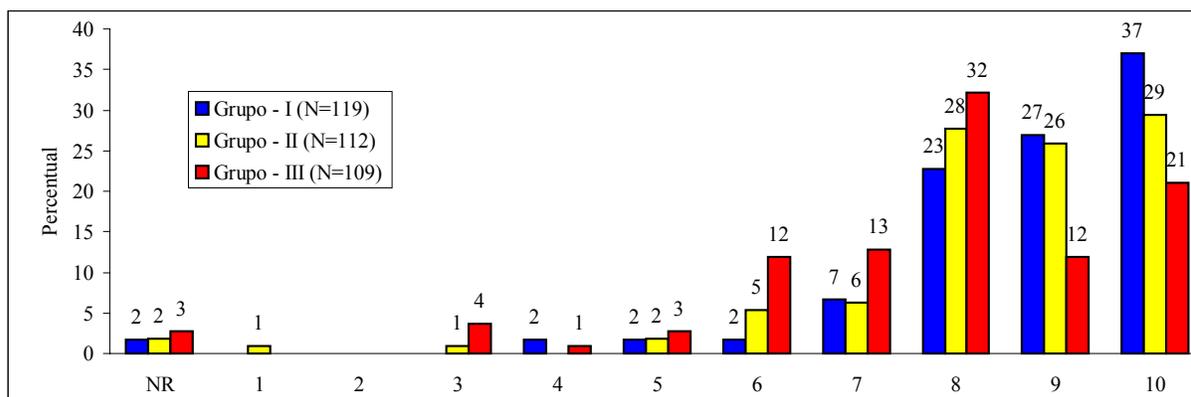


FIGURA 13 - EXPECTATIVA DE SATISFAÇÃO FUTURA E OS GRUPOS DE IDADE

O grupo I apresenta a percentagem mais alta (94% sendo 64% nos pontos 9 e 10 e 30% nos pontos 7 e 8) enquanto 33% dos participantes do grupo III colocam-se nos pontos 9 e 10 e 45% nos pontos 7 e 8.

Nota-se nas Figuras 12 e 13 que os resultados do grupo II ficam entre os dos outros dois grupos tanto no que se refere à satisfação com a vida hoje, quanto em relação à expectativa de satisfação no futuro.

Quanto à satisfação com a vida referenciada a domínios, considerando o total de participantes, verifica-se que o domínio com o qual estão mais satisfeitos é o SV6 – Capacidade mental atual comparada com a de outras pessoas, no qual 76% pontuam em 4 e 5 na escala.

Nos grupos de gênero, as maiores diferenças entre homens e mulheres são encontradas nos resultados dos que pontuam 4 e 5 nos domínios SV4 – Capacidade Mental - (85% dos homens e 65% das mulheres estão satisfeitos com este domínio); SV5 – Capacidade mental comparada com a de cinco anos atrás - (73% dos homens e 56% das mulheres); SV6 - Capacidade mental atual comparada com a de outras pessoas - (84% dos homens e 71% das mulheres); SV8 – Envolvimento social comparado com o de cinco anos atrás - (65% dos homens e 53% das mulheres); SV7 – Envolvimento social - (61% dos homens e 50% das mulheres) e SV1 – Saúde e capacidade física - (69% dos homens e 58% das mulheres).

As maiores diferenças entre os grupos de idade são encontradas nos seguintes domínios: SV5 – Capacidade mental comparada com a de cinco anos atrás - (grupo I =75%, grupo II =66% e grupo III =50%); SV2 - Saúde e capacidade física de cinco anos atrás - (grupo I =69%, grupo II =55%, grupo III =46%); SV1 - Saúde e capacidade física - (grupo I =76%, grupo II =58%, grupo III =54%); SV 4 - Capacidade mental - (grupo I =79%, grupo II =76%, grupo III =66%) e SV 8 - Envolvimento social comparado com o de cinco anos atrás - (grupo I =66%, grupo II =55%, grupo III =55%).

Pode-se dizer que o grupo de participantes mais jovens mostra-se mais satisfeito em relação aos domínios Saúde e Capacidade Física e Capacidade Mental do que os dois outros grupos. Por outro lado, o grupo de idosos mostra-se mais satisfeito no domínio Envolvimento Social do que os adultos jovens e de meia-idade.

Em relação ao domínio Envolvimento Social, os participantes dos três grupos estão menos satisfeitos com a vida atual do que com a de cinco anos atrás.

Quando a comparação é feita com pessoas da mesma idade, há uma elevação da porcentagem de participantes dos três grupos satisfeitos nos três domínios.

Em resumo, os resultados obtidos em cada domínio são os seguintes:

a) Domínio 1 (Saúde e capacidade física) – o grupo I é o que tem mais participantes satisfeitos nesse domínio (76%) contra 58% do grupo II e 54% do grupo III. Estes dois últimos grupos apresentam porcentagens mais altas na posição neutra do que o grupo I. O nível de satisfação diminui nos três grupos quando há comparação com a vida há cinco anos atrás, mas aumenta quando a comparação é feita com pessoas da mesma idade dos participantes.

b) Domínio 2 (Capacidade mental) – 79% das pessoas do grupo I, 76% do grupo II e 66% do grupo III estão satisfeitas com sua capacidade mental. Quando comparam essa capacidade com a de cinco anos atrás, os participantes dos três grupos apresentam uma queda nos níveis de satisfação, ficando o grupo III com a maior diminuição de valor (50%). Esses valores tornam a se elevar quando se comparam com pessoas da mesma idade, sendo que o grupo III apresenta a maior elevação passando de 66% para 75% enquanto os grupos I e II permanecem com 79% e 77% respectivamente.

c) Domínio 3 (Envolvimento social) – os três grupos apresentam valores baixos de satisfação nesse domínio. O grupo II apresenta menor porcentagem de participantes satisfeitos (54%) do que os grupos I (55%) e o III (57%), embora a diferença entre eles seja pequena. Há variação nos valores quando é feita a comparação da vida atual com a passada, ficando o grupo I com a porcentagem maior de participantes satisfeitos (66%) e os grupos II e III chegando aos mesmos valores (55%). Quando a comparação é feita com pessoas da mesma idade, o grupo III apresenta uma elevação da porcentagem de satisfação (de 55% para 60%) enquanto os grupos I e II sofrem uma queda nos valores (59% e 51% respectivamente).

2. RESULTADOS DA ANÁLISE MULTIVARIADA

A seguir serão analisadas as relações entre os grupos etários e de gênero e as variáveis componentes dos construtos Investimento na Vida Pessoal, Metas Pessoais de Vida e Satisfação com a Vida.

Em toda a análise será utilizado um perfil para representar cada um dos grupos etários e de gênero (homens adultos jovens, de meia-idade e idosos, mulheres adultas jovens, de meia-idade e idosas). Este perfil é resultado da média dos perfis dos indivíduos que integram cada grupo. Por exemplo: a média dos 52 indivíduos que compõem o grupo de homens adultos jovens é o perfil que será utilizado para representá-lo.

A - OS GRUPOS ETÁRIOS E DE GÊNERO E O INVESTIMENTO NA VIDA PESSOAL

Inicialmente serão estudadas as variáveis de investimento na vida pessoal para a amostra como um todo e em seguida será feita a discriminação entre os perfis dos grupos de gênero e idade nessas mesmas variáveis.

Na Tabela 2 são apresentadas as respostas dos 340 participantes nas nove variáveis de investimento.

Tabela 2 - Respostas dos participantes às variáveis de investimento na vida pessoal

VARIÁVEIS/RESPOSTAS	Não Resposta	Muito pouco	Pouco	Mais ou Menos	Muito	Muitíssimo
INV1 – Saúde	2	12	35	125	116	50
INV2 – Funcionamento intelectual	3	11	26	109	148	43
INV3 – Passatempos e interesses	1	21	43	118	118	39
INV4 – Relações com amigos e conhecidos	1	9	28	88	113	101
INV5 – Sexualidade	5	47	43	94	93	58
INV6 – Bem-estar da família	0	4	7	53	110	166
INV7 – Independência	0	16	17	68	107	132
INV8 – A vida como um todo	0	9	10	75	149	97
INV9 – A morte e o morrer	3	96	69	87	50	35

A Análise de Correspondência aplicada a essa tabela obteve uma representação de 96,4% da variabilidade de todos os perfis linha. As variáveis INV1 a INV9 são comparadas entre si, como pode ser visto na Figura 14.

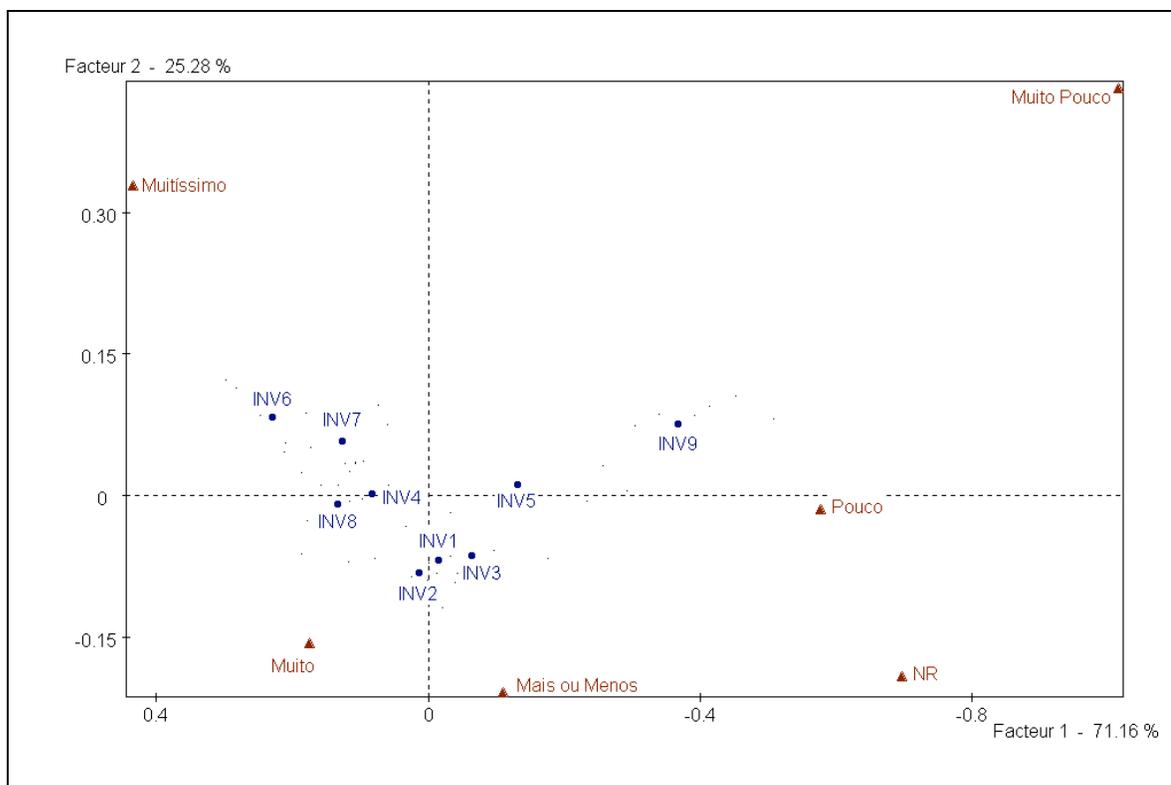


Figura 14 – Análise de Correspondência das respostas dos 340 participantes às variáveis de investimento

Nota-se nessa figura uma gradação que vai de muito pouco a muitíssimo sugerindo que as variáveis INV9, INV5, INV3, INV2, INV1, INV4, INV8, INV7, INV6, em seqüência, apresentam freqüências mais alta nos pontos superiores da escala (muito e muitíssimo) e freqüências mais baixas nos inferiores. (muito pouco e pouco).

A seguir será apresentado o estudo do relacionamento entre cada variável e os perfis dos grupos de idade e gênero. As variáveis serão apresentadas na ordem acima descrita.

Na composição do perfil da variável INV9 (A morte e o morrer), as mulheres jovens e as de meia idade se destacam por contribuírem com maiores freqüências nos pontos 1 e 2 (muito pouco e pouco) da escala enquanto que as idosas contribuíram com freqüências mais altas no ponto 3 (mais ou menos). Os demais indivíduos estão próximos do perfil médio.

O perfil da variável INV5 (Sexualidade), a segunda mais relacionada às pontuações mais baixas e menos relacionada às mais altas, foi composto pelos grupos de idosas e de mulheres de meia-idade, que contribuem com maiores frequências nos pontos 1 (muito pouco) e 2 (pouco) da escala, pelos homens idosos, com maiores frequências no ponto 3 (mais ou menos) e pelos grupos de mulheres e homens jovens e de homens de meia-idade com maiores frequências nos pontos 4 (muito) e 5 (muitíssimo).

A variável INV3 (Passatempos e interesses) é uma das mais associadas ao ponto 3 (mais ou menos) da escala, e a composição de seu perfil é dada pela média do perfil de mulheres de meia-idade, que contribui com frequências mais altas nos pontos 1 (muito pouco) e 2 (pouco) e com frequências mais baixas no ponto 4 (muito), e pela média dos perfis dos demais grupos que contribuem com frequências mais altas em 4 (muito) e 3 (mais ou menos).

Nota-se que as três variáveis tratadas até aqui têm baixas frequências no ponto 5 (muitíssimo) da escala.

Na variável INV2 (Funcionamento intelectual), os homens jovens e os de meia-idade se destacaram contribuindo com altas frequências no ponto 5 da escala (muitíssimo) e os demais grupos com altas frequências no ponto 4 (muito).

Para a composição do perfil da variável INV1 (Saúde), o grupo de idosas contribuiu com alta frequência nos pontos 4 (muito) e 5 (muitíssimo) e os demais grupos contribuem com altas frequências nos pontos 4 (muito) e 3 (mais ou menos).

Os seis grupos compõem o perfil da variável INV4 (Relações com amigos e conhecidos), com os grupos de homens jovens e idosos e de mulheres idosas contribuindo com menores frequências nos pontos 2 (pouco) e 1 (muito pouco). Os perfis dos grupos próximos ao perfil médio sugerem pouca discrepância entre as frequências dos indivíduos nessa variável.

A variável INV8 (A vida como um todo) apresentou poucas diferenças entre os grupos. Os pontos 3 (mais ou menos), 4 (muito) e 5 (muitíssimo) apresentaram alta frequência de respostas, enquanto os pontos 1 (muito pouco) e 2 (pouco) tiveram baixas frequências. As poucas diferenças entre os grupos referem-se à presença de respostas de mulheres jovens e de homens e mulheres de meia-idade, ou à ausência de respostas dos homens jovens e dos homens e mulheres idosos nas pontuações 1 (muito pouco) e 2 (pouco).

Na variável INV7 (Independência), os homens jovens e os idosos estiveram mais associados aos pontos 4 (muito) e 5 (muitíssimo) do que os demais grupos. As mulheres jovens e as de meia-idade estiveram mais associadas ao ponto 1 (muito pouco). Os homens de meia-idade e as idosas ficaram numa posição intermediária.

Na variável INV6 (O bem estar da família), os homens jovens e os idosos apresentaram um perfil mais associado aos pontos 3 (mais ou menos) e 4 (muito) do que os demais grupos. As mulheres de meia-idade e as idosas tiveram mais associação com o ponto 5 (muitíssimo). Os homens de meia-idade e as mulheres jovens ficaram numa posição intermediária.

B - OS GRUPOS ETÁRIOS E DE GÊNERO E AS METAS PESSOAIS DE VIDA

O estudo do perfil dos grupos etários e de gênero em relação às Metas Pessoais de Vida foi feito com base na análise da tabela cruzada dos seis grupos contra as Metas de Vida, como é mostrado na Tabela 3 na qual cada linha é a soma das linhas dos indivíduos correspondentes ao grupo. Por exemplo, a célula “H1, *Self*” corresponde à soma do número de citações de *Self* de todos os homens jovens (grupo H1).

Tabela 3 - Tabela cruzada das metas de vida e os grupos etários e de gênero

	S	SR	R	C	C2	C3	E	P	L	T	Total
Homens											
Jovens	346	361	54	225	23	173	14	45	22	22	1285
Meia-idade	344	272	61	188	12	321	19	34	28	28	1307
Idosos	383	104	32	234	15	291	18	32	23	50	1182
Mulheres											
Jovens	464	526	89	291	40	188	27	69	20	35	1749
Meia-idade	457	274	56	214	14	333	22	40	35	34	1479
Idosas	432	187	55	288	35	260	31	30	54	58	1430
Total	2426	1724	347	1440	139	1566	131	250	182	227	8432

Na Tabela 4 a seguir são apresentados os valores esperados na hipótese de não-associação. As proporções no total das linhas se repetem para as linhas do corpo da tabela e as proporções no total das colunas se repetem para as colunas do corpo da tabela.

Tabela 4 - Tabela de valores esperados na hipótese de não-associação

	S	SR	R	C	C2	C3	E	P	L	T	Total
Homens											
Jovens	369,7	262,7	52,9	219,4	21,2	238,7	20,0	38,1	27,7	34,6	1285
Meia-idade	376,0	267,2	53,8	223,2	21,5	242,7	20,3	38,8	28,2	35,2	1307
Idosos	340,1	241,7	48,6	201,9	19,5	219,5	18,4	35,0	25,5	31,8	1182
Mulheres											
Jovens	503,2	357,6	72,0	298,7	28,8	324,8	27,2	51,9	37,8	47,1	1749
Meia-idade	425,5	302,4	60,9	252,6	24,4	274,7	23,0	43,9	31,9	39,8	1479
Idosas	411,4	292,4	58,8	244,2	23,6	265,6	22,2	42,4	30,9	38,5	1430
Total	2426	1724	347	1440	139	1566	131	250	182	227	8432

A Tabela 5 mostra os valores das contribuições das células da Tabela 3 para o cálculo da estatística de Qui-quadrado do teste de independência para tabelas de contingência. A estatística de Qui-quadrado é uma medida da distância entre as tabelas de valores observados e de valores esperados e a Tabela 5 mostra o quanto cada célula contribui para tal distância.

Tabela 5 - Contribuições para a estatística de Qui-quadrado

	S	SR	R	C	C2	C3	E	P	L	T	Total
Homens											
Jovens	1,5	36,8	0,0	0,1	0,2	18,1	1,8	1,3	1,2	4,6	65,5
Meia-idade	2,7	0,1	1,0	5,6	4,2	25,2	0,1	0,6	0,0	1,5	40,9
Idosos	5,4	78,4	5,7	5,1	1,0	23,3	0,0	0,3	0,2	10,4	129,9
Mulheres											
Jovens	3,1	79,3	4,0	0,2	4,3	57,6	0,0	5,7	8,3	3,1	165,7
Meia-idade	2,3	2,7	0,4	5,9	4,4	12,4	0,0	0,3	0,3	0,8	29,6
Idosas	1,0	38,0	0,3	7,9	5,5	0,1	3,5	3,6	17,3	9,9	87,1
Total	16,1	235,2	11,4	24,8	19,7	136,7	5,4	11,7	27,4	30,3	518,6

As células de maiores valores da Tabela 5 indicam as maiores discordâncias da situação observada para a situação hipotética de não-associação e as células com os menores valores indicam pouca distância do observado para o esperado.

O teste rejeita a hipótese de independência entre as linhas e colunas da tabela ($Q=518,6$, valor- $p<0.001$) considerando a amostra aleatória.

Nota-se na Tabela 5 que as metas Auto-realização (SR) e Contato Altruístico (C3) são as que mais contribuem para a estatística de Qui-quadrado e, assim, as diferenças entre os perfis dos seis grupos etários devem-se principalmente a essas metas. Isso também pode ser observado nas diferenças entre as frequências dos grupos etários e de gênero nas colunas de Auto-realização (SR) e Contato Altruístico (C3) da Tabela 3. Nessa tabela pode-se observar que as metas Contato Geral (C) e Self (S) obtiveram números de citação tão altos quanto Auto-realização e Contato Altruístico, mas não contribuíram na mesma magnitude que estas para a estatística de Qui-quadrado. As frequências dos seis grupos em Contato Geral e em *Self* seguem um padrão mais uniforme do que as metas Auto-realização e Contato Altruístico.

As demais metas de vida não dão contribuições tão altas quanto as de Auto-realização e Contato Altruístico para a diferença entre as tabelas observada (Tabela 3) e esperada (Tabela 4), embora essas contribuições sejam significativas. Pode-se dizer, então, que

essas metas de vida são responsáveis pelas diferenças primárias entre os grupos e as demais por diferenças secundárias.

Para analisar as associações existentes entre os elementos de linha e coluna da Tabela 3 foi criada a Tabela 6, com a diferença entre os valores observados e os valores esperados.

Tabela 6 - Valores observados menos os valores esperados

	S	SR	R	C	C2	C3	E	P	L	T
Homens										
Jovens	-23,7	98,3	1,1	5,6	1,8	-65,7	-6,0	6,9	-5,7	-12,6
Meia-idade	-32,0	4,8	7,2	-35,2	-9,5	78,3	-1,3	-4,8	-0,2	-7,2
Idosos	42,9	-137,7	-16,6	32,1	-4,5	71,5	-0,4	-3,0	-2,5	18,2
Mulheres										
Jovens	-39,2	168,4	17,0	-7,7	11,2	-136,8	-0,2	17,1	-17,8	-12,1
Meia-idade	31,5	-28,4	-4,9	-38,6	-10,4	58,3	-1,0	-3,9	3,1	-5,8
Idosas	20,6	-105,4	-3,8	43,8	11,4	-5,6	8,8	-12,4	23,1	19,5

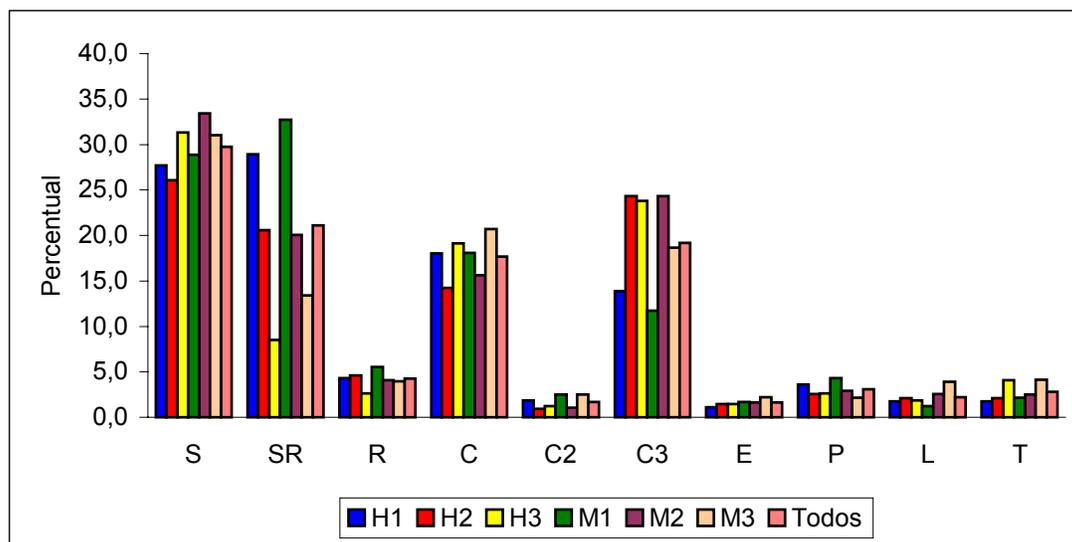
Em uma meta de vida, se a contribuição de um grupo é alta e a diferença entre a frequência observada e a frequência esperada é positiva, isso quer dizer que esse grupo é mais caracterizado por essa meta do que os demais grupos. Por outro lado, se a contribuição de um grupo é alta e a diferença entre o observado e o esperado é negativa, isso significa que tal grupo é menos caracterizado por essa meta que os demais grupos.

A Tabela 7 apresenta os valores percentuais dos perfis dos indivíduos representantes dos grupos etários e de gênero nas categorias das metas de vida.

Tabela 7 – Perfis dos grupos etários e de gênero nas categorias das metas de vida, com valores percentuais

	S	SR	R	C	C2	C3	E	P	L	T
Homens										
Jovens	27,7	28,9	4,3	18,0	1,8	13,9	1,1	3,6	1,8	1,8
Meia-idade	26,1	20,6	4,6	14,2	0,9	24,3	1,4	2,6	2,1	2,1
Idosos	31,3	8,5	2,6	19,1	1,2	23,8	1,5	2,6	1,9	4,1
Mulheres										
Jovens	28,9	32,7	5,5	18,1	2,5	11,7	1,7	4,3	1,2	2,2
Meia-idade	33,4	20,0	4,1	15,6	1,0	24,3	1,6	2,9	2,6	2,5
Idosos	31,0	13,4	4,0	20,7	2,5	18,7	2,2	2,2	3,9	4,2
Todos	29,7	21,1	4,3	17,6	1,7	19,2	1,6	3,1	2,2	2,8

Os perfis-linha da Tabela 7 estão representados na Figura 15. O perfil de Todos, dado pela última célula de cada meta de vida, é o perfil médio dos 340 indivíduos.



Os dados contidos nessa figura são indicativos de que as maiores diferenças entre os perfis se dão na meta de Auto-realização (SR), seguida pela de Contato Altruístico (C3). As metas de Contato Geral (C) e de *Self* (S) representam níveis secundários de diferenças entre os seis grupos. As demais metas de Realização (R), Posse (P), Lazer (L), Transcendental (T) e Contato Recíproco (C2) também se apresentam como

aspectos de diferença entre os seis grupos, mas em uma escala menor. A meta Exploração (E) apresenta muito pouca diferença.

Assim, encontram-se as seguintes associações entre os grupos e as Metas Pessoais de Vida:

Auto-realização (SR): Os homens e mulheres jovens (grupos H1 e M1) são os mais caracterizados por essa meta e os homens e mulheres idosos (grupos H3 e M3) são os menos caracterizados. Os homens e mulheres de meia-idade (grupos H2 e M2) assumem uma posição intermediária, ou seja, próxima ao perfil médio.

Contato Altruístico (C3): Os homens de meia-idade e idosos e as mulheres de meia-idade (grupos H2, H3 e M2) são os mais caracterizados por essa meta ao passo que os homens e mulheres jovens (grupos H1 e M1) são os menos caracterizados. As idosas (grupo M3) assumem uma posição intermediária.

Contato Geral (C): Os idosos (grupos H3 e M3) são os mais caracterizados por esta meta e os adultos de meia-idade (grupos H2 e M2) os menos caracterizados. Os adultos jovens (grupos H1 e M1) estão em posição intermediária, próxima ao perfil médio.

Self (S): Os grupos mais caracterizados por citações categorizadas como *Self* são os compostos por mulheres de meia-idade e idosas e o grupo de homens idosos (M2, M3 e H3) e os menos caracterizados são os adultos jovens (grupos H1 e M1) e os homens de meia-idade (grupo H2).

Transcendental (T): Os homens e mulheres idosos (grupos H3 e M3) são os mais caracterizados por essa meta enquanto os demais são menos caracterizados. O aumento da característica T ocorre dentro de cada perfil de gênero, como pode ser observado na Tabela 7.

Posse (P): Dentre todos os grupos, os compostos por homens e mulheres jovens (grupos H1 e M1) são os mais caracterizados por citações dessa categoria e o grupo de idosas (M3) é o menos caracterizado.

Realização (R): O grupo mais caracterizado por essa meta é o de mulheres jovens (M1) e o menos caracterizado é o de homens idosos (H3). Os demais estão próximos ao perfil médio.

Lazer (L): O grupo de idosas (M3) é o mais caracterizado por citações de Lazer e o de mulheres jovens (M1) o menos caracterizado. Os demais grupos assumem uma posição próxima ao perfil médio.

Contato Recíproco (C2): Os grupos de mulheres jovens e idosas (M1 e M3) são os mais caracterizados por essa meta e os grupos de mulheres e homens de meia-idade e de homens idosos (M2, H2 e H3) os menos caracterizados. O grupo de homens jovens (H1) está próximo ao perfil médio.

Essas informações agrupadas podem ser vistas no quadro abaixo, que reúne as informações apresentadas.

Quadro - Caracterização relativa dos grupos etários e de gênero em relação às metas de vida

	Mais caracterizado por	Menos caracterizado por
Homens		
Jovens	SR	C3, T, S
Meia-idade	C3	C, S
Idosos	C3, T, C, S	SR, R
Mulheres		
Jovens	SR, C2, P, R	C3, T, L, S
Meia-idade	C3, S	C
Idosas	T, L, C, C2, S	SR, P

Vale frisar que as metas de Auto-realização (SR) e Contato Altruístico (C3) têm maior peso na determinação dos perfis dos grupos, ao passo que as demais metas informam diferenças secundárias entre eles. A meta de Exploração (E) traz muito pouca variância entre os grupos e não foi considerada.

A Figura 16 apresenta o primeiro plano fatorial da análise de correspondência aplicada à Tabela 3.

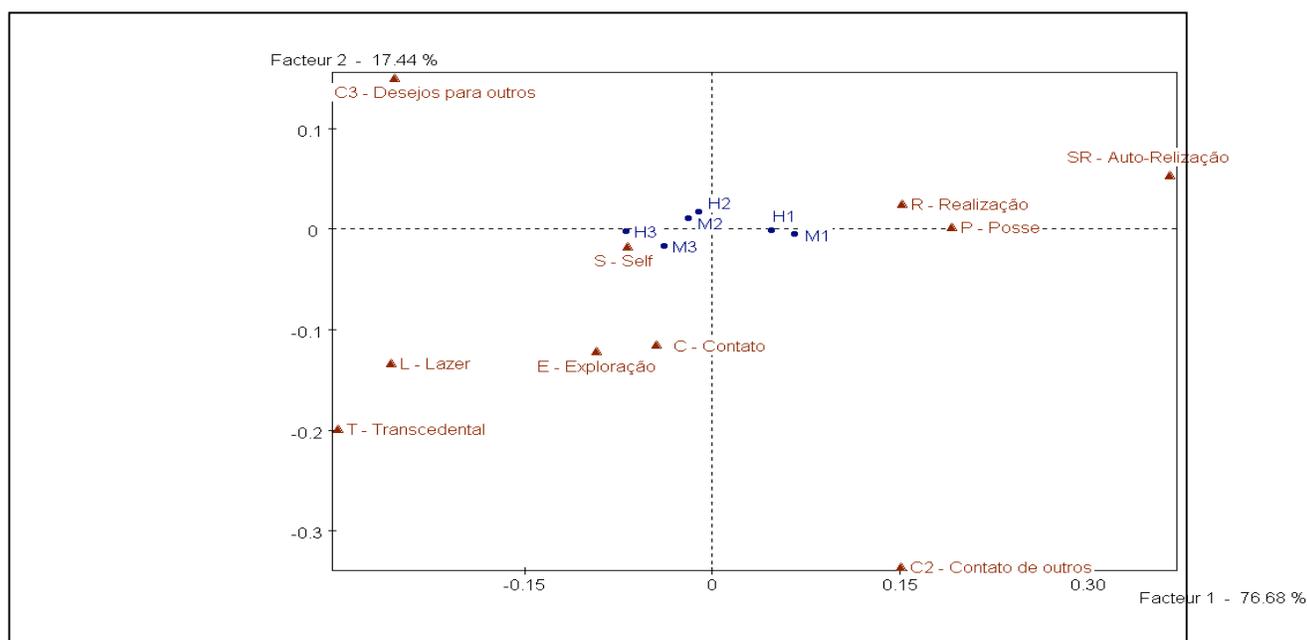


Figura 16 – Primeiro plano fatorial da Análise de Correspondência da Tabela 3

Nota-se a relativa proximidade entre os perfis dos adultos jovens (M1 e H1) e também entre os perfis dos adultos de meia-idade (H2 e M2), o que indica que se comportam de maneira parecida, como também se pode verificar analisando a Tabela 8. Os grupos de homens e mulheres idosos (H3 e M3) também são próximos mas relativamente menos que os pares de grupos de adultos jovens (M1 e H1) e de adultos de meia-idade (M2 e H2), o que se deve ao perfil maior dos homens idosos (H3) em Contato Altruístico (C3). A seguir, serão apresentados os resultados do estudo sobre a relação entre as diferentes categorias de metas pessoais e as variáveis de investimento.

Os níveis mais baixos de investimento para a variável INV1 (Saúde) têm perfil mais caracterizado pela meta de Auto-realização (SR) e menos caracterizado pelas metas Contato Geral (C) e Contato Altruístico (C3) que os níveis mais altos de investimento.

Para a variável INV2 (Funcionamento intelectual), o ponto 1 da escala (muito pouco) tem perfil mais caracterizado pela meta de Auto-realização (SR) e menos caracterizado pela meta de Contato Altruístico (C3) que os demais pontos. As pontuações de maior investimento estão mais caracterizadas por Contato Altruístico (C3) que as demais. O ponto 2 (pouco) está mais caracterizado pela meta *Self* (S) que os demais.

Na variável INV3 (Passatempos e interesses), as pontuações mais baixas são mais caracterizadas pelas metas *Self* (S) e Auto-realização (SR) e menos caracterizadas pela meta de Contato Geral (C) do que as pontuações mais altas. Os pontos 1 (muito pouco) e 5 (muitíssimo) da escala estão menos relacionados à meta de Contato Altruístico (C3) que os demais.

Os níveis baixos de investimento em INV4 (Relações com amigos e conhecidos) estão mais relacionados à meta de Auto-realização (SR) e menos relacionados às metas de Contato Altruístico (C3) e Contato Geral (C) que os níveis mais altos.

Os níveis mais altos de investimento em INV5 (Sexualidade) são os menos caracterizados pela meta *Self* (S) e mais caracterizados pela meta de Auto-realização (SR) que os níveis mais baixos de investimento. O ponto 1 (muito pouco) da escala está menos caracterizada pela meta de Contato Altruístico (C3) que os níveis mais altos de investimento. Os níveis de investimento 1 (muito pouco) e 2 (pouco) estão mais relacionados à meta de Lazer (L) que os demais níveis.

Os níveis mais baixos de investimento na variável INV6 (Bem-estar da família) estão menos relacionados à meta de Contato Altruístico (C3) e mais relacionados a Lazer (L) e Posse (P) que os demais níveis. Os níveis de investimento 3 (mais ou menos) e 4 (muito) são mais caracterizados pela meta de Auto-realização (SR) que os demais níveis. O nível

de investimento 3 (mais ou menos) tem o perfil um pouco mais relacionado à meta *Self* (S) que os demais níveis.

Os níveis mais baixos de investimento em INV7 (Independência) estão menos relacionados às metas Contato Altruístico (C3), Contato Geral (C) e Transcendental (T) e mais relacionados à meta de Realização (R) que os níveis mais altos de investimento. O nível 1 (muito pouco) de investimento está mais relacionada à meta de Auto-realização (SR) que os demais níveis.

Em INV8 (A vida como um todo), os níveis mais baixos de investimento são menos caracterizados pelas metas Contato Altruístico (C3) e Contato Geral (C) e mais caracterizados por Auto-realização (SR) que os demais níveis. O nível de investimento 1 (muito pouco) se caracteriza mais pela meta *Self* (S) que os demais níveis e o nível 2 (pouco) se caracteriza mais por Auto-realização (SR) que os demais níveis.

Os níveis mais baixos de investimento em INV9 (A morte e o morrer) estão menos relacionados à meta Transcendental (T) e mais relacionados à meta Posse (P) que os demais níveis.

C - OS GRUPOS ETÁRIOS E DE GÊNERO E A SATISFAÇÃO COM A VIDA

A seguir, com base na análise das tabelas cruzadas, serão estudados os perfis dos grupos de homens e mulheres jovens, de meia-idade e idosos (H1, H2, H3, M1, M2 e M3), com respeito às variáveis satisfação com a vida atual (Satisfação Atual) e expectativa de satisfação com a vida nos próximos cinco anos (Satisfação Futura), tratadas como variáveis categóricas.

A Figura 17 apresenta a Análise de Correspondência das variáveis Satisfação Atual e Satisfação Futura .

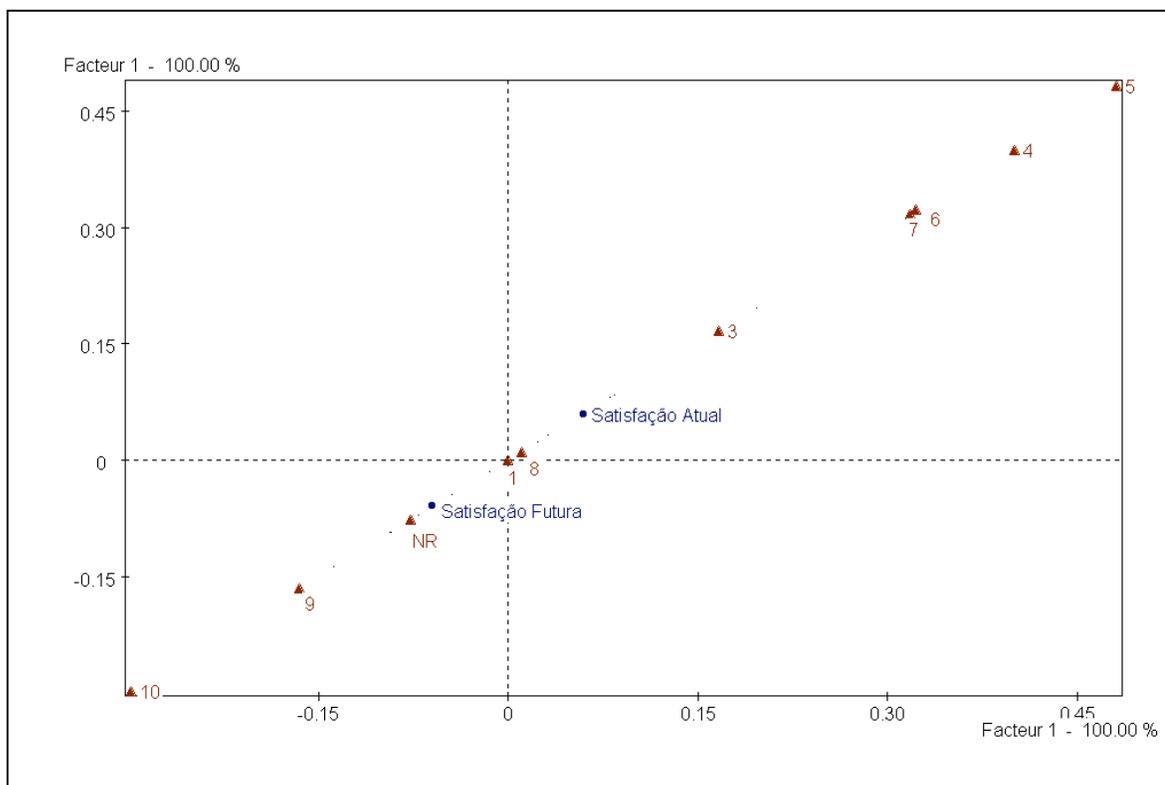


Figura 17 – Análise de Correspondência: Satisfação Atual e Satisfação Futura

Na Análise de Correspondência encontrou-se associação entre Satisfação Atual e os pontos 4, 5, 6, 7 e 3 da escala e entre Satisfação Futura e as pontuações 9 e 10. Nos pontos 1 e 8 as variáveis apresentam frequências semelhantes. Observam-se na Tabela 8 as maiores frequências de 9 e 10 em Satisfação Futura e de 4, 5, 6, 7 e 3 em Satisfação Atual.

Tabela 8 - Tabela cruzada das variáveis Satisfação Atual e Satisfação Futura

Variáveis	Pontos da Escala									
	Não Resposta	1	3	4	5	6	7	8	9	10
Satisfação Atual	6	1	7	7	20	41	56	95	53	54
Satisfação Futura	7	1	5	3	7	21	29	93	74	100

Na Tabela 9, criada com base na média dos perfis dos seis grupos na variável Satisfação Atual (SA), nota-se que a alta frequência de pontos médios (3, 4, 5, 6, 7) e a baixa frequência de (9 e 10) são determinadas pelos adultos jovens (grupos H1 e M1) e pelas

mulheres de meia-idade (M2) e que os homens e mulheres idosos (grupos H3 e M3) estão associados aos pontos mais altos.

Tabela 9 - Tabela cruzada da Satisfação Atual com os grupos etários e de gênero

VariáveisXGrupos	Não resposta	Pontos da Escala								
		1	3	4	5	6	7	8	9	10
Homens										
SA X Jovens	0	0	0	2	2	8	11	12	11	6
SA X Meia-idade	2	0	2	2	1	6	6	17	11	8
SA X Idosos	1	0	0	0	2	3	6	13	12	14
Mulheres										
SA X Jovens	1	0	3	2	9	14	15	15	4	4
SA X Meia-idade	1	1	2	1	3	6	11	18	8	6
SA X Idosas	1	0	0	0	3	4	7	20	7	16

Observa-se que as freqüências dos pontos 9 e 10 aumentam no sentido dos grupos mais jovens para os mais velhos e as freqüências dos pontos 3 a 7 diminuem nesse sentido. Assim, as freqüências dos pontos mais altos são maiores para os grupos mais velhos e as freqüências dos pontos 3 a 7 são maiores para os grupos mais jovens.

Com a variável Satisfação Futura (SF) ocorre exatamente o oposto do que se observa em relação à variável Satisfação Atual (SA) em termos das faixas etárias. Para os indivíduos mais jovens é maior a freqüência nos pontos 9 e 10 da escala e para os mais velhos é maior a de pontos mais baixos, como pode ser visto na Tabela 10.

Tabela 10 - Tabela cruzada da Satisfação Futura com os grupos etários e de gênero

VariáveisXGrupos	Não Resposta	Pontos da Escala								
		1	3	4	5	6	7	8	9	10
Homens										
SF X Jovens	0	0	0	1	1	0	2	11	17	20
SF X Meia-idade	2	0	1	0	0	2	4	16	13	17
SF X Idosos	2	0	3	1	0	4	6	19	8	8
Mulheres										
SF X Jovens	2	0	0	1	1	2	6	16	15	24
SF X Meia-idade	0	1	0	0	2	4	3	15	16	16
SF X Idosas	1	0	1	0	3	9	8	16	5	15

Em relação à satisfação com a vida referenciada a domínios, a análise das nove variáveis seguiu a mesma metodologia que a análise das variáveis de Investimento na Vida Pessoal. Em primeiro lugar é feita uma comparação das variáveis entre si, e em seguida, é estudado o perfil de cada indivíduo nas nove variáveis.

A Análise de Correspondência aplicada à Tabela 11 compara as variáveis de satisfação segundo a dimensão NR (Não resposta) e os pontos 1 (muito pouco), 2 (pouco), 3 (mais ou menos), 4 (muito) e 5 (muitíssimo) da escala.

Tabela 11 - Tabela cruzada das variáveis de Satisfação com a Vida e suas pontuações

	Pontos da Escala					
	Não Resposta	1	2	3	4	5
SV1 - Saúde e capacidade física	3	7	13	103	151	63
SV2 - Saúde e capacidade física comparadas com as de cinco anos atrás	1	17	39	90	122	71
SV3 - Saúde e capacidade física comparadas com as de pessoas da mesma idade	2	5	18	71	134	110
SV4 - Capacidade mental	1	7	20	61	157	94
SV5 - Capacidade mental comparada com a de cinco anos atrás	0	15	33	75	119	98
SV6 - Capacidade mental comparada com a de pessoas da mesma idade	1	5	15	58	158	103
SV7 - Envolvimento social	0	18	35	100	114	73
SV8 - Envolvimento social comparado com o de cinco anos atrás	0	21	45	74	115	85
SV9 - Envolvimento social comparado com o de pessoas da mesma idade	0	18	38	91	121	72

Na Figura 18 pode-se ver o resultado dessa análise no primeiro plano fatorial que representa 93,82% da variabilidade total dos dados.

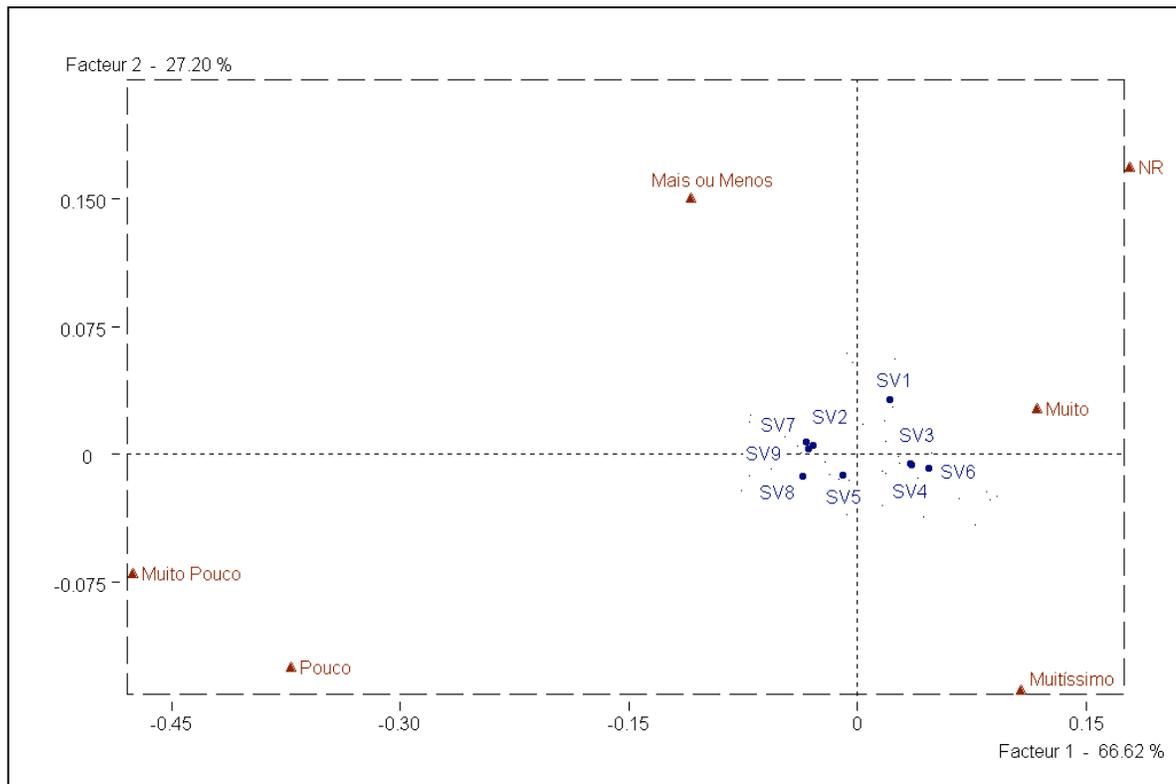


FIGURA 18 – ANÁLISE DE CORRESPONDÊNCIA DAS RESPOSTAS DOS 340 PARTICIPANTES ÀS VARIÁVEIS de satisfação

Essa figura mostra que as variáveis SV6 (Capacidade mental comparada com a de pessoas da mesma idade), SV4 (Capacidade mental) e SV3 (Saúde e capacidade física comparadas com as de pessoas da mesma idade) têm as maiores freqüências nos pontos 4 (muito) e 5 (muitíssimo), SV1 (Saúde e capacidade física) tem maiores freqüências em 4 (muito) e 3 (mais ou menos) e SV5 (Capacidade mental comparada com a de cinco anos atrás), SV8 (Envolvimento social comparado com o de cinco anos atrás), SV2 (Saúde e capacidade física comparadas com as de cinco anos atrás), SV7 (Envolvimento social), SV9 (Envolvimento social comparado com o de pessoas da mesma idade) têm as maiores freqüências nos pontos 2 (pouco) e 1 (muito pouco). Com base na interpretação do gráfico podem-se ordenar os dados na forma apresentada na Tabela 12.

TABELA 12 - TABELA ORDENADA SEGUNDO INTERPRETAÇÃO DA ANÁLISE DE CORRESPONDÊNCIA

APLICADA À TABELA 11

Variáveis	Não Resposta	Pontos na Escala				
		1	2	3	4	5
SV8 - Envolvimento social comparado com o de cinco anos atrás	0	21	45	74	115	85
SV2 - Saúde e capacidade física comparadas com as de cinco anos atrás	1	17	39	90	122	71
SV7 - Envolvimento social	0	18	35	100	114	73
SV9 - Envolvimento social comparado com o de pessoas da mesma idade	0	18	38	91	121	72
SV5 - Capacidade mental comparada com a de cinco anos atrás	0	15	33	75	119	98
SV1 - Saúde e capacidade física	3	7	13	103	151	63
SV3 - Saúde e capacidade física comparadas com as de pessoas da mesma idade	2	5	18	71	134	110
SV4 - Capacidade mental	1	7	20	61	157	94
SV6 - Capacidade mental comparada com a de pessoas da mesma idade	1	5	15	58	158	103

Segue-se o estudo do relacionamento entre cada variável e os perfis dos grupos de idade e gênero, na seqüência descrita na Tabela 12.

NA VARIÁVEL SV8 (ENVOLVIMENTO SOCIAL DE HOJE COMPARADO COM O DE CINCO ANOS ATRÁS), OS HOMENS JOVENS (GRUPO H1) APRESENTA-SE ASSOCIADO AO PONTO 5 (MUITÍSSIMO) E OS DEMAIS GRUPOS ESTÃO ASSOCIADOS AOS PONTOS 3 (MAIS OU MENOS) E 2 (POUCO).

Na variável SV2 (Saúde e capacidade física comparadas com as de cinco anos atrás), os adultos jovens (grupos M1 e H1) estão associados aos pontos 4 (muito) e 5 (muitíssimo) e os demais grupos ao ponto 3 (mais ou menos).

Na variável SV7 (Envolvimento social), as mulheres de meia-idade e as idosas (grupos M2 e M3) apresentam-se associados aos pontos 1 (muito pouco) e 2 (pouco), os homens jovens e idosos (grupos H1 e H3) estão associados ao ponto 4 (muito) e as mulheres jovens (grupo M1) e os homens de meia-idade (H2) estão na posição intermediária.

Na variável SV9 (Envolvimento social comparado com o de outras pessoas da mesma idade), não há destaque de associação entre os perfis dos grupos e qualquer um dos pontos da escala, apenas uma concentração menor de frequências nos pontos 1 (muito pouco) e 2 (pouco) dos homens jovens e idosos (grupos H1 e H3) quando comparados com os demais grupos.

Na variável SV5 (Capacidade mental comparada com a de cinco anos atrás), os homens jovens e de meia-idade e as mulheres jovens (grupos H1, H2 e M1) estão associados aos pontos 4 (muito) e 5 (muitíssimo) e os homens idosos e as mulheres de meia-idade e idosas (grupos H3, M2 e M3) aos pontos 3 (mais ou menos) e 1 (muito pouco).

Na variável SV1 (Saúde e capacidade física), os adultos jovens (grupos H1 e M1) estão associados ao ponto 5 (muitíssimo) enquanto as mulheres idosas e de meia-idade (grupos M3 e M2) estão associadas ao ponto 3 (mais ou menos). Os homens idosos e de meia-idade (grupos H3 e H2) estão na posição intermediária.

Na variável SV3 (Saúde e capacidade física comparadas com as de outras pessoas da mesma idade), os perfis dos grupos etários e de gênero não apresentam destaques de associação com qualquer ponto da escala.

Na variável SV4 (Capacidade mental), os homens de meia-idade e jovens (grupos H2 e H1) estão associados ao ponto 5 (muitíssimo), as mulheres idosas e de meia-idade (grupos M3 e M2) associadas a 2 (pouco) e 1 (muito pouco). As mulheres jovens e os homens idosos (grupos M1 e H3) estão numa posição intermediária.

Na variável SV6 (Capacidade mental comparada com a de outras pessoas da mesma idade), há pouca discrepância entre os grupos etários e de gênero, não havendo destaques de associação com qualquer ponto da escala.

Em seguida são apresentadas as relações entre as categorias de metas pessoais e as variáveis de satisfação com a vida e de satisfação referenciada a domínios.

Nos estudo sobre a relação entre a satisfação com a vida e as metas pessoais encontrou-se que os pontos mais altos (8, 9 e 10) da Satisfação Atual estão mais próximas da meta de Contato Altruístico (C3) que os pontos intermediárias (5, 6 e 7) as quais, por sua vez, estão mais próximos dessa meta que os pontos mais baixos (1, 3 e 4).

A meta de Auto-realização (SR) está mais relacionada aos pontos mais baixos do que aos mais altos assim como a meta *Self* (S) mas em menor escala.

Nenhuma meta de vida apresentou relação com a ordem dos pontos da Satisfação Futura.

No que se refere à variável SV1 (Saúde e capacidade física) observa-se que os cinco pontos desta variável apresentam perfis semelhantes, ou seja, têm freqüências relativas próximas em cada uma das metas de vida. As pequenas diferenças existentes estão em *Self* (S), onde os pontos mais baixos da escala têm maior freqüência que os pontos mais altos. Também se nota que o ponto 2 (pouco) tem um perfil menos relacionado às metas de Contato altruístico (C3) e de Auto-realização (SR) e mais relacionado à meta Posse (P). O ponto 1 (muito pouco) está mais relacionado à meta de Auto-realização (SR).

Os cinco pontos da escala na variável SV2 (Saúde e capacidade física comparadas com as de cinco anos atrás) apresentam perfis similares e as diferenças encontradas são pequenas. Os pontos 2 (pouco) e 5 (muitíssimo) têm perfis menos relacionados à meta de Contato Altruístico (C3) que os pontos 1 (muito pouco), 3 (mais ou menos) e 4 (muito). Os pontos mais altos de satisfação estão mais relacionadas à meta de Contato Geral (C) que os pontos mais baixos. Os pontos 1 (muito pouco) e 2 (pouco) têm perfis mais caracterizados pela meta de Auto-realização (SR) que os demais. O ponto 2 (pouco) tem perfil mais caracterizado pela meta *Self* (S) que os demais pontos e o ponto 5 (muitíssimo) é menos caracterizado por essa meta de vida.

Os perfis dos 5 pontos da escala na variável SV3 apresentam freqüências relativas semelhantes ao longo das metas de vida.

Os perfis dos cinco níveis de satisfação na variável SV4 apresentam freqüências relativas similares em cada meta de vida. Embora seja pequena a diferença entre os perfis, os níveis de satisfação 1 (muito pouco) e 2 (pouco) se apresentam mais relacionados às metas de Contato Geral (C) e *Self* (S) que os demais.

Como nas variáveis anteriores, os perfis dos cinco níveis de satisfação na variável SV5 são semelhantes em relação às metas de vida. O nível de satisfação 3 (mais ou menos) se caracteriza mais pela meta de Contato Altruístico (C3) que os demais níveis e menos pela meta de Auto-realização (SR). Os níveis mais baixos de satisfação são mais caracterizados pela meta *Self* (S).

Há pequenas diferenças entre os perfis dos níveis de satisfação na variável SV6. Seus níveis mais baixos são mais caracterizados pelas metas de Auto-realização (SR) e *Self* (S) que os demais e menos caracterizados por Contato Altruístico (C3) que os demais. Na meta de Contato Geral (C), os pontos 1 (muito pouco) e 4 (muito) têm as maiores freqüências de citações que os demais níveis de satisfação.

Como na variável SV6, os níveis mais baixos de satisfação na variável SV7 são mais caracterizados pelas metas *Self* (S) e Auto-realização (SR) que os demais níveis, e menos caracterizados pela meta de Contato Altruístico (C3) que os demais.

Na variável SV8, os perfis dos níveis mais baixos de satisfação são mais caracterizados por *Self* (S) e os perfis dos níveis mais altos são menos caracterizados por essa meta. Os perfis dos níveis de menor satisfação estão menos caracterizados por Contato Altruístico (C3) e os de maior satisfação estão mais caracterizados por essa meta. O ponto 1 (muito pouco) está mais relacionada à meta de Posse (P) que os demais.

Os níveis mais baixos da variável SV9 estão mais caracterizados pelas metas *Self* (S) e Auto-realização (SR) e menos por Contato Altruísta (C3) que os demais níveis, como também acontece nas variáveis SV6 e SV7. O nível de satisfação 1 (muito pouco) está mais relacionado à meta de Posse (P) que os demais níveis.

Resumindo, a análise dos dados revela que os domínios em que homens e mulheres fazem mais investimentos são: a) Bem-estar da família - principalmente as mulheres de meia-idade e idosas; b) Independência - especialmente os homens jovens e os idosos; c) A Vida como um todo - com pouca diferença entre os grupos e d) Relações com amigos e conhecidos - também com pouca diferença entre os grupos.

Os resultados indicam que as metas mais citadas são: a) Auto-realização - principalmente por homens e mulheres jovens; b) Contato altruístico - especialmente por homens de meia-idade e idosos e por mulheres de meia-idade; c) Contato geral - principalmente por homens e mulheres idosos e d) *Self* - novamente, os homens e as mulheres idosos.

Os dados sugerem que homens e mulheres mais velhos estão mais satisfeitos com a vida atual do que os mais jovens, ao passo que estes grupos têm expectativa de níveis mais altos de satisfação com a vida nos próximos cinco anos.

A análise dos dados revela que os domínios nos quais os participantes apresentam níveis mais altos de satisfação são: a) Capacidade mental comparada com a de pessoas da mesma idade - com pouca discrepância entre os grupos; b) Capacidade mental - especialmente os homens jovens e de meia-idade e c) Saúde e capacidade física comparada com as de pessoas da mesma idade - também com pouca discrepância entre os grupos.

Os resultados indicam relação entre os níveis mais altos da satisfação com a vida atual e do domínio SV 8 - Envolvimento social comparado com o de cinco anos atrás - e a meta de Contato Altruístico..

CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO

Este estudo focalizou aspectos importantes da vida adulta e da velhice, as metas pessoais - seus conteúdos e o grau de investimento em domínios selecionados da vida - e sua associação com o bem-estar subjetivo, medido pela satisfação, sua dimensão cognitiva.

A partir dos estudos de pesquisadores como Emmons (1986, 1992), Emmons e King (1988), Reker e Wong (1988), Rapkin e Fischer (1992a, 1992b), Hooker e Siegler (1993), Brunstein (1993), Lapierre, Bouffard e Bastin (1997), Brunstein, Schultheiss e Grässmann (1998), ficou demonstrado que as metas de vida constituem uma variável fundamental para explicar o comportamento humano, dão um senso de direção e sentido à vida e têm papel importante para o alcance e a manutenção do bem-estar subjetivo.

As metas pessoais e o grau de investimento em domínios selecionadas da vida de homens e mulheres adultos, pertencentes a três faixas etárias, foram considerados como variáveis moderadoras associadas à satisfação com a vida enquanto gênero e idade foram focalizados como variáveis antecedentes de interesse para este estudo. Os demais dados sociodemográficos levantados foram utilizados na caracterização dos participantes.

Idade e gênero estruturam direta e indiretamente os modos de vida em relação às oportunidades de escolha e às experiências vividas. As trajetórias e as transições do

papel comunitário, familiar e de trabalho são modeladas pelo gênero e pela idade bem como pela interação entre eles (Moen, 1995).

Em estudos transversais como este, quando se faz a comparação dos resultados de diferentes coortes ou grupos de idade - grupos de pessoas nascidas no mesmo ano ou em anos próximos - torna-se aparente o "efeito coorte", a maior similaridade entre as pessoas desses grupos, as singularidades das gerações quanto a seus costumes e comportamento, pelo fato de compartilharem a vivência de determinados eventos que marcam as trajetórias de seu passado e seu futuro (Schaie e Willis, 1996).

No processo de modernização ocidental, o curso de vida passou a ter o caráter de instituição social e a idade passou a ser uma dimensão fundamental na organização social. A institucionalização do curso de vida significa a regulamentação das seqüências cronológicas que caracterizam a experiência de diferentes grupos sociais em uma mesma sociedade e as mudanças nela ocorridas em períodos de tempo relativamente curtos. Além das seqüências de estágios definidos e separados pela idade cronológica, a institucionalização do curso de vida significou também a constituição de perspectivas e projetos por meio dos quais os indivíduos se orientam e planejam suas ações (Debert, 1998 a, 1998b, 1999).

Segundo Debert (1999), embora os estudiosos da cultura pós-moderna da civilização ocidental apontem para a possibilidade de escapar dos constrangimentos e dos estereótipos, das normas e dos padrões de comportamento baseados nas idades, estas ainda são uma dimensão fundamental na organização social, um elemento essencial na definição do *status* de uma pessoa, um mecanismo poderosos e eficiente na criação de mercados de consumo e na definição de direitos e deveres.

Além da idade, outra variável fundamental na estruturação do modo de vida das pessoas é o gênero, marcador social importante que se baseia nas diferenças biológicas e se refere ao *status* diferenciado atribuído a homens e mulheres na estrutura normativa e de oportunidades sociais.

O gênero situa o contexto da vida, refletindo circunstâncias históricas únicas que podem ter repercussões importantes para a segurança econômica, a saúde e a participação social de homens e mulheres adultos e idosos. As ideologias sobre o gênero geram oportunidades e estilos de vida diferentes e influenciam na determinação dos papéis ou dos desempenhos esperados para homens e mulheres em diferentes estágios de vida. Assim, ao longo do curso de vida surgem variações em papéis e comportamentos, em condições e eventos, em identidade, crenças e planos de vida, que são influenciados pelas diferenças de gênero e que tornam o processo de envelhecimento totalmente distinto para homens e mulheres adultos e idosos (Debert, 1994; Moen, 1996).

Na seqüência, serão discutidos os dados referentes aos graus de investimento em domínios selecionados da vida e, em seguida, os que se referem ao conteúdo das metas pessoais e à sua associação com o investimento. Posteriormente serão discutidos os dados sobre a satisfação com a vida, iniciando pela satisfação atual com a vida em geral e a expectativa de satisfação em futuro próximo, continuando com a satisfação em relação a domínios selecionados de vida e a associação entre a satisfação com a vida e as metas pessoais.

Os primeiros aspectos analisados foram os investimentos pessoais. Na amostra de 340 pessoas, os domínios de maior investimento foram o bem-estar da família, a independência e a vida como um todo.

Na análise dos domínios de investimento dos grupos de gênero e de idade, alguns resultados se destacam. São os homens que investem mais na Independência, especialmente os mais jovens e os idosos. No Funcionamento Intelectual e na Sexualidade investem principalmente os do grupo mais jovem e os de meia-idade ao passo que são as mulheres que investem mais no Bem-estar da Família, especialmente as de meia-idade e idosas.

Essas diferenças entre os grupos de gênero quanto ao investimento em domínios diversos da vida apontam para as diferenças em modos de vida, papéis e

comportamentos esperados de homens e mulheres que têm sido destacadas por pesquisadores que estudam temas relacionados à vida adulta e à velhice, como Neugarten (1976, 1979), Andrade (1994), Debert (1994), Motta, (1995), Ferreira (1995, 1999) e Moen (1996).

Os estudos sobre o processo de socialização e o desenvolvimento de papéis ligados ao gênero mostram que desde a infância a criança aprende as qualidades, as atitudes e os comportamentos vinculados ao seu sexo biológico e desenvolve um esquema de gênero contendo aquilo que é prescrito como adequado a seu próprio sexo. Ao longo de sua vida, vai processando as informações associadas ao gênero, aos papéis e aos desempenhos prescritos pelas normas e sanções sociais estabelecidas para homens e mulheres. É assim que homens e mulheres adultos e idosos, mais controlados pelos processos sociais do que pela determinação biológica, tendem a cumprir os papéis de gênero prescritos pela sociedade.

Espera-se, por exemplo, que o homem se dedique a uma carreira, alcance a realização profissional e seja o provedor do lar, papel que é acompanhado de poder, possibilidades e pressões ligadas ao seu desempenho. Quanto às suas características, o homem é visto como convicto, seguro de si, coerente, o que pode levá-lo a ser mais resistente às mudanças, por temer perder suas convicções e o poder alcançado.

Da mulher espera-se que se dedique mais às tarefas domésticas e à família, especialmente aos familiares doentes e incapacitados. Costuma ser vista e tratada como mais insegura, menos autoconfiante, menos firme em suas opiniões, o que acaba lhe dando relativa flexibilidade e abertura ao novo. Na atualidade, mesmo com o aumento do contingente de mulheres que trabalham fora de casa, o papel profissional ainda é visto pela sociedade como conflitante com as obrigações familiares da mulher, que, muitas vezes, ou se casa mais tarde para que a carreira não entre em competição com a maternidade, ou deixa para investir na realização profissional somente na meia-idade quando os filhos já estão independentes (Bee e Mitchell, 1984; Holahan, 1994; Mota, 1995; Ferreira, 1995, 1999; Moen, 1996).

Os resultados dos domínios de investimento apontam para as direções acima descritas. Os homens mais jovens ainda estão se firmando no mundo profissional e social de adulto, no qual se espera que ajam com autonomia, autoconfiança, individuação e autocontrole e tenham menos necessidade de apoio, segurança e assistência de outros adultos daí seu maior investimento na independência. Em contrapartida, é socialmente aceito e esperado que as mulheres sejam mais dependentes das relações familiares - com pais, companheiros e filhos - e tenham mais necessidade de estabelecer relacionamentos sociais, na forma de apego, intimidade e interdependência. Disso decorre seu menor investimento neste domínio.

No entanto, a relação entre os padrões de independência e dependência em associação com gênero não é simples nem linear, mas comporta variações e sobreposições que ocorrem em função de eventos culturais e de personalidade. Segundo Baltes e Silverberg (1995), os especialistas apontam para uma dialética contínua entre a dependência e a autonomia e para o reconhecimento de que, mesmo na idade adulta e na velhice, as pessoas não se libertam das relações e da necessidade de assistência dos outros e sim se empenham na construção de um *self envolvido*. De fato, há necessidade de mais investigações acerca da questão dependência - independência em associação com o desenvolvimento do adulto e os papéis de gênero.

Dos homens espera-se que tenham opinião formada sobre questões políticas, econômicas e sociais, que invistam na escalada de postos em suas carreiras profissionais, que sejam competitivos, capazes de tomar decisões sem muita hesitação e que se mantenham atualizados. A motivação para a busca de conhecimentos é um componente importante para isso. Essa é a expectativa social em relação aos homens principalmente para o segmento que compôs a amostra deste estudo formada sobretudo por pessoas de classe média, com nível médio e superior de escolaridade. Decorre daí que os homens invistam mais no funcionamento intelectual do que as mulheres que, de acordo com os estereótipos ainda veiculados na mídia em relação ao papel feminino, dependem menos

do conhecimento formal e têm menos decisões importantes a tomar fora do ambiente familiar.

Como o papel da mulher e as expectativas em relação à sua atuação como profissional e como dona - de - casa têm sofrido mudanças, especialmente para aquelas que hoje estão no início da idade adulta, vale a pena investigar a concepção atual das pessoas em relação à participação da mulher brasileira na tomada de decisões em relação às questões sociais, políticas e econômicas e no que se refere à sua dedicação à formação e ao desenvolvimento profissional.

Em relação à sexualidade, embora hoje as pessoas possam abordar mais abertamente as questões sexuais, este ainda é um tema cercado de preconceitos e tabus, especialmente em relação à sexualidade feminina e a dos mais velhos. E ainda hoje há muitas preocupações e cobranças sociais em relação ao desempenho sexual masculino, daí possivelmente o maior investimento dos homens nesse domínio.

Apesar de o bem-estar da família ser o domínio em que há maior investimento de todos os participantes, ainda há uma expectativa social de que as mulheres sejam as principais responsáveis pelo cuidado com a casa, os parceiros e os filhos. Provavelmente esse padrão está mudando, mas investigações sobre o assunto são necessárias para se determinar qual é a direção seguida por essas mudanças.

Na análise dos resultados, um ponto que se destaca é o entrelaçamento das questões de idade e gênero. Muitas das diferenças encontradas nos resultados tanto são explicadas pelas diferenças de expectativas e papéis de gênero quanto pelas normas etárias e pelas tarefas evolutivas dos estágios da vida adulta e da velhice. Por exemplo, no domínio da Sexualidade, são os homens jovens e de meia-idade que investem mais enquanto os idosos e as mulheres de meia-idade investem menos, retratando tanto crenças em relação aos mais velhos, geralmente tratados como seres assexuados, quanto em relação à sexualidade da mulher, ainda cercada de tabus.

Outro aspecto abordado neste estudo foi o tipo de metas. O papel central das metas pessoais é reconhecido na psicologia contemporânea devido à compreensão de que as metas influenciam o comportamento humano ao longo do curso da vida e estão associadas à saúde mental, ao senso de esperança, ao sentido de vida e ao bem-estar subjetivo. Construto que funde motivação e cognição, as metas caracterizam-se pela possibilidade de modificação em resposta aos desafios impostos pelas circunstâncias de vida, orientam o planejamento de vida e a tomada de decisões das pessoas, e têm papel significativo na atuação das pessoas uma vez que dirigem sua atenção, mobilizam sua energia e aumentam sua persistência (Holahan, 1988, 1994; Nurmi, 1992; Rapkin e Fischer, 1992; Hooker e Siegler, 1993).

Segundo Smith (1996), há uma coincidência nos achados sobre temas e domínios selecionados que caracterizam as metas dos indivíduos, geralmente refletindo um consenso social e um conhecimento compartilhado sobre os eventos de vida, as qualidades pessoais e as trajetórias evolutivas considerados desejáveis.

Neste estudo, as metas mais citadas foram as relacionadas à Auto-realização (SR), ao Contato Altruístico (C3), aos diferentes tipos de Contato (C) e ao *self* como um todo (S).

Foram encontradas relações entre as categorias de metas pessoais e o investimento como entre a meta de Auto-realização (SR) e o investimento em Sexualidade, a meta de Contato Altruístico (C3) e os investimentos em Saúde, Funcionamento Intelectual e Relações com Amigos e Conhecidos e a meta de Contato Geral (C) e o investimento em Passatempos e Interesses, Relações com Amigos e Conhecidos. Não é evidente a explicação para a associação entre a meta de Auto-realização (SR) e a Sexualidade enquanto a associação entre as metas de Contato e o investimento em Relações com Amigos e Conhecidos é clara. A associação com o investimento em Passatempos e Interesses poderia ser compreendida pela possibilidade de contato com outras pessoas nessas atividades, mas falta informação acerca do tipo de passatempo no qual as pessoas pensaram ao responder aos instrumentos da pesquisa. Assim, esses resultados não são

conclusivos havendo necessidade de novos estudos sobre as associações entre as metas pessoais e os investimentos em domínios selecionados de vida.

Na análise dos resultados sobre as metas pessoais novamente surgem as questões de normas etárias e de gênero e as diferenças entre os grupos de idade chamam mais a atenção.

Homens e mulheres mais jovens foram os mais caracterizados pela meta de Auto-realização (SR) e os mais velhos foram os menos caracterizados. Os mais caracterizados pela meta de Contato Altruístico (C3) foram os adultos de meia-idade e os homens idosos ao passo que os adultos jovens foram os menos caracterizados. Os grupos mais velhos foram os mais caracterizados pela meta de Contato Geral (C) e os grupos de meia-idade os menos caracterizados. Mulheres de meia-idade e idosas e homens idosos foram os mais caracterizados pela meta voltada para o *self* como um todo (S) e os homens e mulheres mais jovens e os homens de meia-idade os menos caracterizados. Esses resultados parecem retratar as tarefas evolutivas e as características descritas pelos teóricos para as etapas de desenvolvimento abrangidas neste estudo provavelmente também refletindo o consenso social e o conhecimento compartilhado da amostra da população que participou da investigação sobre o curso de vida esperado (Smith, 1996, Heckhausen, 1999).

Nas concepções sobre o desenvolvimento psicológico, como as de Bühler (1935, 1980), Havighurst (1973) e Erikson (1998), a etapa inicial da idade adulta é descrita como sendo o auge do vigor físico e mental e caracterizada pela atuação independente e criativa no mundo, pelo ingresso e pelo estabelecimento na carreira profissional e no competitivo mercado de trabalho e pela integração na sociedade. A escolha do parceiro ou da parceira para a constituição da família e a criação de filhos pequenos também marcam essa etapa, o que implica capacidade de intimidade.

Essa descrição do adulto jovem comparada com os resultados encontrados para os participantes mais jovens explica o porquê de serem eles os mais caracterizados pela

meta de Auto-realização (SR), que representa a atividade ou o esforço da pessoa para atingir algum objetivo relacionado com o desenvolvimento da personalidade ou de algum de seus aspectos.

Os adultos de meia-idade foram os mais caracterizados pela meta de Contato Altruístico (C3), o que também pode ser explicado pelo tipo de tarefa evolutiva e características dessa fase do desenvolvimento. Nessa categoria de meta estão incluídos os desejos voltados para as outras pessoas - como o de que alguém seja ajudado, de que o filho passe no vestibular ou de que não haja tanta criança abandonada nas ruas. Os anos intermediários da vida adulta são marcados pela estabilidade profissional, por compromissos civis e sociais e pelo esforço para a manutenção do padrão de vida alcançado, mas o principal foco de atenção está na geratividade, na preocupação e no cuidado com as gerações mais novas.

A geratividade é um conceito amplo que abarca ter e criar filhos e tudo mais que se relaciona à produtividade no campo do trabalho e à criatividade no campo das idéias, ou seja, à atuação de homens e mulheres como pais, profissionais e cidadãos. Inclui a preocupação com o meio ambiente e sua preservação para as futuras gerações. Expressa-se na preocupação e nas ações envolvidas em gerar, manter e doar a indivíduos, grupos e instituições sociais e à sociedade de modo amplo (Erikson, Erikson e Kivnick, 1986; Schaie e Willis, 1996; Erikson, 1998; Mc Adams, Hart e Maruna, 1998).

Fundamental para o progresso e a continuidade da espécie e culturalmente valorizada, a geratividade ultrapassa a preocupação e o cuidado do indivíduo consigo mesmo, daí poder supor sua relação com metas do tipo Contato Altruístico (C3) que inclui preocupações e desejos orientados a pessoas e grupos específicos (por exemplo, mais justiça para os pobres, um futuro melhor para as crianças que vivem nas ruas), assim como inclui preocupações humanitárias de ordem ampla (como por exemplo, o desejo de paz e de igualdade entre os homens).

Outra característica da meia-idade é a preocupação com as mudanças e eventuais limitações físicas e mentais, decorrentes do processo de envelhecimento, e com a perda da agilidade, do vigor e da beleza da juventude, essenciais numa sociedade que tende a valorizar o jovem e a menosprezar o velho. Essa preocupação usualmente é mais forte entre as mulheres, alvo principal dos comerciais de produtos de beleza e dos apelos de clínicas e programas para rejuvenescimento. Com a chegada do climatério, com seus sinais e sintomas do início do declínio físico, as mulheres se vêem diante da perda da capacidade reprodutiva e dos estereótipos associados a ela, como o da perda da feminilidade.

Essas mudanças freqüentemente ocorrem na mesma época que as mulheres estão perdendo sua função de "mãe em tempo integral" com a saída dos filhos, seja para terem suas próprias casas, seja para constituírem suas próprias famílias. Para as que se dedicaram integralmente ao lar e à família até esse momento, e mesmo para aquelas que acumularam as funções de profissional e mãe, esta pode ser a oportunidade para se dedicarem ao crescimento pessoal, à atualização de suas potencialidades e à realização de projetos pessoais que tiveram que ser postos de lado.

Novamente os dados deste estudo sugerem a vigência de questões ligadas ao gênero, além das questões etárias. As mulheres de meia-idade também foram mais caracterizadas pela meta referente ao *self* como um todo (S) que compreende as preocupações e os desejos voltados para a personalidade global, o autoconceito, a autopreservação e a autonomia física, econômica, psicológica e social. Mais habituadas com as alterações corporais devidas aos ciclos da vida feminina, as mulheres possivelmente têm mais chance de aprender a prestar atenção a si e a se cuidar. Em relação aos homens, há um apelo social para que cuidem de questões externas a ele e ao meio doméstico, para que se dediquem ao bom desempenho profissional e à produtividade, enquanto que, em relação às mulheres, há um forte apelo para o investimento pessoal. Além disso, seja em decorrência dos menores salários que recebem ou da falta de rendimentos financeiros, ao anteciparem uma vida mais longa as

mulheres também se preocupam com a necessidade de investimento em questões de saúde e financeiras para assegurar uma boa qualidade de vida na velhice.

Completando o ciclo de vida, chega-se à velhice, época de revisão e integração das experiências anteriores, acompanhadas por sentimentos de realização ou fracasso em relação às metas de vida. Marcada pelo gradativo declínio físico e mental, a velhice é repleta de preocupações com a manutenção da saúde e a preservação da autonomia física, econômica, psicológica e social.

Segundo os pesquisadores, metas centradas na preservação da saúde e da autonomia funcional são um pré-requisito para a realização de outras metas e isso determina o aparecimento de metas voltadas para o *self* como um todo (S) (Bouffard, Lapierre e Bastin, 1989; Lapierre, Bouffard e Bastin, 1992, 1997). Não é de surpreender, então, que neste estudo os homens e as mulheres do grupo 3 sejam caracterizados pela meta *Self*(S).

Além desta, a meta Contato Geral (C) também caracteriza o grupo de homens e mulheres idosos, talvez por influência de uma expectativa social, reforçada pelos programas e atividades voltados para os idosos, de que na velhice as pessoas devem manter-se ativas e engajadas em relacionamentos, além de cumprir suas obrigações cívicas e sociais.

A preocupação com a vida em si mesma, os cuidados com a família e a geratividade surgida nos anos anteriores também são características da velhice, daí o grupo de participantes mais velhos também ser caracterizado pela meta de Contato Altruístico (C3) e pela meta voltada para os aspectos transcendentais, filosóficos, existenciais e religiosos (T) que, embora tenha sido uma das de menor peso na determinação dos perfis dos grupos, merece ser destacada aqui por também caracterizar os homens e mulheres idosos.

Como têm apontado os autores que desenvolveram estudos sobre as metas de vida e outros temas relacionados, e aqueles que investigaram a religiosidade, a espiritualidade e o sentido de vida, estes aspectos são importantes na vida dos idosos que, cientes das limitações que vivem, as quais tendem a aumentar com o passar dos anos, mudam o foco de sua atenção das realizações pessoais e profissionais para a autopreservação e para as preocupações com a família, com a sociedade e com a humanidade em geral (Brandtstädter e Renner, 1990; Goldstein e Neri, 1993, 1999; Wong, 1989, 1999).

Em estudos sobre as metas de homens e mulheres mais velhos, concluiu-se que eles tendem a se esforçar para preservar a capacidade de autocuidado e a independência, buscam estabelecer ou manter contatos sociais e têm aspirações relativas ao bem-estar dos membros da família e de outras pessoas, o que está de acordo com os resultados encontrados neste estudo.

A interpretação da associação entre as metas e os grupos de idade foi feita tendo por base tanto estudos sobre o desenvolvimento referenciado a estágios como os que não fazem referência a estágios ou etapas. Como é enfatizado por tais estudos, a vida adulta e a velhice são organizadas por processos sociais como a agenda social de eventos esperados e as normas e papéis de gênero e idade.

As sociedades ocidentais são caracterizadas como tendo sistemas graduados de idade que limitam e estruturam os padrões de curso de vida, permitindo às pessoas fazer previsões sobre eles. Normas criadas pelas sociedades definem as idades nas quais os eventos e as transições de vida importantes devem acontecer. Os valores e as expectativas pessoais sofrem influência dessas normas sociais de idade e a vida das pessoas, suas escolhas, seus projetos e suas expectativas, são influenciados por padrões de curso de vida compartilhados que são demarcados pelas estruturas sociais (Neugarten, 1976, 1979; Baltes, 1987; Nurmi, 1992; Schulz e Heckhausen, 1996; Smith, 1996; Baltes, Lindenberg e Staudinger, 1998; Heckhausen, 1999).

Na atualidade, em decorrência da rapidez e da facilidade com que são divulgados os conhecimentos pela mídia, especialmente pela mídia eletrônica, e em virtude do processo de globalização - que possibilitou o acesso a diversas culturas e estilos de vida, ao diminuir as distâncias entre os diferentes países e ao contribuir para o aumento da frequência das viagens (Giddens, 1991, Bassil, 2000) - há maior divulgação de normas e padrões entre grupos sociais que vivem em diferentes locais possibilitando assim que, entre os grupos com cultura similar - como os que vivem no mundo ocidental - haja mais semelhanças do que diferenças em relação aos padrões de curso de vida, normas de idade e papéis de gênero e idade.

Um aspecto importante a investigar na realidade brasileira é a concepção das pessoas acerca do curso de vida, quais as suas expectativas em relação às normas para a ocorrência de eventos evolutivos e para as transições de vida, para, então, verificar a relação entre essas normas e as categorias de metas mais esperadas ou evitadas pelas pessoas.

O bem-estar subjetivo foi outra variável abordada neste estudo. Foram investigadas a satisfação com a vida atual e a expectativa de satisfação em futuro próximo. Além disso, investigou-se a satisfação relacionada a domínios selecionados da vida.

Os resultados informam que os participantes estão satisfeitos com suas vidas na atualidade e esperam vir a estar satisfeitos nos próximos cinco anos. Destaca-se o fato de a Satisfação Futura estar associada com os dois níveis de respostas mais altos, enquanto na Satisfação Atual há maior dispersão das respostas entre os níveis intermediários, mas em razão do tipo de instrumento utilizado não há indicação do porquê dessa diferença.

Considerando que a satisfação com a vida é produto de um processo de avaliação envolvendo uma comparação entre as circunstâncias reais e as consideradas como esperadas ou ideais pelo indivíduo e seu grupo de referência, seria importante investigar esses padrões de valores e expectativas que predominam em diferentes segmentos da sociedade.

Na análise dos resultados dos grupos de participantes foi observado que a satisfação foi maior entre os indivíduos mais velhos do que entre os mais novos. Esse dado está de acordo com o que tem sido encontrado na literatura sobre adultos e idosos: há uma tendência para o aumento dos níveis de satisfação quando se comparam adultos mais jovens com adultos mais velhos e idosos (Baltes e Graf, 1996; Baltes, Lindeberger e Staudinger, 1998).

Diener e Suh (1997), em uma revisão de estudos sobre o tema, indicam que o bem estar subjetivo não diminui com a idade, apesar do declínio associado à idade em recursos como saúde, situação conjugal e renda. Essa diferença pode ocorrer porque as novas gerações são sempre mais exigentes do que as anteriores, o que resulta em discrepância nas avaliações que os mais jovens e os mais velhos fazem de sua satisfação com a vida. Além de serem menos exigentes, os adultos mais velhos tendem a ajustar melhor suas metas aos recursos e competências de que dispõem, o que concorre para distanciá-los ainda mais das aspirações e avaliações dos mais jovens. É possível que essas explicações também se apliquem a este estudo. Talvez por um processo adaptativo, os grupos de participantes mais velhos tenham se tornado menos exigentes com o passar do tempo. Ou, então, esse grupo em particular tenha vivido sob o controle de outros valores sociais que enfatizavam menos a busca do prazer do que na atualidade, ou talvez tenha vivido mais privações ou restrições do que os mais jovens.

É possível também que os mais jovens, frutos dos tempos modernos em que a vida é simplificada pela facilidade de comunicação e de transporte em curto espaço de tempo, pelo uso dos avançados equipamentos eletro-eletrônicos os quais diminuem o esforço e o tempo gasto com tarefas simples, sejam mais exigentes. De todo modo, são necessárias mais investigações, principalmente longitudinais e transculturais, para se chegar a conclusões mais claras a esse respeito.

Outra explicação possível para essas diferenças entre os grupos de idade no nível de satisfação geral refere-se ao uso de recursos adaptativos aplicados no desenvolvimento pessoal como a capacidade pragmática para compreender o que é ou não é possível no

momento dadas as condições de vida passadas e atuais, as mudanças nos padrões de comparação pessoal e social que levam a mudanças nas expectativas das pessoas. (Brandtstädter e Renner, 1990; Hooker e Siegler, 1993; Baltes, 1994; Schulz e Heckhausen, 1996; Diener e Suh, 1997)

O fato dos grupos mais jovens estarem associados a níveis mais altos de satisfação futura do que os grupos mais velhos, cômnicos das limitações que advêm com a idade, pode ser explicado também por esses fatores. Os mais jovens têm um tempo maior de vida diante de si para realizar seus projetos e alcançar suas metas, seus patamares profissionais e econômicos almeçados enquanto que os mais velhos, com seu tempo vivido maior e mais experiência de sucesso e fracasso, podem estar antevendo as dificuldades decorrentes do processo de envelhecimento com que terão de lidar. Isso não os impede de esperar ter satisfações no futuro e de continuar tendo metas a serem atingidas, como foi demonstrado nos resultados deste estudo (Brandtstädter e Renner, 1990; Ryff, 1991; Baltes e Graf, 1996; Smith et al., 1999).

Quanto à associação das metas de vida com os níveis de satisfação, os resultados indicaram que a meta de Contato Altruístico (C3) está mais próxima dos níveis mais altos de Satisfação Atual e as metas referentes à Auto-realização (SR) e ao *Self* como um todo (S) estão mais associadas com os níveis mais baixos.

Na literatura também há indicação de associação entre as metas de contato e a satisfação com a vida. No estudo de Rapkin e Fischer (1992) os indivíduos mais satisfeitos eram os mais envolvidos com a manutenção de valores sociais e de relacionamentos. No estudo de Lapierre, Bouffard e Bastin (1997) foi encontrada associação entre o interesse no bem-estar de outras pessoas e sentimentos de bem-estar na velhice.

Há necessidade de mais investigações para confirmar os resultados sobre a relação entre a meta de Contato Altruístico (C3) e o nível alto de satisfação com a vida atual, bem como para explicar a relação entre as metas de Auto-realização (SR) e *Self* (S) e os níveis mais baixos de satisfação.

Também é importante investigar as expectativas das pessoas em relação aos fatores que podem favorecer ou prejudicar a ocorrência de satisfação no futuro. Informações sobre essas expectativas, assim como sobre o que pensam acerca das mudanças associadas ao envelhecimento, como a possível diminuição na capacidade de realização de atividades diversas, na autonomia e no controle pessoal, podem ser úteis para o planejamento e a realização de programas educativos preventivos na área da Psicologia do Envelhecimento e da Psicologia da Saúde.

Os resultados referentes à satisfação com domínios selecionados da vida indicam maior satisfação com os domínios Capacidade Mental e Saúde e a Capacidade Física tanto no momento atual, como quando comparadas com as de outras pessoas da mesma idade. Esses resultados indicam que possivelmente a comparação social está sendo utilizada como estratégia de enfrentamento das dificuldades do dia - a - dia pelo grupo de participantes idosos, possivelmente em boas condições de saúde e atuantes na comunidade.

Novamente os resultados parecem indicar que gênero e idade se entrelaçam na geração de diferenças entre os grupos.

Os grupos mais jovens apresentaram os níveis mais altos de satisfação nos domínios SV5 (Saúde e capacidade física comparadas com as de cinco anos atrás), SV5 (Capacidade mental comparada com a de cinco anos atrás), SV1 (Saúde e capacidade física), resultados esperados considerando-se que o adulto jovem está vivendo o auge do vigor físico e mental, como indicam os estudos sobre o desenvolvimento do adulto.

Por sua vez, o fato de as mulheres de meia-idade e idosas terem apresentado níveis mais baixos de satisfação com o envolvimento social talvez possa ser explicado pela maior ocupação do tempo das mulheres nas atividades domésticas, no cuidado com a família e nas atividades profissionais, restando pouco tempo para a sua participação em outras atividades.

Outro aspecto que se destaca nos resultados é que os homens mais jovens e de meia-idade tiveram os níveis mais altos de satisfação com a capacidade mental atual e comparada com a de cinco anos atrás enquanto as mulheres de meia-idade e as mais velhas apresentaram níveis médio e baixo de satisfação, refletindo as diferenças etárias e de gênero já descritas.

É interessante que também as mulheres mais jovens apresentaram pontuações mais altas em satisfação com a capacidade mental comparada com outros da mesma idade, o que possivelmente indica uma mudança nas normas de gênero com relação ao investimento no domínio intelectual para as mulheres. Faz-se necessário investigar o assunto, se estão ocorrendo mudanças, de que tipo e para que segmentos da população.

Os resultados não apresentaram destaques no estudo sobre as associações entre metas de vida e satisfação referenciada aos diferentes domínios, exceto em relação à meta de Contato Altruístico (C3), que esteve associada aos valores mais altos de satisfação nos domínios Saúde e capacidade física comparada com a de cinco anos atrás, Capacidade mental comparada com a de outras pessoas da mesma idade, Envolvimento social de cinco anos atrás e comparado com o de pessoas da mesma idade, mas os resultados são inconclusivos porque, em geral, as diferenças encontradas foram pequenas.

CONCLUSÃO

Os propósitos do presente estudo foram investigar, em uma amostra composta por homens e mulheres de três faixas etárias, a) em que domínios selecionados de vida fazem mais investimentos; b) que metas pessoais de vida os participantes esperam alcançar; c) quais as relações entre o investimento pessoal e as metas de vida, e entre as metas e os níveis de satisfação com a vida.

A análise dos investimentos pessoais e das metas de vida mostrou sobreposição com as tarefas evolutivas da Idade Adulta e da Velhice, vale dizer um entrelaçamento com os papéis de gênero normalmente atribuídos a homens e mulheres nesses estágios do ciclo da vida.

Quanto aos níveis de satisfação com a vida, houve uma conformidade com investigações nacionais e estrangeiras da área da Gerontologia e da Psicologia acerca do bem-estar subjetivo.

Foram encontradas associações entre as metas pessoais e os investimentos em domínios de vida bem como entre as metas e os níveis de satisfação com a vida. Sugere-se novas investigações para aprofundamento dos conhecimentos acerca do tema.

Estudos transversais como este têm um papel importante na exploração dos mecanismos e estratégias psicológicos empregados pelos indivíduos para lidar com as mudanças associadas ao processo de envelhecimento.

No entanto, estudos longitudinais são necessários para identificar os fatores que mais influenciam esse processo, as seqüências, o ritmo de mudança, bem como as condições que propiciam um envelhecimento satisfatório para homens e mulheres.

Não há, no Brasil, investigações sobre as variáveis que o estudo focalizou e, assim, parece oportuno realizar réplicas desta pesquisa em outros segmentos da população.

Os procedimentos de coleta de dados foram eficazes mas será útil introduzir refinamentos no instrumento de avaliação de satisfação global com a vida no sentido de explorar variáveis que controlam as avaliações.

As classes de resposta derivadas da análise do conteúdo das verbalizações sobre as metas de vida poderão ser enriquecidas com a testagem de grupos e coortes com trajetórias diferentes das dos sujeitos que participaram deste estudo.

A análise de correspondência mostrou-se produtiva para a análise dos dados pretendida. Será útil que o conhecimento sobre a técnica se amplie para facilitar a interlocução de pesquisadores de várias áreas da Psicologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADKINS, G., MARTIN, P., POON, L. W. Personality traits and states as predictors of subjective well-being in centenarians, octogenarians and sexagenarians. *Psychology and Aging*. Vol. 11 (No. 3), pp. 408-416, Sep. 1996.

ANDRADE, E. S. F. Somando papéis sociais: trajetórias femininas e seus conflitos. *Caderno Espaço Feminino*, Vol. 1, Ano 1, pp. 105-120, 1994.

ANDREWS, F. M., ROBINSON, J. P. Measures of subjective well-being. In: ROBINSON, J. P., SHAVER, P. R., WRIGHTSMAN, L. S. (ed.). *Measures of personality and social psychological attitudes*. New York: Academic Press, pp. 61-114, 1991.

BALTES, M. M. e SILVERBERG, S. A dinâmica dependência-autonomia no curso de vida. In: NERI, A. L. (org.). *Psicologia do envelhecimento - temas selecionados na perspectiva de curso de vida*. Campinas, SP: Papyrus, pp. 73-110, 1995.

BALTES, P. B. Theoretical propositions of life-span developmental psychology: on the dynamics between growth and decline. *Developmental Psychology*, (5), 611-626, 1987.

_____. Envelhecimento cognitivo: Potencialidades e limites. *Gerontologia*, 2(1), pp. 23-44, Março/1994.

BALTES, P. B., BALTES, M. M. Psychological perspectives on successful aging: The model of selective optimization with compensation. In: BALTES, P. B., BALTES, M. M. (eds.) *Successful Aging: perspectives from the behavioral sciences*. 1st ed. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 1-34, 1990.

BALTES P. B., GRAF, P. Psychological aspects of aging: Facts and frontiers. In: MAGNUSSON, D. (Ed.). *The lifespan development of individuals: Behavioral, neurobiological and psychosocial perspectives*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, pp. 427-460, 1996.

BALTES, P. B., LINDENBERGER, U., STAUDINGER, U. M. Life-span theory in developmental psychology. In: LERNER, R. M. (Ed.). *Handbook of child psychology* New York: Wiley, vol. 1, pp. 1029-1143, 1998.

BALTES, P. B., REESE, H. W., LIPSITT, L. P. Life-Span Developmental Psychology. *Annual Review of Psychology*. 31, pp. 65-110, 1980.

BALTES, P. B., SMITH, J., STAUDINGER, U. Wisdom and successful aging. *Nebraska Symposium on Motivation*. Lincoln: University of Nebraska Press, pp. 123-167, 1991.

BARROS, M. M. L. (org.). *Velhice ou Terceira Idade?* Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, pp. 35-46, 1998.

BASSIL, A. Z. O curso de vida como perspectiva de análise do envelhecimento na pós-modernidade. In: DEBERT, G. G. e GOLDSTEIN, D. M. *Políticas do corpo e o curso da vida*. São Paulo: Sumaré, pp. 216-234, 2000.

BEE, H. L. *O ciclo vital* .Porto Alegre: Artes Médicas, pp. 57-84, 412-446, 478-509, 549-576, 1997.

BEE, H. L. e MITCHELL, S. K. *A pessoa em desenvolvimento*. São Paulo: Harper & Row do Brasil, pp. 460-481, 1984.

BERQUÓ, E. S. Considerações sobre o envelhecimento da população no Brasil. In: NERI, A. L., DEBERT, G. G. (orgs.). *Velhice e sociedade*. Campinas, SP: Papyrus, pp.11-40, 1999.

BISCHOF, L. J. *Adult Psychology*. 2nd edition. New York: Harper & Row, pp. 1-73, 1976.

BIRREN, J. E. Aging in America: Roles of Psychology. *American Psychologist*. Vol. 38 (3), pp. 298-299, Mar. 1983.

BIRREN, J. E., SCHROORS, J. J. F. History, concepts and theories in Psychology of Aging. In: BIRREN, J. E., SCHAIE, K. W. (eds.) *Handbook of the Psychology of Aging*. 4th edition. San Diego: Academic Press, pp. 19-40, 1996.

BOUFFARD, L., LAPIERRE, S., BASTIN, E. Extension temporelle des projets personnels au cours de la vieillesse. *International Journal of Psychology*, 24, pp. 265-291, 1989.

BOUFFARD, L., LENS, W., NUTTIN, J. R., Extension de la perspective temporelle future en relation avec la frustration. *International Journal of Psychology*, 18, pp. 429-442, 1983.

BRANDTSTÄDTER, J. e RENNER, G. Tenacious goal pursuit and flexible goal adjustment: Explication and age-related analysis of assimilative and accommodative strategies of coping. *Psychology and Aging*, Vol. 5, No. 1, 58-67, 1990.

BROWN, V. The effects of poverty environments on elders' subjective well-being: A conceptual model. *The Gerontologist*, Vol. 35(4), pp. 541-548, Aug. 1995.

BRUNSTEIN, J. C. Personal goals and subjective well-being: A longitudinal study. *Journal of Personality and Social Psychology*, Vol. 65, No. 5, pp. 1061-1070, 1993.

BRUNSTEIN, J. C., DANGELMAYER, G., SCHULTHEISS, O. Personal goals and social support in close relationships: Effects on relationship mood and marital satisfaction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71, pp. 1006-1018, 1996.

BRUNSTEIN, J. C., SCHULTHEISS, O. C., GRÄSSMANN, R., Personal goals and emotional well-being: The moderating role of motive dispositions. *Journal of Personality and Social Psychology*, Vol. 75, No. 2, pp. 494-508, 1998.

BÜHLER, C. The curve of life as studied in biographies. *The Journal of Applied Psychology*, 19(4), pp. 405-409, 1935.

_____. *A Psicologia na vida do nosso tempo*. 4ª. edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 227-232, 323-344, 1980.

CANÇADO, F. A. X. Velhice é realidade incômoda?. *Anais Brasileiros de Geriatria e Gerontologia* -Vol. 2, nº 3, pp. 98-106, ago. 1980.

CHAIMOWICZ, F. *Os idosos brasileiros no século XXI – Demografia, saúde e sociedade*. Belo Horizonte: Postgraduate, pp. 13-14, 61-72, 1998.

COELHO, M. R. M. V. P. *A PERCEÇÃO DE TEMPO FUTURO EM IDOSOS, NÃO ASILADOS E ASILADOS*. DISSERTAÇÃO DE MESTRADO. INSTITUTO DE PSICOLOGIA, UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SÃO PAULO. SÃO PAULO: 1990.

COSTA JR., P. T., ZONDERMAN, A. B., MCCRAE, R. R. ET AL. LONGITUDINAL ANALYSES OF PSYCHOLOGICAL WELL-BEING IN A NATIONAL SAMPLE: STABILITY OF MEAN LEVELS. *JOURNAL OF GERONTOLOGY*, VOL. 42, No. 1, pp. 50-55, 1987.

D'AMORIM, M. A, ASSELIM, R., TRÉPANIER, G. A motivação profissional e a perspectiva temporal em função do sexo e do meio sócio-econômico, segundo a abordagem de J. Nuttin. In: LA PUENTE, M. (org.). *Tendências contemporâneas em psicologia da motivação*. São Paulo: Autores Associados/Cortez, pp. 111-126, 1982.

DEBATS, D. L., DORST, J., HANSEN, P. Experiences of meaning in life: A combined qualitative and quantitative approach. *British Journal of Psychology*, 86, pp. 359-375, 1995.

DEBERT, G. G. Gênero e envelhecimento. *Estudos Feministas*, Ano 2, No. 1, pp. 33 a 51, 1994.

_____. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. *Textos Didáticos*. 2ª ed. Campinas, SP: IFCH/UNICAMP, No. 13, pp. 13-27, Jan., 1998a.

_____. A Antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, M. M. L. (Org.). *Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, pp. 49-67, 1998b.

_____. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: EDUSP - FAPESP, pp. 11-69, 1999.

DeNEVE, K. M., COOPER, H. The happy personality: A meta-analysis of 137 personality traits and subjective well-being. *Psychological Bulletin*, Vol. 124, No. 2, pp. 197-229, 1998.

DIENER, E. Subjective well-being. *Psychological Bulletin*. Vol. 95, n° 3, pp. 542-575, 1984.

DIENER, E., DIENER, M e DIENER, C. Factors predicting the subjective well-being of nations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69(5), 851-864, 1995.

DIENER, E., SUH, M. E. Subjective well-being and age: An international analysis. In: SCHAIE, K. W., LAWTON, M. P. *Annual review of gerontology and geriatrics - Focus on emotion and adult development*. New York, Springer, Vol. 17, pp. 304-324, 1997

ELLIOT, A. J., SHELDON, K. M. Avoidance personal goals and the personality – Illness relationship. *Journal of Personality and Social Psychology*, Vol. 75, No. 5, pp. 1282-1299, 1998.

EMMONS, R. A. Personal strivings: An approach to personality and subjective well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, vol. 51, n° 5, pp. 1058-1068, 1986.

_____. Abstract versus concrete goals: Personal striving level, physical illness and psychological well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, Vol 62, n° 2, pp. 292-300, 1992.

EMMONS, R. A., COLBY, P., KAISER, H. A. When losses lead to gains: Personal goals and the recovery of meaning. In: WONG, P. T. P., FRY, P. S. *The human quest for*

meaning. A handbook of psychological research and clinical applications. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, pp.163–178, 1998.

EMMONS, R. A., KING, L. A. Conflict among personal strivings: Immediate and long-term implications for psychological and physical well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, vol. 54, n° 6, pp. 1040-1048, 1988.

ERIKSON, E. H. *O ciclo de vida completo.* Porto Alegre: Artes Médicas, pp. 27-71, 1998.

ERIKSON, E. H., ERIKSON, J. M., KIVNICK, H. *Vital involvement in old age.* New York: W.W. Norton & Company, pp. 13-129, 1986.

FERNANDES, F. S. O Idoso e a sociedade. In: GOMES, F. A. A., FERREIRA, P. C. A. (org.). *Manual de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro: Ed. Brasil. de Medicina, pp. 43-51, 1985.

FERREIRA, B.W. *Adolescência. Teoria e pesquisa.* 2ª ed. Porto Alegre: Sulina,. pp. 63-66, 94-98, 1984.

FERREIRA, M. C. Questionário estendido de atributos pessoais: uma medida de traços masculinos e femininos. *Psicologia: Teoria e pesquisa.* Vol. 11, No. 2, pp. 155-161, Maio-Ago, 1995.

_____ Identidades e atitudes sobre gênero. *Psicologia: Teoria e pesquisa.* Vol. 15, No. 3, pp. 249-255, Set-Dez, 1999.

FERRIGNO, J. C. A sexualidade dos mais velhos. *Intercâmbio.* Rio de Janeiro, 31(1), pp. 5-16 set. /dez. 1988.

FORETTE, F. *A revolução da longevidade.* São Paulo: Globo, pp. 9-14, 21-23, 32-35, 1998.

FRAIMAN, A P. *Coisas da Idade.* 3ª. edição. S. Paulo: Ed. Gente, pp. 19-34, 1995.

FREIRE, S. A. *Experiências de vida adulta, mudanças sociais e criação de filhos segundo depoimentos de pais e mães de crianças de 2 a 5 anos*. Dissertação de mestrado. Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Abril, 1986.

_____ Envelhecimento bem-sucedido e bem-estar psicológico. In: NERI, A.L. e FREIRE, S. A. (Orgs.) *E por falar em boa velhice*. Campinas, SP: Papirus, pp. 21- 27, 2000.

FREIRE, S. A., RESENDE, M. C. Sentido pessoal e envelhecimento. In: NERI, A. L. (org.) *Maturidade e envelhecimento: uma perspectiva multidisciplinar*. Campinas, SP: Papirus (no prelo).

FREIRE, S. A., SOMMERHALDER, C. Velhice e pós-modernidade. *Revista de Estudos Universitários*, Sorocaba, SP, V. 25, n^o 2, pp. 47-55, Dez. 1999.

GEORGE, L. K. The impact of personality and social status factors upon levels of activity and psychological well-being. *Journal of Gerontology*. Vol. 33(6), pp. 840-847, Nov, 1978.

GIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. 2^a. reimpressão. São Paulo, EDUNESP, pp. 11-150, 1991.

GOLDSTEIN, L. L. L., NERI, A. L. Tudo bem, graças a Deus! Religiosidade e satisfação na maturidade e na velhice. *Gerontologia*,1(3), pp. 95-104, Setembro/1993.

_____ Tudo bem, graças a Deus! Religiosidade e satisfação na velhice. In NERI, A. L. (org.) *Qualidade de vida na idade madura*. 2^a ed. Campinas, SP: Papirus, pp. 109-136, 1999.

HADDAD, E. G. M. *A ideologia da velhice*. S. Paulo: Cortez, pp. 13-85, 1986.

HAVIGHURST, R. E. History of developmental psychology: socialization and personality development through life span. In: BALTES, P. B. e SCHAIE, K. W. *Personality and Socialization*. New York: Academic Press, 1973.

HECKHAUSEN, J. *Developmental regulation in adulthood: Age-normative and sociostructural constraints as adaptive challenges*. New York: Cambridge University Press, pp. 19-61, 102-121, 1999.

HECKHAUSEN, J., DIXON, R. A., BALTES, P. B. Gains and losses in development throughout adulthood as perceived by different adult age groups. *Developmental Psychology*, Vol. 25, No. 1, 109-121, 1989.

HOLAHAN, C. K. Relation of life goals at age 70 to activity participation and health and psychological well-being among Terman's gifted men and women. *Psychology and Aging*. Vol. 3, No. 3, pp. 286-291, 1988.

_____ Women's goal orientations across the life cycle - Findings from the Terman Study of the Gifted. In: TURNER, B. F. e TROLL, L. E. (Ed). *Women growing older - psychological perspectives*. Thousand Oaks: Sage, pp. 35-67, 1994.

HOOKER, K. e SIEGLER, I. C. Life goals, satisfaction, and self-rated health: Preliminary findings. *Experimental Aging Research*, 19, pp. 97-110, 1993.

HORLEY, J. Life satisfaction, happiness, and morale: Two problems with the use of subjective well-being indicators. *The Gerontologist*, Vol. 24(2), pp. 124-127, 1984.

HOUSLEY, W. F. Psychoeducation for personal control: a key to psychological well-being of the elderly. *Educational Gerontology*, Vol. 18, pp. 785-794, 1992.

JANNUZZI, P. M. *Mobilidade ocupacional e social dos migrantes no estado de São Paulo: 1980-1993*. Tese de doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Dezembro, 1998.

KIMMEL, D. C. *Adulthood and aging*. New York: John Wiley & Sons, pp. 2-20, 1980.

_____ *Adulthood and aging: an interdisciplinary, developmental view*. 3rd ed. New York: John Wiley & Sons, pp. 2-42, 1990.

LAPIERRE, S., BOUFFARD, L., BASTIN, E. Motivational goal objects in later life. *International Journal of Aging and Human Development*, Vol. 36(4), pp. 279-292, 1992-93

_____ Personal goals and subjective well-being in later life. *International Journal of Aging and Human Development*, vol. 45(4), pp. 287-303, 1997.

LAPIERRE, S., BOUFFARD, L., DUBÉ, M., BASTIN, E. A goal setting intervention for older adults. Paper presented at the *XIVth Biennial Meetings of the International Society for Study of Behavioural Development*. Quebec, Canada, August, 1996.

LAWTON, M. P. Environment and other determinants of well-being in older people. *The Gerontologist*, Vol. 23, No. 4, 349-357, 1983.

_____ A multidimensional view of quality of life in frail elders. In: BIRREN, J. E., LUBBEN, J. E., ROWE, J. C., DEUTCHMAN, D. E. *The concept and measurement of quality of life in the frail elderly*. New York: Academic Press, pp. 3-27, 1991.

LENS, W., GAILLY, A. Extension of future time perspective in motivational goals of different age groups. *International Journal of Behavioral Development*, 3, pp. 1-17, 1980.

LIDZ, T. *A pessoa – seu desenvolvimento durante o ciclo vital*. Porto Alegre: Artes Médicas, pp. 378-525, 1983.

Mc ADAMS, D.P.; HART, H.M. e MARUNA, S. The anatomy of generativity. In: D.P. Mc ADAMS, D. P. e AUBIN, E. de St. (Eds.). *Generativity and adult development. How and why we care for the next generation*. Whashington, D F: American Psychological Association, pp. 7-43, 1998.

Mc GREGOR, I., LITTLE, B. R. Personal projects, happiness and meaning: On doing well and being yourself. *Journal of Personality and Social Psychology*, Vol 74, No. 2, pp. 494-512, 1998.

MALUF, M. R. A concepção relacional da motivação humana segundo Joseph Nuttin. In: LA PUENTE, M. (org.). *Tendências contemporâneas em psicologia da motivação*. São Paulo: Autores Associados/Cortez, pp. 97-111, 1982.

MOEN, P. Gender, age and the life course. In: BINSTOCK, R. H. e GEORGE, L. K. (Eds.) *Handbook of Aging and the Social Sciences*. New York: Academic Press, pp. 171-187, 1996.

MOODY, H. R. Toward a critical gerontology: the contribution of the humanities to theories of aging. In: BIRREN, J. E. e BENGSTSON, V.L. (Eds.). *Emergent theories of aging*. New York: Springer, pp. 19-40, 1988.

MOOKHERJEE, H. N. Effects of religiosity and selected variables on the perception of well-being. *Journal of Social Psychology*, Vol. 134(3), pp. 403-405, Jun 1994.

MORAIS, R.. *Stress existencial e sentido de vida*. São Paulo: Loyola, pp. 51-72, 1997.

MOSQUERA, J. J. M. *Vida adulta – personalidade e desenvolvimento*. Porto Alegre: Sulina, pp. 123-143, 1978.

NERI, A. A. Competências para a maturidade profissional. In: NERI, A. A. (org.). *Gestão de RH por competências e a empregabilidade*. Campinas, SP: Papyrus, pp. 89-127, 1999.

NERI, A. L. Falando do Adulto. In: MANZOLLI, M. C. (org.). *Viver adulto e enfermagem*. Brasília, Rumos, pp. 32-48, 1993a.

_____. Qualidade de vida no adulto maduro: interpretações teóricas e evidências de pesquisa. In: NERI, Anita L. (org.) *Qualidade de Vida na Idade Madura*. Campinas, SP: Papyrus, pp. 9-55, 1993b.

_____. Psicologia do envelhecimento: uma área emergente. In: NERI, A. L. (org.). *Psicologia do envelhecimento: Temas selecionados na perspectiva de curso de vida*. Campinas, SP: Papyrus, pp. 13-40, 1995.

_____. *Escala para avaliação de satisfação na vida referenciada a domínios*. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, (Manuscrito não publicado), 1998.

_____. *Bem-estar subjetivo*. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, (Manuscrito não publicado), 2000.

NERI, A. L., CACHIONI, M. Velhice bem-sucedida e educação. In: NERI, A. L., DEBERT, G. G. (orgs.) *Velhice e sociedade*. Campinas, SP: Papyrus, pp.113-140, 1999.

NERI, A. L., DEBERT, G. G. (orgs.). *Velhice e Sociedade*. Campinas, SP: Papyrus, pp. 7-10, 1999.

NERI, A. L., FREIRE, S. A. (orgs.). *E por falar em boa velhice*. Campinas, SP: Papyrus, pp. 7-19, 2000.

NERI, A. L., NOGUEIRA, E. J. Como a velhice é apresentada às crianças em textos de literatura infantil brasileira. *Pro-posição* vol. 5 n° 1 (13), Faculdade de Educação - UNICAMP, março 1994.

NEUGARTEN, B. L. Adaptation and the life-cycle. *The Counseling Psychologist*. Vol. 6, No. 1, pp. 16-20, 1976.

_____ Time, age and the life cycle. *The American Journal of Psychiatry*, 136(7), pp. 887-894, 1979.

NEUGARTEN, B. L., HAVIGHURST, R. J. e TOBIN, S. S. The measurement of life satisfaction. *Journal of Gerontology*, 16, pp. 134-143, 1961.

NOVAES, M. H. *Psicologia da Terceira Idade – conquistas possíveis e rupturas necessárias*. Paulo de Frontin, RJ: Grypho, pp. 5-78, 1995.

NURMI, J.E. Age differences in adult life goals, concerns, and their temporal extension: A life course approach to future-oriented motivation. *International Journal of Behavioral Development*, 15(4), pp. 487-508, 1992.

NURMI, J. E., PULLIAINEN, H., SALMELA-ARO, S. Age differences in adults' control beliefs related to life goals and concerns. *Psychology and Aging*, Vol. 7, No. 2, 194-196, 1992.

NUTTIN, J. *Future time perspective and motivation - Theory and research method*. Leuven: Leuven University Press, 1985.

OKUMA, S. S. *O idoso e a atividade física*. Campinas, SP: Papirus, pp. 13-21, 1998.

PALYS, T. S., LITTLE, B. R. Perceived life satisfaction and the organization of personal project systems. *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol. 44, No. 6, pp. 1221-1230, 1983.

RANST, N. V., MARCOEN, A. Personal goals, well-being and meaning in life in late adulthood and old age. Paper presented at the *XIVth Biennial Meetings of the International Society for the Study of Behavioural Development (ISSBD)*, Québec, Canada, Aug. 12-16, 1996.

RAPKIN, B. D., FISCHER, K. Personal goals of older adults: Issues in assessment and prediction. *Psychology and Aging*. Vol. 7, No. 1, pp. 127-137, 1992 (a).

_____ Framing the construct of life satisfaction in terms of older adults' personal goals. *Psychology and Aging*, Vol. 7, No. 1, pp. 138-149, 1992 (b).

RAUCHBACH, R. *A atividade física para a Terceira idade – analisada e adaptada*. Curitiba, PR: Rovise, pp. 5-22, 1990.

REKER, G. T., PEACOCK, E. J., WONG, P. T. P. Meaning and purpose in life and well-being: A life-span perspective. *Journal of Gerontology* 1, vol. 42, pp. 44-49, 1987.

REKER, G. T. e WONG, P. T. P. Aging as an individual process: Toward a theory of personal meaning. In: BIRREN, J. E. e BENGTON (Eds.). *Emergent theories of aging*. New York: Springer, pp. 214-246, 1988.

ROBBINS, S. B., LEE, R. M. E WAN, T. T. H. Goal continuity as a mediator of early retirement adjustment: Testing a multidimensional model. *Journal o Counseling Psychology*, Vol 41, No. 1, pp. 18-26, 1994.

RODRIGUES, R. A. P. e DIOGO, M. J. D. (orgs.). *Como cuidar de idosos*. Campinas, SP: Papirus, pp. 7 a 16, 1996.

ROSA, M. *Psicologia evolutiva*. Petrópolis: Vozes, vol. 4, pp. 52-74, 1983.

ROWE, J. W. e KAHN, R. L. Successful aging. *The Gerontologist*. 4, Vol. 37, No. 4, pp. 433-440, 1997.

_____ *Successful aging*. Nova York: Pantheon Books, pp. 36-52, 1998.

RYFF, C. D. Successful aging: a developmental approach. *The Gerontologist* Vol. 22(2), pp. 209-214, 1982.

_____ Beyond Ponce de Leon and Life Satisfaction: New directions in quest of successful aging. *International Journal of Behavioral Development* 12, pp. 35-55, 1989 (a).

_____ Happiness is everything or is it? Explorations on the meaning of psychological well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57, pp. 1069-1081, 1989(b).

_____ Possible selves in adulthood and old age: A tale of shifting horizons. *Psychology and Aging*, 6, pp. 286-295, 1991.

_____ Psychological well-being in adult life. *Current Directions in Psychological Science* Aug. vol. 4(4), pp. 99-104, 1995.

RYFF, C. D., ESSEX, M. J. Psychological well-being in adulthood and old age: Descriptive markers and explanatory processes. In: SCHAIE, K. W., LAWTON, M. P. *Annual Review of Gerontology and Geriatrics*. New York: Springer, Vol. 11, pp. 144-171, 1991.

_____ The interpretation of life experience and well-being: The sample case of relocation. *Psychology and Aging*, Vol. 7(4), pp. 507-517, Dec. 1992.

RYFF, C. D., KEYS., C. L. M., The structure of psychological well-being revisited. *Journal of Personality and Social Psychology*, vol 69 n° 4, pp. 719-727, 1995.

SALGADO, M. A. *Velhice - uma nova questão social*. S. Paulo: Biblioteca Científica, série Terceira Idade -SESC, pp. 17-19, 69-117,1980.

SANTOS, M. F. S. Velhice: uma questão psico-social. *Temas de Psicologia* n° 2, pp. 123-131, 1984.

SARRIERA, J. C., CÂMARA, S. G., SCHWARCZ, C., DE BEM, L. A.; GARANDILLA, M. Bem-estar psicológico dos jovens porto-alegrenses. *Psico*, V. 27, No. 2, pp. 79-95, Jul/Dez, 1996.

SCHAIE, K. W., WILLIS, S. L. *Adult Development and Aging*. 4th ed. New York: Harper Collins College Publishers. pp. 1-31, 54-79, 113-115, 1996.

SCHULZ, R., HECKHAUSEN, J. A life span model of successful aging. *American Psychologist*, 7, vol. 51, No. 7, pp. 702-714, July, 1996.

SILVEIRA, M. I. P., BENTO, V. E .S. A síndrome normal da velhice: uma proposta psicoterápica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia* vol. 34 out. /dez., 1982.

SIQUEIRA, M. M. M., MARTINS, M. C. F., MOURA, O. I. Construção e validação fatorial da EAPN: escala de ânimo positivo e negativo. *Revista da SPTM*, Vol. 2 no. 3, Jul/Dez, pp. 34-40, 1999.

SMITH, J. Planning about life: Toward a social-interactive perspective. In: BALTES, P. B., STAUDINGER, U. M. (Eds.) *Interactive minds: Life-span perspectives on the social foundation of cognition*. New York: Cambridge University Press, pp. 242-275, 1996.

SMITH, J., FLESSON, W., GEISELMANN Jr., R. A. S., KUNZMANN, U. Sources of well-being in very old age. In: BALTES, P. B. e MAYER, K. U. (Ed.). *The Berlin Aging Study: aging from 70 to 100*. New York: Cambridge University Press, pp. 450-471, 1999

STAUDINGER, U. M., FLEESON, W. Self and personality in old and very old age: A sample case of resilience? *Development and Psychopathology*, 8, 867-885, 1996.

_____. *Life investment in a sample of 20 to 105 years old*. Unpublished manuscript, Berlin: Max Planck Institute for Human Development, 1997.

STAUDINGER, U. M., FREUND, A. M., LINDEN, M., MAAS, I. Self, personality, and life regulation: facets of psychological resilience in old age. In: BALTES, P. B., MAYER, K. U. (eds.). *The Berlin aging study: aging from 70 to 100*. New York: Cambridge University Press, pp. 302-328, 1999.

STAUDINGER, U. M., MARSISKE, M., BALTES, P. B. Resilience and levels of reserve capacity in later adulthood: perspectives from life-span theory. *Development and Psychopathology*, 5, 141-166, 1993.

TRAN, T. V. The structure of subjective well-being of elderly hispanics. *Journal of Social Service Research*, Vol. 15 (3/4), pp. 21-42, 1992.

VARGAS, H. S. *Psicogeriatría Geral* Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, Vol. 1. pp. 5-13, 1994.

VERAS, R. P. *País jovem com cabelos brancos*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, pp. 191-208, 1994.

WONG, P. T. P. Personal meaning and successful aging. *Canadian Psychology*, 30:3, 516-525, 1989.

_____. "Meaning of life and meaning of death in successful aging". In: TOMER, A. (org.). *Death attitudes and the older adult: Theories, concepts and applications*. Taylor Francis Publishers (no prelo). 1/11/1999. [Disponível na Internet: <http://www.meaning.twu.ca/deathsa.htm>].

ZALESKI, Z. Behavioral effects of self-set goals for different time ranges. *International Journal of Psychology*, 22, pp. 17-38, 1987.

ZIKA, S., CHAMBERLAIN, K. On the relation between meaning in life and psychological well-being. *British Journal of Psychology* 83, pp. 133-145, 1992.

ANEXOS

ANEXO 1 - APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E INSTRUÇÕES

INSTRUÇÕES GERAIS

O(A) senhor(a) irá receber alguns questionários a serem preenchidos.

Alguns dados pessoais (como idade, estado civil) serão solicitados mas não serão pedidas informações que permitam a sua identificação (como nome ou endereço). Dessa forma, não será possível identificar quem respondeu os questionários.

Por favor, não destaque as folhas que estiverem grampeadas. Depois de preencher tudo, devolva o material para a pessoa que lhe entregou.

INSTRUÇÕES PARA PREENCHIMENTO DO BLOQUINHO

Neste bloquinho que o(a) senhor(a) recebeu, encontrará algumas frases como "Eu desejo ..." para serem completadas.

Pedimos que complete esta frase na mesma página do bloquinho com as palavras que se aplicam ao seu caso. Assim, no exemplo dado, o(a) senhor(a) continuará a frase indicando algo que realmente deseja.

Não precisa pensar muito sobre cada frase. Complete-as com a primeira idéia que lhe vier à cabeça.

Não existe um modo certo ou errado de responder. O importante é sua opinião sincera.

O(A) senhor(a) poderá ter a impressão de que frases similares estão repetidas em várias páginas. Isto é feito para dar-lhe a oportunidade de expressar vários desejos ou projetos. Quando tiver tal impressão, não tente lembrar ou procurar nas páginas anteriores o que

escreveu. Simplesmente escreva o que lhe vem à cabeça quando lê as palavras em cada nova página.

Por favor, não deixe frases sem completar.

Sabemos que as pessoas não gostam muito de contar aos outros o que desejam ou esperam. Por isso é que pedimos para as pessoas não colocarem seus nomes. O importante para a nossa pesquisa é que as pessoas respondam com sinceridade.

O(A) senhor(a) receberá também outras folhas a serem preenchidas que fazem parte da nossa pesquisa. Em cada folha haverá instruções sobre como preenchê-las.

ANEXO 2 - FICHA DE INFORMAÇÕES SÓCIO-DEMOGRÁFICAS

POR FAVOR, PREENCHA COM SEUS DADOS PESSOAIS

1-Data de nascimento: ____ / ____ / ____

2-Sexo: **MASCULINO**

FEMININO

3- Estado Civil

CASADO

SOLTEIRO

VIÚVO

DESQUITADO, DIVORCIADO, SEPARADO

6. Escolaridade

ENSINO BÁSICO (1^a A 4^a SÉRIE)

ENSINO FUNDAMENTAL (5^a A 8^a SÉRIE)

ENSINO MÉDIO (2^o GRAU)

GRADUAÇÃO (FACULDADE)

PÓS-GRADUAÇÃO

7. Profissão:

8. Trabalha?

SIM

NÃO

Se trabalha, qual a ocupação:

11. **Somente para as mulheres:** É dona de casa? **SIM**

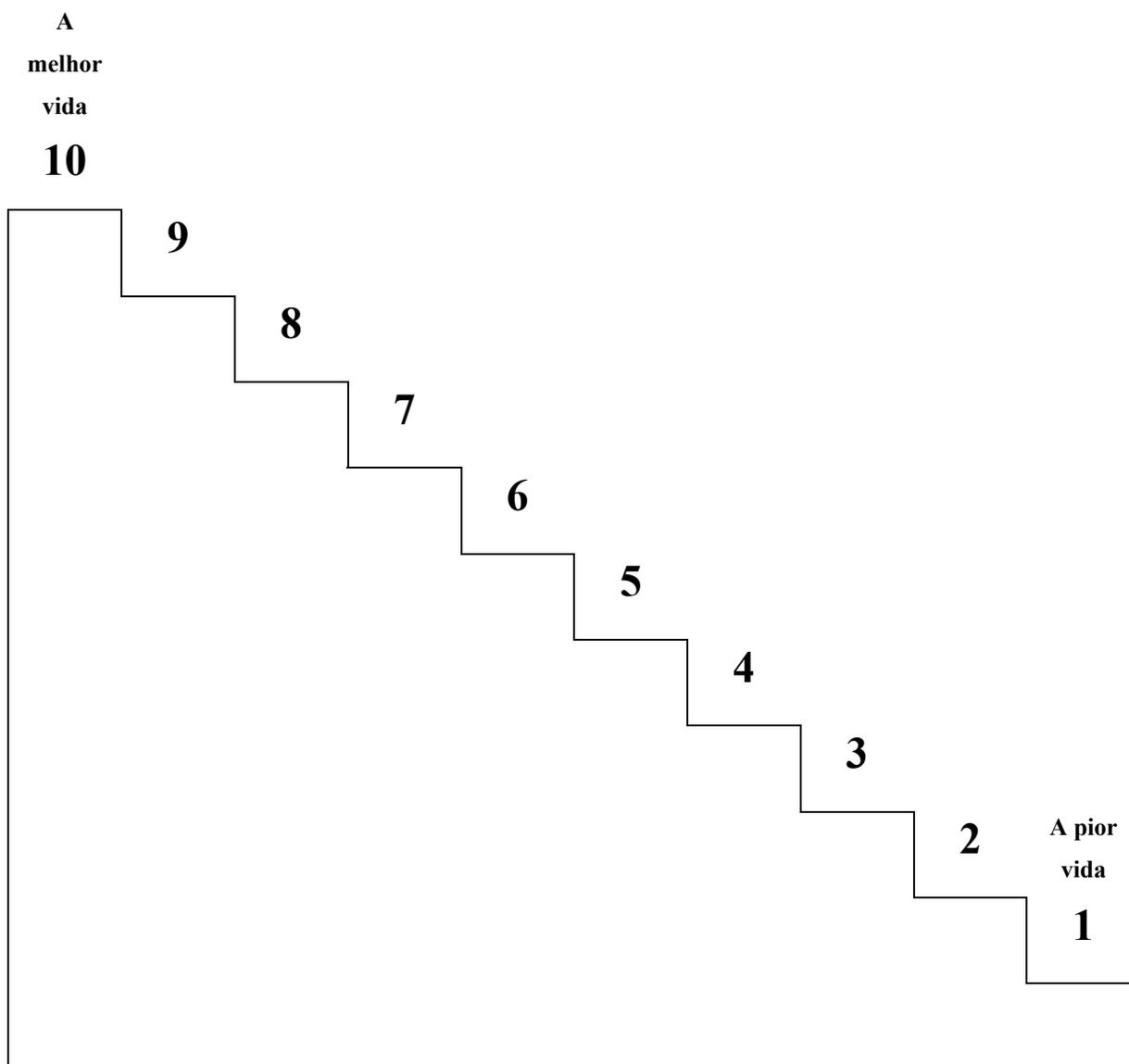
	NÃO	<input type="checkbox"/>
12. É aposentado?	SIM	<input type="checkbox"/>
	NÃO	<input type="checkbox"/>
13. É pensionista?	SIM	<input type="checkbox"/>
	NÃO	<input type="checkbox"/>

14. Com quem mora?	SOZINHO	<input type="checkbox"/>
	COM O CÔNJUGE	<input type="checkbox"/>
	<i>Com filhos</i>	<input type="checkbox"/>
	COM O CÔNJUGE E FILHO(S)	<input type="checkbox"/>
	COM O CÔNJUGE, FILHO(S) E NETO(S)	<input type="checkbox"/>
	COM AMIGOS	<input type="checkbox"/>
	COM OUTROS PARENTES	<input type="checkbox"/>
	OUTROS:	<input type="checkbox"/>
15. É o principal responsável pelo sustento da família?	SIM	<input type="checkbox"/>
	NÃO	<input type="checkbox"/>
16. Se não é o principal responsável, dá alguma contribuição financeira para o sustento da família?	SIM	<input type="checkbox"/>
	NÃO	<input type="checkbox"/>

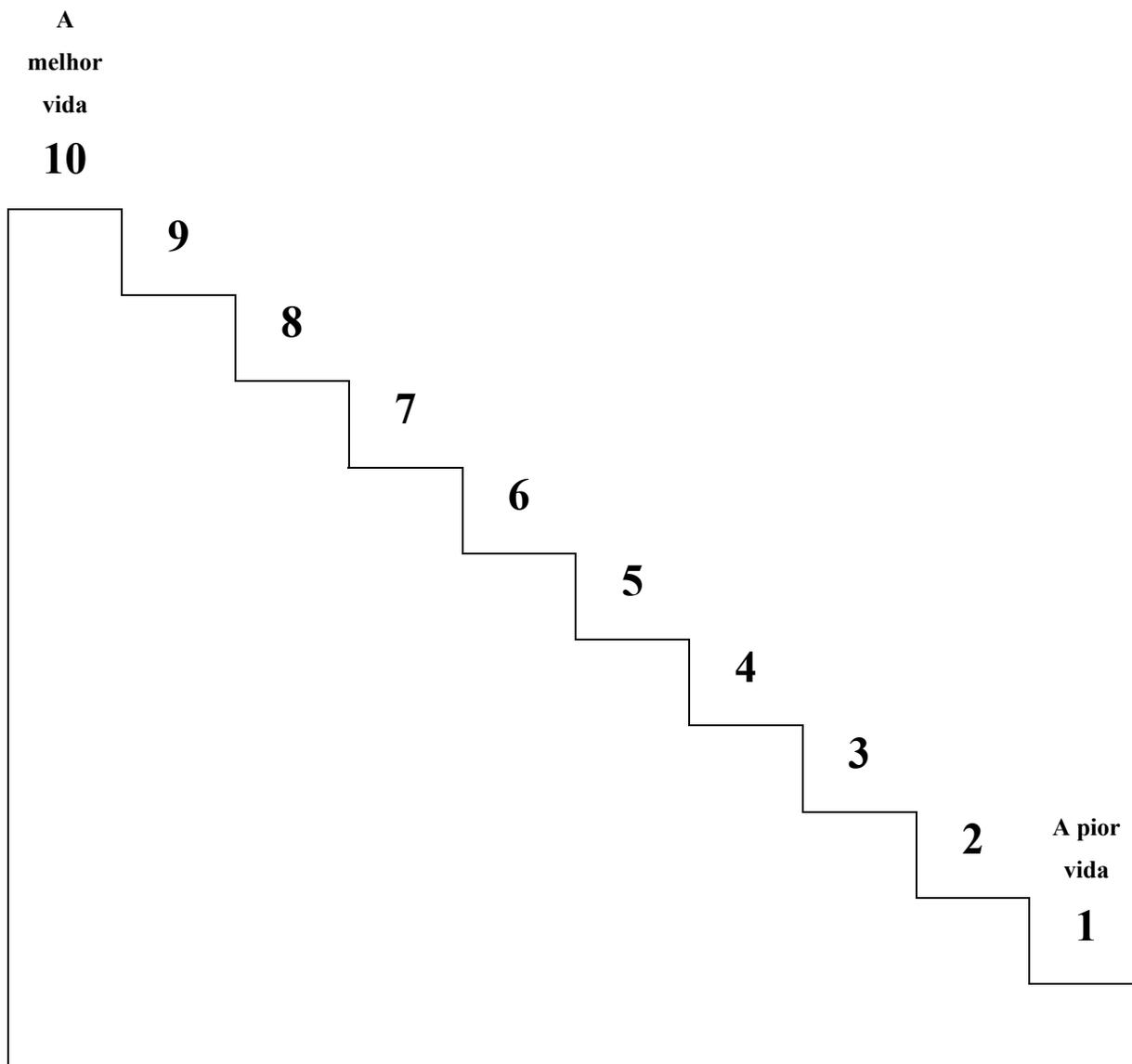
ANEXO 3 - ESCALA PARA MEDIDA DA SATISFAÇÃO GERAL COM A VIDA

OBSERVE A ESCADA ABAIXO. PENSE NO QUE SERIA A MELHOR VIDA POSSÍVEL, EM SUA OPINIÃO. IMAGINE QUE ESSA MELHOR VIDA POSSÍVEL FICA NO ALTO DA ESCADA. PENSE TAMBÉM NO QUE SERIA A PIOR VIDA POSSÍVEL E IMAGINE QUE ELA ESTÁ LOCALIZADA NA PARTE DE BAIXO.

1- Qual é o ponto dessa escada que melhor reflete a sua satisfação com a sua própria vida no momento? Marque com um "X" o número desse degrau.



2. Qual ponto nessa escada você imagina que irá corresponder à sua satisfação com a sua própria vida daqui a cinco anos? Marque com um "X" o número desse degrau.



ANEXO 4 - ESCALA PARA MEDIDA DA SATISFAÇÃO COM A VIDA REFERENCIADA A
DOMÍNIOS

As próximas questões avaliam sua satisfação em relação a aspectos específicos da sua vida. Assinale o ponto que melhor representa o seu grau de satisfação com cada um dos aspectos de acordo com a classificação abaixo:

1	2	3	4	5
Muito Pouco Satisfeito	Pouco Satisfeito	Mais ou Menos Satisfeito	Muito Satisfeito	Muitíssimo Satisfeito

- | | | | | | |
|---|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1. Minha saúde e minha capacidade física | <input type="checkbox"/> |
| 2. Minha saúde e a minha capacidade física hoje, comparada com a de cinco anos atrás | <input type="checkbox"/> |
| 3. Minha saúde e a minha capacidade física comparadas com as de outras pessoas da minha idade | <input type="checkbox"/> |
| 4. Minha capacidade mental hoje | <input type="checkbox"/> |
| 5. Minha capacidade mental atual comparada com a de Cinco anos atrás | <input type="checkbox"/> |
| 6. Minha capacidade mental atual comparada com a de outras pessoas da minha idade | <input type="checkbox"/> |
| 7. Meu envolvimento social hoje | <input type="checkbox"/> |
| 8. Meu envolvimento social atual em comparação com o de cinco anos atrás | <input type="checkbox"/> |
| 9. Meu envolvimento social em comparação com o de | <input type="checkbox"/> |

outras pessoas da minha idade

1 2 3 4 5

ANEXO 5 - ESCALA DE INVESTIMENTO NA VIDA PESSOAL

As questões que aparecem a seguir dizem respeito a vários aspectos da vida.

Queremos saber o quanto as pessoas costumam pensar ou agir em relação a eles, ou seja, quanto costumam investir neles.

Responda de acordo com o grau em que costuma investir nos seguintes assuntos de sua vida.

1	2	3	4	5
Muito Pouco	Pouco	Mais ou Menos	Muito	Muitíssimo

1. **Sua saúde** 1 2 3 4 5
2. Seu funcionamento intelectual 1 2 3 4 5
3. Seus passatempos e interesses 1 2 3 4 5
4. Suas relações com amigos e conhecidos 1 2 3 4 5
5. Sua Sexualidade 1 2 3 4 5
6. O bem estar de sua família 1 2 3 4 5
7. Sua independência 1 2 3 4 5
8. Sua vida como um todo 1 2 3 4 5
9. A morte e o morrer 1 2 3 4 5

ANEXO 6 - LISTA DE INDUTORES MOTIVACIONAIS

- 1- Eu espero ...
- 2- Eu desejo intensamente ...
- 3- Eu pretendo ...
- 4- Eu quero ...
- 5- Eu anseio ...
- 6- Eu estou determinado a ...
- 7- Eu estarei contente quando ...
- 8- Eu definitivamente tenho a intenção de ...
- 9- Eu quero ...
- 10- Eu não hesitaria em ...
- 11- Eu estou me esforçando para ...
- 12- Eu tenho um grande anseio por ...
- 13- Eu batalho para ...
- 14- Eu gostaria de ser hábil para ...
- 15- Eu gostaria muito ...
- 16- Eu estou me preparando para ...
- 17- Eu estou resolvido a ...
- 18- Eu serei muito feliz quando ...
- 19- Eu ardentemente desejo ...
- 20- Eu farei tudo possível para ...
- 21- Eu quero muito ser hábil para ...
- 22- Minha intensa esperança é ...
- 23- Eu batalho muitíssimo para ...

ANEXO 7 - CATEGORIAS MOTIVACIONAIS

Self (S) – metas relacionadas à personalidade global, ao *self* como um todo. Por exemplo: "... ser eu mesmo; ... recuperar minha saúde."

Auto-realização (SR) – refere-se ao desenvolvimento ou realização da personalidade, alguns de seus aspectos ou suas potencialidades. Por exemplo: "... tornar-me uma pessoa importante; ... tornar-me uma pessoa autônoma."

Realização (R) – refere-se ao domínio da atividade e trabalho. Inclui uma variedade de atividades realizadas sobre objetos para obter algum benefício disso em oposição às atividades recreativas. Por exemplo: "... ter uma boa posição no meu emprego; ... passar no concurso."

Contato (C) – tudo o que se refere ou implica em contato social, contato com os outros.

(C) - Contato geral com outros. Por exemplo: "... encontrar muitas pessoas; ... conhecer novas pessoas."

(C2) – Contato recíproco: refere-se ao que se espera dos outros, quando o indivíduo quer algo de outra pessoa. Por exemplo: "... ser respeitado pelos meus colegas; ... que minhas qualidades sejam reconhecidas."

(C3) – Contato altruístico: refere-se às metas formuladas para outras pessoas. O indivíduo expressa seus desejos, aspirações ou temores por outras pessoas. Por exemplo: "... que haja paz no mundo; ... que meu amigo consiga um emprego."

Exploração (E) – refere-se ao desejo de ser informado, compreender, explorar todo tipo de objetos e situações, conhecer o mundo e a si mesmo. Por exemplo: "... entender mais de computador; ... ser mais informado sobre as coisas que acontecem no mundo."

Transcendência (T) – relaciona-se a problemas filosóficos, religiosos ou existenciais, incluindo temas como a morte. Por exemplo: "... acreditar em Deus; ... que a vida tenha algum sentido."

Posse (P) – tudo o que se refere aos desejos de posse e apropriação de objetos. Por exemplo: "... ter um carro esporte; ... comprar um apartamento na praia."

Lazer (L) – trata-se das atividades feitas apenas por divertimento, para recreação, relaxamento, prazer sensorial (em oposição às atividades de trabalho). Por exemplo: "... sair com meus amigos no final de semana; ... ir a um baile para dançar a noite toda."

Teste (Tt) – todas as respostas relacionadas à pesquisa em andamento. Por exemplo: "... conseguir ir até o fim do teste; ... ajudar vocês neste estudo. '

Não-classificada (U) respostas não-classificáveis, sem especificação, de compreensão incerta, em branco ou irrelevante em relação ao indutor motivacional (como a declaração de um fato).

